

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Thaís Cristina Marques dos Reis

Pensamento, percepção, estresse e distresse no Rorschach de estudantes
da universidade pública com ideação suicida

São Paulo
2023

THAÍS CRISTINA MARQUES DOS REIS

**Pensamento, percepção, estresse e distresse no Rorschach de
estudantes da universidade pública com ideação suicida**

Versão corrigida

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obter o título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Andrés Eduardo
Aguirre Antúnez

Co-orientadora: Profa. Dra. Latife Yazigi

São Paulo

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marques-Reis, Thaís Cristina

Pensamento, percepção, estresse e distresse no Rorschach de estudantes da universidade pública com ideação suicida / Thaís Cristina Marques-Reis; orientador Andrés Eduardo Aguirre Antúnez; co-orientadora Latife Yazigi. -- São Paulo, 2022.

141 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Psicologia. 2. Estudantes universitários. 3. Suicídio. 4. Avaliação Psicológica. 5. Teste de Rorschach. I. Antúnez, Andrés Eduardo Aguirre, orient. II. Yazigi, Latife, co-orient. III. Título.

Nome: Marques-Reis, Thaís Cristina

Título: Pensamento, percepção, estresse e distresse no Rorschach de
estudantes da universidade pública com ideação suicida

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obter o título de Doutor em Ciências

Aprovada em: 16 de dezembro de 2022

Banca Examinadora

Prof.Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: APROVADA

Profa. Dra. Anna Elisa de Villemor-Amaral

Instituição: Universidade São Francisco

Julgamento: APROVADA

Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: APROVADA

Profa. Dra. Lucila Moraes Cardoso

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Julgamento: APROVADA

Profa. Dra. Maria Elisabeth Montagna

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Julgamento: APROVADA

*Às pessoas que enfrentam barreiras para desejarem permanecer vivas,
nossa tentativa de ajudar a tornar menos árduo este processo...*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, que com paciência e sensibilidade me guiou ao longo de todo percurso deste trabalho.

À minha co-orientadora Latife Yazigi, por tantos anos me ensinando os recônditos caminhos para compreender profundamente as pessoas. Espero que um dia eu aprenda.

A toda minha família, em especial meu esposo Fabinho e minha filha Alice que compreensivamente abriram mão de minha presença em diversos momentos para que eu pudesse me dedicar à realização desta tarefa. E aos meus pais, Maria Elena e José, que valorizaram e apoiaram desde sempre minha formação como pessoa e como acadêmica.

A tantos colegas que me auxiliaram neste trabalho: Aimée Marcella Martins, pela ajuda na coleta de dados; Giselle Pianowski, Ana Cristina Resende, Mayara Salgado, Gabriel Gomes e Rodrigo Perissinotto pela gentil colaboração como juízes de codificação dos protocolos e que, junto com Ruam Pimentel e Ana Carolina Zuanazzi, também contribuíram com a ricas discussões de diversas respostas dos protocolos.

A todos os colegas do Escritório de Saúde Mental e Laboratório de Saúde Mental Multimétodos que em nossas tantas reuniões contribuíram com reflexões fundamentais no atendimento aos alunos; e em especial a Erika Colombo que compartilhou o percurso do doutorado e ao Alfredo Chaves, colega da temática do Rorschach.

Aos estudantes da USP participantes desta pesquisa, que cederam um pouco de si mesmos para que pudéssemos nos embrenhar na busca em compreendê-los.

À CAPES e ao Instituto de Psicologia da USP que forneceram subsídios financeiros e intelectuais para que todo o trabalho fosse realizado.

“Por quê?”

Quem faz essa pergunta se encontra diante de um enigma, algo que não entende. Não entende e dói. É preciso que o não entendido doa para que a pergunta brote.”

(Rubem Alves, 1999, p. 171)

“Porque cada um de vós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertences-lhe.”

(José Saramago, 2005, p. 73)

*“Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.”*

(Carlos Drummond de Andrade, 2012, p. 53)

RESUMO

Marques-Reis, T. C. (2022). *Pensamento, percepção, estresse e distresse no Rorschach de estudantes da universidade pública com ideação suicida*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Suicídio é o ato de causar a própria morte intencionalmente e segundo a Organização Mundial da Saúde deve ser tomado como prioridade na saúde pública. O objetivo deste trabalho foi avaliar aspectos de pensamento, percepção, estresse e distresse por meio do Sistema de Avaliação por performance no Rorschach (R-PAS) de alunos com risco de suicídio, para compreender o funcionamento psicológico e as dificuldades psíquicas destes estudantes e o *Self Report Questionnaire* (SRQ-20) e a Escala de Avaliação do Risco de Suicídio de Columbia (C-SSRS). Foram avaliados 36 estudantes de uma universidade pública. Trinta e um alunos apresentaram indicativo de perturbação psicoemocional ($SRQ-20 \geq 7$), vinte e dois alunos relataram desejo de estar morto ou pensamentos suicidas nos últimos seis meses; oito alunos já tiveram ao menos uma tentativa de suicídio (C-SSRS); quinze alunos relataram comportamento autolesivo não suicida (CANS). No R-PAS, estudantes com ideação mostraram estar mais defendidos na tarefa, demonstraram mais pensamentos desorganizados e aumento de afetos negativos relacionados a vivências de estresse situacional, desamparo, desespero, traumas, preocupações com o próprio corpo e sentimento de exposição e vulnerabilidade. Houve indícios de maior complexidade de vivências dos estudantes com CANS, com possível dificuldade de administrar os sentimentos, bem como maior identificação com agressividade. Os estudantes com histórico de tentativa de suicídio mostraram maior desorganização de pensamento e aumento de preocupação com o corpo. Foram também realizadas análises qualitativas dos protocolos dos estudantes com ideação e verificou-se problemas relacionados à percepção e pensamento demonstrados pela maioria dos estudantes e os sentimentos angustiantes que vivenciavam, fazendo-os transbordar e recorrer a mecanismos de enfrentamento que não estavam a serviço de um instinto de permanecer vivo. Concluimos que o apoio terapêutico poderia ser relevante entre a vida e a

morte para alguns destes estudantes, e para a redução da carga de sofrimento. O compartilhamento destes sentimentos angustiantes com outra pessoa, a criação de um vínculo efetivo com um terapeuta e a percepção de se sentirem compreendidos e acolhidos por um outro pode ter efeito positivo e terapêutico. Parece ser fundamental a criação de espaços para cuidar dos estudantes, e este pode ser ponto essencial na diminuição da angústia e, conseqüentemente, na prevenção de suicídios.

Palavras-chave: Psicologia Clínica. Avaliação Psicológica. Suicídio. Teste de Rorschach. Saúde Mental.

ABSTRACT

Marques-Reis, T. C. (2022). *Thought, perception, stress and distress in the Rorschach of public university students with suicidal ideation*. (Doctoral thesis). Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

Suicide is the act of causing one's own death intentionally and according to the World Health Organization should be taken as a priority in public health. The objective of this study was to assess aspects of thinking, perception, stress and distress through the Rorschach Performance Assessment System (R-PAS) of students at risk of suicide, in order to understand the psychological functioning and difficulties of these students, and the Self Report Questionnaire (SRQ-20) and the Columbia Suicide Risk Assessment Scale (C-SSRS). Thirty-six students from a public university were evaluated. Thirty-one students showed signs of psycho-emotional disturbance ($SRQ-20 \geq 7$), twenty-two students reported they wish to be dead, or they had suicidal thoughts in the last six months; eight students have had at least one suicide attempt (C-SSRS); fifteen students reported non-suicidal self-injurious behavior (NSSIB). In the R-PAS, students with ideation showed to be more defended in the task, showed more disorganized thoughts and increased negative affects related to experiences of situational stress, helplessness, despair, trauma, concerns about their own body, and feeling of exposure and vulnerability. There were indications of greater complexity of experiences of students with NSSIB, with possible difficulty in managing feelings, as well as greater identification with aggression. Students with a history of attempted suicide showed greater disorganization of thought and increased concerns about their bodies. Qualitative analyzes of students' protocols with ideation were also done, and problems related to perception and thinking of most students and the distressing feelings they experienced were verified, causing them to overflow and betake coping mechanisms that were not at the service of an instinct to stay alive. We conclude that therapeutic support is a key factor between life and death for some of these students, and for reducing the burden of suffering. Sharing these distressing feelings with another person, creating an effective link with a

therapist, and feeling understood and sheltered by someone could have a positive and therapeutic effect. It seems to be essential to create spaces to care for students, and this could be an essential point in reducing anguish and, consequently, in preventing suicides.

Keywords: Clinical Psychology. Psychological Assessment. Suicide. Rorschach test. Mental health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formação dos estudantes avaliados	41
Figura 2 - Distribuição dos alunos avaliados a partir das unidades de ensino de que são oriundos	42
Figura 3 - Frequência de cada soma de pontuação no Self Report Questionnaire-20 (SRQ-20)	42
Figura 4 - Imagem referida pelo Aluno 5, Mandelbrot set	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Ficções e fatos relacionados ao suicídio	24
Tabela 2 -	Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito r das variáveis, sendo o Grupo 1 dos estudantes sem ideação suicida nos últimos 30 dias e o Grupo 2, estudantes com ideação nos últimos 30 dias	45
Tabela 3 -	Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito r das variáveis, sendo o Grupo 3 dos estudantes sem ideação suicida nos últimos seis meses e o Grupo 4, estudantes com ideação suicida ativa nos últimos seis meses.....	49
Tabela 4 -	Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito r das variáveis, sendo o Grupo 5 dos estudantes sem CANS e o Grupo 6, estudantes com CANS.....	54
Tabela 5 -	Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito r das variáveis, sendo o Grupo 7 dos estudantes que nunca tentaram suicídio e o Grupo 8, estudantes com histórico de tentativa de suicídio	57
Tabela 6 -	Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito r das variáveis, sendo o Grupo 7-A dos estudantes que nunca tiveram ideação suicida e o Grupo 8, estudantes com histórico de tentativa de suicídio	59
Tabela 7 -	Variáveis selecionadas para análise e os respectivos significados e interpretações	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Protocolo de Rorschach do Aluno 5	73
Quadro 2 -	Protocolo de Rorschach da Aluna 9	83
Quadro 3 -	Protocolo de Rorschach da Aluna 10	87
Quadro 4 -	Protocolo de Rorschach do Aluno 14	91
Quadro 5 -	Protocolo de Rorschach da Aluna 18	95
Quadro 6 -	Protocolo de Rorschach da Aluna 31	102
Quadro 7 -	Protocolo de Rorschach da Aluna 32	112
Quadro 8 -	Protocolo de Rorschach do Aluno 33	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 SUICÍDIO: DEFINIÇÕES, CONTEXTO HISTÓRICO E ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS	19
3 MÉTODO DE RORSCHACH E O SUICÍDIO	26
3.1 Domínio de Problemas de Percepção e Pensamento	29
3.2 Domínio de Estresse e Distresse	33
4 MÉTODO	36
4.1 Ambiente	36
4.2 Participantes	36
4.3 Materiais	36
4.4 Procedimento	37
4.5 Forma de análise dos resultados	37
4.6 Análise dos aspectos éticos	40
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
5.1 Descrição da amostra	41
5.2 Análises com R-PAS	44
5.2.1 Análise dos estudantes com ideação suicida e sem ideação nos últimos 30 dias	45
5.2.2 Análise dos estudantes com ideação suicida e sem ideação nos últimos seis meses	49
5.2.3 Análise dos estudantes com comportamento autolesivo não suicida e estudantes sem comportamento autolesivo não suicida	54
5.2.4 Análise dos estudantes com histórico de tentativa de suicídio e estudantes sem tentativas durante a vida	57
5.2.5 Análise dos estudantes que nunca tiveram ideação suicida e dos estudantes com tentativa de suicídio	59
5.2.6 Análises qualitativas comparando estudantes que nunca tiveram ideação suicida com estudantes com tentativas de suicídio	62
5.2.7 Comparação entre a C-SSRS e o Composto Preocupação com Suicídio do R-PAS (SC-Comp)	71
5.3 Análises qualitativas dos protocolos dos estudantes com tentativa de suicídio	72

5.3.1 Aluno 5	72
5.3.2 Aluna 9	82
5.3.3 Aluna 10	86
5.3.4 Aluno 14	91
5.3.5 Aluna 18	94
5.3.6 Aluna 31	101
5.3.7 Aluna 32	111
5.3.8 Aluno 33	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	134

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) a cada ano mais de 700 mil pessoas morrem por suicídio, sendo que entre jovens de 15 a 29 anos é a quarta maior causa de morte, depois de acidentes de trânsito, tuberculose e violências interpessoais. Em oposição aos demais continentes do mundo, que têm exibido uma redução no número de mortes por suicídio desde 2000, as três Américas aumentaram em 17% neste mesmo período. Além das mortes por suicídio, as tentativas de suicídio têm número ainda maior e os danos causados aos familiares e à comunidade são incomensuráveis. Trata-se de um problema que deve ser tomado com prioridade na saúde pública (WHO, 2021a, 2021b).

O mais recente cálculo da taxa de mortes por suicídio no Brasil é de 6,9 para cada 100 mil habitantes, sendo de 3,0 mulheres para cada 100 mil habitantes e de 10,9 homens para cada 100 mil habitantes (WHO, 2021a). Entre os anos de 2011 e 2016, foram registrados no Brasil mais de 176 mil casos de lesão autoprovocada, sendo identificada tentativa de suicídio em mais de 48 mil casos, com pouco mais de dois terços realizado por mulheres (Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde [SVS-MS], 2017). No entanto, sabe-se que estes números são subestimados, pois são baseados em dados oficiais do assinalamento em atestados de óbito da causa da morte e da Vigilância de Violências e Acidentes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (VIVA/Sinan), o que muitas vezes não é preciso. Muitas mortes por atropelamento, envenenamento, acidentes automobilísticos, entre outras, podem ter uma intenção suicida, sem que tal intenção seja identificada (Cassorla, 2017) e também que a autolesão não seja identificada pelo profissional como tentativa de suicídio. Além disso, causas de morte estigmatizadas, como o HIV e suicídio, são reconhecidamente subnotificados (WHO, 2020). Assim, é bem provável que tentativas de suicídio e mortes por suicídio tenham ocorrência superior ao que é revelado pelas estatísticas.

O suicídio pode ser definido como o ato de causar a própria morte intencionalmente. A fim de definir os termos utilizados neste trabalho, as tentativas de suicídio ocorrem quando a pessoa sobrevive à tentativa de se matar, os planos suicidas são relacionados ao planejamento para efetivar o ato

(Barlow & Durand, 2014/2015) e a ideação suicida se relaciona a pensamentos autodestrutivos e à ideia de que não vale a pena viver, podendo envolver desejos, atitudes e/ou planos para acabar com a própria vida (Ramírez et al., 2020).

Fica evidente a extrema necessidade de se estudar aspectos relacionados ao suicídio, como fatores de risco, fatores preventivos, motivações, para que os profissionais de saúde possam lidar de maneira mais efetiva com as pessoas propensas ao ato suicida.

Este estudo foi concebido e delineado partindo dessa necessidade, a fim de contribuir com a compreensão da ideação suicida em pessoas de uma faixa significativa da sociedade – estudantes universitários de uma universidade pública. Evidentemente, mais estudos com outras faixas da sociedade e mesmo com estudantes de outros locais do estado e do país são necessários, mas trata-se de uma contribuição e de um molde que pode ser reproduzido em outros ambientes.

Desta forma, os objetivos desta pesquisa são:

a) Geral: Avaliar indicadores do funcionamento psicológico associados a pensamento, percepção, estresse e distresse por meio do teste de Rorschach Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS) de alunos com risco de suicídio que procuram acolhimento em um programa de saúde mental da Universidade de São Paulo.

b) Específicos:

- Fazer o levantamento do perfil de personalidade por meio do teste de Rorschach, avaliar a saúde mental e o risco de suicídio de usuários do serviço;
- Avaliar as diferenças no Rorschach entre:
 - estudantes com ideação suicida e estudantes sem ideação suicida;
 - estudantes com comportamento autolesivo não suicida e estudantes sem este comportamento;
 - estudantes com histórico de tentativa de suicídio e estudantes que nunca tentaram;
 - estudantes que nunca pensaram em suicídio e estudantes com histórico de tentativa;
- Correlacionar risco de suicídio com distresse e com transtornos de pensamento;

- Comparar o risco de suicídio medido pelos instrumentos de autorrelato e pelo Rorschach.

Para isto, serão compostos dois capítulos contendo aspectos teóricos referentes aos temas acima descritos. No capítulo dois abordaremos definições, contexto histórico e aspectos epidemiológicos relacionados ao suicídio, para que o leitor possa compreender todo o pano de fundo no qual esta pesquisa é realizada. No capítulo três trataremos o método de Rorschach, fazendo articulações com temáticas referentes ao suicídio já abordadas por meio deste instrumento.

2 SUICÍDIO: DEFINIÇÕES, CONTEXTO HISTÓRICO E ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos as definições referentes ao suicídio, à maneira como foi tratado historicamente, ora considerado como uma morte honrosa, ora condenado nas diversas culturas e momentos históricos. Também será realizada uma busca dos estudos recentes relacionados à compreensão do suicídio, bem como aos aspectos epidemiológicos.

A palavra *suicídio* remonta do século XVII embora existam registros de que atos suicidas ocorreram desde o século IV a.C. (Botega, 2015; Encyclopaedia Britannica, 2017). Ao longo da história, foi ora condenado, ora tolerado nas diversas sociedades, incluindo as ocidentais modernas. Nas sociedades primitivas, o suicídio ocorria de maneira deliberada e ritualística, por meio do qual o homem poderia alcançar uma imortalidade fantasiosamente gloriosa. Na Grécia antiga, havia grande tolerância em relação ao suicídio. Uma exceção a isto se dava quando o ato parecia ser um desrespeito imotivado aos deuses. Nestes casos, eram negadas ao morto as honras da sepultura regular, além dele ter a mão decepada e enterrada à parte. Os estoicos romanos, a partir do século II a.C., tinham o suicídio como uma saída desejável baseada no ideal da indiferença frente ao inevitável, a *apatheia*. Foi só a partir do século V, com Constantino, que

o Estado romano totalitário retirou do indivíduo comum o direito de dispor da própria vida. Havia fome, epidemias, guerra. Havia baixa natalidade, e faltavam alimentos e mão de obra. A vida dos colonos e dos escravos pertencia ao seu senhor. O suicida passou a ser culpabilizado, e seus familiares tinham os bens confiscados (Botega, 2015, p. 18).

Desde a Idade Média, a sociedade ocidental usou primeiro a lei canônica e, posteriormente, a lei criminal para tentar combater o suicídio. Como estratégias, utilizava-se um misto de exorcismo, castigo e dissuasão, com práticas como arrastar o cadáver com um cavalo até uma forca onde ele era colocado de cabeça para baixo, enterros em encruzilhadas para dissipar a energia maléfica, exposição do corpo nu do cadáver. Santo Agostinho tornou o suicídio um pecado mortal, com a ideia de que, se a vida era dada por Deus, desfazer-se dela seria contrariar sua vontade. Mudanças no “*status legal*” do

suicídio, no entanto, parecem ter tido pouca influência em taxas de suicídio (Botega, 2015; Encyclopaedia Britannica, 2017).

Já atitudes de tolerância do suicídio podiam ser observadas entre os *brahmas* da Índia: havia admiração pelo *suttee*, suicídio de viúvas, no qual elas se jogavam na pira do falecido marido ou se matavam de outra maneira logo após a morte dele. Também no Japão feudal o *harakiri* ou *seppuku* era a prática pela qual samurais tiravam a própria vida cortando o abdômen, considerada uma maneira efetiva de demonstrar coragem, autocontrole e forte determinação do samurai, bem como de provar a sinceridade de seu propósito. As mulheres dentro da classe samurai também praticavam um suicídio ritual, o *jigai*, que ocorria ao cortar a própria garganta. Ainda, monges e monjas budistas efetuavam o suicídio como forma de protesto social. Na segunda guerra mundial, os japoneses usaram os *kamikazes*, homens-bomba considerados precursores dos atuais homens-bomba terroristas pertencentes a grupos extremistas islâmicos do século XX e XXI (Encyclopaedia Britannica, 2015, 2017, 2018).

A partir da Revolução Francesa de 1789, as penalidades criminais por tentativa de suicídio foram sendo abolidas nos países europeus, sendo a Inglaterra o último, em 1961. Além disso, muitos países, bem como muitos estados norte-americanos, também adotaram leis referentes a ajudar alguém a suicidar-se. O suicídio assistido por médicos para doentes terminais foi legalizado em alguns estados norte-americanos (Encyclopaedia Britannica, 2017).

Afinal, o que leva as pessoas a se suicidarem? Essas motivações são complexas, com origens múltiplas e as hipóteses levantadas seriam meras aproximações de uma compreensão mais global e completa. Além disto, as motivações podem variar enormemente de indivíduo para indivíduo. Assim, podemos nos aproximar de índices que possam se referir às causas, como fatores de risco, fatores de proteção, eventos associados, entre outros.

Para Botega (2015), os fatores de risco para o suicídio podem ser localizados em diferentes esferas. A primeira delas é referente aos fatores sociodemográficos: sexo masculino, adultos jovens entre 19 e 49 anos de idade e idosos, estado civil viúvo, divorciado ou solteiro, orientação homossexual ou bissexual, religião protestante tradicional e ateus, e grupos

étnicos minoritários figuram entre os fatores mais associados ao suicídio. De fato, entre as minorias sexuais (homossexuais, bissexuais) e minorias relacionadas ao gênero (transgêneros, não binários, entre outros) há maior prevalência de suicídio e de comportamento suicida ao longo da vida, sendo que as tentativas de suicídio correm em 4% na população geral, em 11% nas minorias sexuais e em 40% nas minorias de gênero (Busby et al., 2020). A segunda esfera se refere aos transtornos mentais. Segundo Bertolote e Fleischmann (2002), é um dado conhecido de que mais de 90% das pessoas que se suicidam apresentam algum diagnóstico de transtorno mental no momento da morte. Dentre os transtornos de maior risco estão: depressão, transtorno bipolar, abuso e/ou dependência de álcool e outras drogas, esquizofrenia, transtornos da personalidade, especialmente o *borderline*. Além disso, as comorbidades psiquiátricas, história familiar de doença mental, ausência de tratamento, ideação e planos suicidas, tentativas de suicídio pregressas e história familiar de suicídio são outros fatores associados dentro da esfera dos transtornos mentais (Botega, 2015). No entanto, a ideação suicida ocorre também na população geral, fora de contextos psiquiátricos (Sojer et al., 2021). A própria ideação suicida é um dos principais preditores do suicídio consumado (Bostwick et al., 2016; Hubers et al., 2018).

No âmbito dos fatores psicossociais, há diversas associações, entre elas, abuso físico ou sexual, perda ou separação dos pais na infância, instabilidade familiar, ausência de apoio social, isolamento, perda recente ou outro acontecimento estressante, datas importantes, desemprego, aposentadoria, entre outros. Além destes, o acesso a meios letais como armas de fogo e venenos, ter doenças físicas incapacitantes, terminais, estigmatizantes ou dolorosas e frágil relação terapêutica podem ser citados como outros fatores de risco para além das esferas supracitadas. Em pessoas jovens, é mais frequente tentativas de suicídios repetidas quando comparadas a pessoas de maior idade; em contraste, as tentativas praticadas por pessoas mais velhas parecem ser mais severas (Brådvik & Berglund, 2009). Para prevenção de novas tentativas, o encaminhamento da pessoa que fez uma tentativa para atendimento psiquiátrico em no máximo uma semana mostrou-se uma medida efetiva (Kim et al., 2022). Ainda, há estudos em diversos países que apontam maior taxa de suicídios na primavera do que em outras estações

do ano e parece haver influência da temperatura, da umidade do ar, da duração do dia e da intensidade da luz do sol (Vyssoki, Kapusta, Praszak-Rieder, Dorffner, & Willeit, 2014; Akkaya-Kalayci et al., 2017).

Importante também salientar que é necessário observar fatores predisponentes e precipitantes na avaliação do suicídio (Botega, 2015), pois:

O suicídio é multideterminado por um conjunto de fatores de diferentes naturezas, externos e internos ao indivíduo, que se combinam de modo complexo e variável. Vale lembrar que a análise das causas de um suicídio por meio do conjunto de fatores predisponentes é mais complexa do que a análise isolada de um acontecimento recente (fato precipitante), como uma perda significativa ou um rompimento amoroso (Botega, 2015, pp. 88-89).

Ou seja, a análise das causas de um suicídio precisa ir muito além do senso comum de dizer que um evento recente na vida de uma pessoa foi a única causa de um suicídio.

Um grande desafio na literatura a respeito do suicídio tem sido identificar fatores que predizem tentativas de suicídio e não somente ideação suicida (Klonsky, Qiu, & Saffer, 2017; Qiu, Klonsky, & Klein, 2017; Stack, 2014; Klonsky, May, & Saffer, 2016, Klonsky & May, 2014). Fatores comumente ligados ao suicídio como desesperança, transtornos mentais e impulsividade não distinguem entre pessoas com ideação suicida de pessoas que partem para tentativas. Esta diferenciação pode ser crucial na prevenção de suicídios, porque a maioria das pessoas com ideação não fazem tentativas (Klonsky, Qiu, & Saffer, 2017). O comportamento autolesivo não suicida (CANS) também é um fator de risco e, embora a maioria das pessoas com CANS não faça uma tentativa, a maioria das pessoas que tentam suicídio têm histórico de CANS (Brausch, Williams, & Cox, 2016). Um fator que se apresentou relevante para esta diferenciação é o envolvimento com violência (Stack, 2014), sendo referente a envolvimento em brigas corporais, sofrer violência física de um parceiro e a prontidão para violência, avaliado por portar armas de fogo ou brancas.

Os estudantes universitários são considerados particularmente suscetíveis ao suicídio devido a desafios inerentes deste período da vida, como a adaptação a uma nova rotina de estudo e a novas pressões acadêmicas, viver longe da família, fazer novos amigos, etc. Além disso, a maioria dos estudantes universitários encontra-se em uma idade de frequente incidência de transtornos mentais (Akram et al., 2020; Costa et al., 2019;

Ramírez et al., 2020). Considerando a população universitária global, o suicídio é a segunda principal causa de morte e a estimativa é de que a taxa anual de suicídio seja de 7,5 para cada 100 mil estudantes universitários. Cerca de 8% dos alunos da graduação e 5% dos alunos da pós-graduação já tentaram suicídio e até 32% dos estudantes tiveram pensamentos suicidas em algum momento da vida (Costa et al., 2019).

Há muitos anos a OMS trabalha para a prevenção do suicídio. Em 1999 lançou o SUPRE, uma iniciativa mundial para a prevenção do suicídio. Em um dos documentos (OMS, 2000a) publicou um quadro de sumário dos passos para a prevenção do suicídio, no qual orienta condutas de acordo com o sintoma em um crescente de risco de suicídio, desde problemas emocionais, os quais se deve escutar empaticamente, tomando o cuidado de perguntar a respeito de pensamentos suicidas, até ideias suicidas concomitante a transtornos psiquiátricos com tentativas prévias de suicídio, caso em que a recomendação é a internação.

Em 2006 foram lançadas diretrizes brasileiras para um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio (Botega, Werlang, Cais, & Macedo, 2006). Elas englobam o desenvolvimento de “estratégias de promoção de qualidade de vida, de educação, de proteção e de recuperação da saúde e de prevenção de danos” (p. 218); de conscientização social sobre a possibilidade de prevenção do suicídio, de organização de serviços de cuidados integrais, identificação de determinantes e condicionantes do suicídio e também de fatores protetores; estudos para projetos estratégicos de custo-efetividade; e também promover educação dos profissionais de saúde de acordo com os princípios da integralidade e da humanização. A intenção deste plano é que possam ser proporcionadas às pessoas estratégias para enfrentarem as situações e doenças geradoras de sofrimento para as quais veem o suicídio como única saída.

No senso comum, há muitas ideias errôneas relacionadas ao suicídio, o que contribui para a dificuldade das pessoas que pensam em suicídio exporem o que sentem e pensam. É necessário desfazer mitos e estigmas para melhores efeitos em prevenção do suicídio. Em um outro documento relacionado ao SUPRA, a OMS (2000b), resume as crenças errôneas e fatos relacionados ao suicídio, que podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1 - Ficções e fatos relacionados ao suicídio

Ficção	Fato
1. Pessoas que ficam ameaçando suicídio não se matam.	1. A maioria das pessoas que se matam deram avisos de sua intenção.
2. Quem quer se matar, se mata mesmo.	2. A maioria dos que pensam em se matar, têm sentimentos ambivalentes.
3. Suicídios ocorrem sem avisos.	3. Suicidas frequentemente dão ampla indicação de sua intenção.
4. Melhora após a crise significa que o risco de suicídio acabou.	4. Muitos suicídios ocorrem num período de melhora, quando a pessoa tem a energia e a vontade de transformar pensamentos desesperados em ação autodestrutiva.
5. Nem todos os suicídios podem ser prevenidos.	5. Verdade, mas a maioria pode-se prevenir.
6. Uma vez suicida, sempre suicida.	6. Pensamentos suicidas podem retornar, mas eles não são permanentes e em algumas pessoas eles podem nunca mais retornar.

Fonte: (OMS, 2000b)

Para melhor atender as pessoas com ideação suicida, embora possa parecer algo óbvio, a recomendação da OMS é de se manter uma atitude calma, aberta, de aceitação e livre de julgamentos, para que, com o vínculo, elas possam ter esperança de que as coisas possam melhorar (OMS, 2000b).

Com relação à temática do suicídio no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-5 (American Psychiatric Association [APA], 2013/2014), há uma sessão denominada 'condições para estudos posteriores', na qual são trazidas uma série de condições para as quais são necessárias pesquisas adicionais, que podem ser classificadas como transtornos em edições subsequentes do manual. Entre elas, encontra-se o Transtorno do Comportamento Suicida (p. 801). Para ser diagnosticado com este transtorno, uma pessoa teria de ter passado por uma tentativa de suicídio dentro dos 24 meses anteriores, descartando-se autolesões sem intenção de suicídio, outras condições que poderiam levar à prática do ato de maneira menos intencional ou por motivos políticos e religiosos. No DSM-5-TR (2022), ainda sem tradução para a língua portuguesa, o Transtorno do Comportamento Suicida se mantém na categoria de condições para estudos posteriores (p. 921). Além disso, parece haver maior foco para aspectos relacionados ao suicídio neste manual do que nos anteriores. Na descrição de cada transtorno, há um tópico a parte da "Associação com pensamentos ou comportamento suicidas", onde são descritos a prevalência de pensamento e comportamento suicida para o transtorno e os fatores de risco para o suicídio associados ao transtorno. Por fim, comportamento suicida e autolesão não suicida também estão incluídos

como “Outras condições que podem ser foco de atenção clínica” (p. 822), que englobam esta e outras condições psicossociais e do ambiente que poderiam afetar diagnóstico, prognóstico, curso ou tratamento do transtorno mental de uma pessoa.

Em suma, podemos perceber como a temática do suicídio é complexa, envolve diversos âmbitos da vida intrapsíquica, social, cultural, e que não pode ser tomada de maneira simplista ou reducionista. Muitos esforços são necessários para compreensão e acolhimento das pessoas que sofrem por terem pensamentos suicidas e também para tentarmos identificar precocemente pessoas que possam vir a efetivar o suicídio, a fim de ajudá-las no intenso sofrimento que experimentam. É um desafio posto a profissionais de todas as áreas de atuação e de pesquisa.

3 MÉTODO DE RORSCHACH E O SUICÍDIO

Neste capítulo, abordamos o método de Rorschach, as contribuições já existentes para compreensão e estudo de aspectos relacionados à ideação suicida e ao suicídio consumado.

No campo da psicologia, testes e instrumentos psicológicos são utilizados para contribuir na compreensão estrutural e dinâmica de pessoas com diversos tipos de transtornos e condições psíquicas. Segundo Chabert (1987/1993), a atualidade clínica inevitavelmente confronta os profissionais com a questão da compreensão profunda do sofrimento psíquico para melhorar formas de tratamento.

Trata-se, com efeito, de apreender as modalidades de funcionamento que a psique de um sujeito, geralmente em estado de sofrimento, dispõe, para visar, com e para este sujeito, os recursos terapêuticos que lhe permitam viver o melhor possível com suas possibilidades. A diversificação dos meios terapêuticos, o refinamento das técnicas de cuidados, se impuseram por causa da diferenciação cada vez mais sutil dos modelos psicopatológicos. Os tratamentos se individualizam e se singularizam de acordo com a diversidade e a originalidade de funcionamentos mentais específicos (Chabert, 1987/1993, p.1)

É nessa perspectiva que os testes projetivos se fazem úteis para a profunda compreensão do funcionamento do indivíduo e, posteriormente, se pensar em estratégias específicas de tratamento. Podem, assim, contribuir enormemente para compreensão do sujeito com ideação suicida e para se pensar em melhores estratégias de abordagem desta condição.

O método de Rorschach é um teste projetivo já reconhecido pela psicologia no campo da avaliação psicológica. Conforme nos esclarece Weiner (1998/2000), trata-se de um instrumento adequado do ponto de vista psicométrico, que

apresenta características objetivas e subjetivas de avaliação, presta-se à investigação da percepção e da associação, explora a estrutura e a dinâmica da personalidade e funciona não apenas como um teste, mas como um método multifacetado de coleta de dados referentes a processos da personalidade (p. 36).

Kumar, Nizamie, Abhishek e Prasanna (2014), em sua revisão para verificar o papel dos testes projetivos na identificação da ideação suicida, concluem que estes instrumentos podem ser úteis sobretudo nos casos em

que as pessoas têm ideação suicida, mas buscam ocultar e não as expressam nem nas entrevistas ou nas escalas de avaliação de suicídio (falsos negativos).

A publicação de Hermann Rorschach feita em 1921 (Rorschach, 1921/1974) não aborda a temática do suicídio. Somente estudos posteriores buscaram alguma correlação entre o método de Rorschach e o suicídio. Yazigi (1979) resgata o pensamento acerca do suicídio de autores referência do método de Rorschach, Beck e Hertz, afirmando que, para eles, o indivíduo suicida teria como aspectos de personalidade intensos conflitos internos, junto de uma estrutura neurótica, possivelmente compulsiva, além de ansiedade, estados depressivos e constrição. Apesar de o método de Rorschach ser usado há mais de 50 anos para avaliar comportamento suicida (Blasczyk-Schiep, Kazén, Kuhl, & Grygielski, 2011), há poucos estudos recentes sobre suicídio utilizando o Rorschach como instrumento de avaliação. Ao buscar na base de dados *Web of Science* pelos termos *Rorschach* e *suicide*, encontramos 57 artigos; na base *Pubmed*, os mesmos termos exibem 117 resultados, sendo somente 18 artigos com data igual ou posterior a 2002 (busca realizada em nov/2022). Em um recente estudo, Palmieri et al. (2019) escolheram o Rorschach como instrumento porque foi considerado capaz de avaliar a ideação suicida apesar da resistência consciente ou inconsciente de expressar o desejo de se matar; este estudo envolveu sobreviventes do suicídio, ou seja, pessoas que perderam um familiar, amigo ou alguém que amam decorrente de suicídio.

O Sistema de Avaliação por Performance do Rorschach (R-PAS) propõe um método baseado em evidências, com alto rigor conceitual e empírico, que leva em consideração as pesquisas mais recentes disponíveis, além de ser internacionalmente orientado. Segundo os autores, o Rorschach pode avaliar o desempenho do sujeito que faz o teste, permitindo

uma observação e uma codificação padronizadas, in vivo, da percepção e da sua convencionalidade (também conhecida como teste de realidade), da resolução de problemas e do estilo de enfrentamento, do processamento da informação e do pensamento, bem como do comportamento interpessoal; a sua sensibilidade às representações características de si próprio e dos outros e aos esquemas das suas interações; a sua amostragem dos interesses, objetivos e preocupações mais salientes; a sua capacidade de produzir relatórios ricos, multifacetados, com apreciável conteúdo idiográfico (Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2011/2017, p. 8)

Desta forma, é evidente a riqueza dos dados passíveis de serem obtidos por meio deste método. O R-PAS poderia, então, contribuir significativamente para a compreensão das pessoas com ideação e tentativas de suicídio, acessando seus aspectos emocionais e de pensamento para que, assim, seja possível compreender ainda mais a personalidade de jovens com essas problemáticas e contribuir para um bom diagnóstico da situação, tratamento e eventualmente criar serviços e políticas voltados às necessidades específicas.

No R-PAS, as variáveis resultantes da codificação dos protocolos estão divididas em cinco domínios referentes a diferentes aspectos do funcionamento mental do indivíduo. Isso significa que é naquela área que a dada variável dispõe de maiores evidências de pesquisa e validade comportamental, não sendo possível afirmar que ela se restrinja somente àquela área, mas que é mais provável que cada variável tenha implicações em múltiplos aspectos do funcionamento. Assim, prevalecem os seguintes domínios: (1) *Comportamento e Observações da Aplicação*, que apresenta dados relacionados ao processo e ao número de respostas e às rotações da prancha; (2) *Engajamento e Processamento Cognitivo*, que abarca aspectos cognitivos, de solução de problemas, estilos de enfrentamento e de adaptação ao mundo; (3) *Problemas de Percepção e Pensamento*, que englobam distorções perceptivas e perturbações na organização e no conteúdo do pensamento, características da psicose; (4) *Estresse e Distresse*, que se relacionam a desconfortos afetivos e à confusão emocional, ainda que não necessariamente autorrelatada; e (5) *Representação de Si e Outros* se refere às relações de objeto e interpessoais e ao esquema de si, que inclui autoimagem e experiência de si, além da competência interpessoal (Meyer et al., 2011/2017).

Para a presente pesquisa, ao considerar a esfera intrapessoal da avaliação psicológica proposta, escolheu-se fazer o recorte e focar nos aspectos de Percepção e Pensamento, ao se levantar a hipótese que a ideação suicida poderia estar atrelada a peculiaridades do pensamento do sujeito. Além disso, o agrupamento Estresse e Distresse, porque também um nível elevado de estresse e de desconfortos afetivos poderia estar associado ao pensamento suicida. Interessa neste ponto, os aspectos internos que levam ao pensamento suicida; conforme vimos, a maioria das pesquisas acerca da

temática do suicídio focam em aspectos observáveis externamente ou autorrelatados. A contribuição deste estudo se dá na ampliação da compreensão do aspecto individual e interno de cada sujeito. É importante expor que as dimensões social, relacional, de desenvolvimento e psicopatológica não são por nós desconsideradas como fatores contribuintes do suicídio.

3.1 Domínio de Problemas de Percepção e Pensamento

Diversos estudos já demonstraram a validade das variáveis presentes no agrupamento de Problemas de Percepção e Pensamento (Biagiarelli et al., 2015; Benedik, Čoderl, Bon, & Smith, 2013; Marques, Chaves & Yazigi, 2012 entre outros). O *pensamento*, segundo o dicionário Michaelis, é um substantivo que tem 17 definições:

(1) Ato ou efeito de pensar, de refletir. (2) O que se pensa; ideia: ‘Lendo como sempre o pensamento do irmão, ela dirá que o tratamento médico sai das economias dela, e que foi para arcar com as festas que eles tiveram de vender a casa das amendoeiras’ (CB). (3) Atividade da inteligência. (4) Ação peculiar do espírito. (5) O poder ou o processo de pensar: A independência de pensamento deve ser estimulada. (6) Nível da capacidade de pensar. (7) Maneira de fazer um julgamento; ponto de vista: Vocês sabem o meu pensamento a respeito deste assunto. (8) Capacidade de imaginar: Você pode dar asas ao seu pensamento. (9) Ideia principal de uma obra literária: Não consegui captar o pensamento do autor neste livro. (10) Intensa concentração: Tinha sempre o pensamento voltado para o seu trabalho. (11) Elaboração mental. (12) Visão imaginária. (13) Intenção ou esperança de fazer algo: Acabou abandonando o pensamento de ser médico. (14) Máxima de caráter prático. (15) Produto de uma recordação. (16) Conjunto de ideias de uma pessoa, uma instituição, um povo, um período da história etc.: Ele escreveu um excelente livro sobre o pensamento norte-americano. (17) FILOS Atividade psíquica, caracterizada pelo conhecimento cognitivo (Michaelis, 2015, s.p.).

Ou seja, no seu significado léxico, o pensamento denota reflexões, ideias, inteligência, maneira de julgamento, imaginação, concentração, intencionalidade, memória, estando intimamente relacionado, portanto, a diversas funções psíquicas.

Já a palavra *percepção*, segundo o dicionário Michaelis (2015), é definida como

(1) Ato ou efeito de perceber. (2) Capacidade de distinguir por meio dos sentidos ou da mente; inteligência. (3) Representação mental das coisas. (4) Qualquer sensação física manifestada através da experiência. (5)

Recebimento de uma dívida. (6) JUR Cobrança legal do que é devido (Michaelis, 2015, s.p.).

Apesar de guardar alguma relação com a descrição do termo *pensamento*, a *percepção* parece ser um processo prévio, porque depende dos sentidos, de sensações físicas e da experiência. A representação mental atribuída à percepção é provavelmente já um elemento de pensamento, que vai além das sensações provocadas pelos órgãos dos sentidos. É bastante possível que percepção e pensamento estejam interconectados e sejam interdependentes.

O psicanalista W. Bion (1962/1966) é reconhecido por teorizar a respeito do pensamento. Para ele, as impressões sensoriais e as experiências emocionais são transformadas em elementos que podem ser armazenados e utilizados durante nossos sonhos, em um processo semelhante à digestão – estes são os elementos alfa. Este processo transformador foi chamado por ele de função alfa, que nos é útil para o pensar consciente e para o raciocínio, e também para “relegar o pensar para o inconsciente, quando se necessita livrar o consciente da sobrecarga do pensamento, aprendendo uma habilitação” (p. 24), como quando aprendemos a dirigir ou a andar de bicicleta, por exemplo. Parece que para ele, então, existe algo na mente humana que pode processar as impressões sensoriais para se tornarem elementos de pensamento, elementos alfa. O advento do primeiro pensamento de um bebê ocorreria no momento em que ele sente fome e não alucina que há um seio mau provocando as sensações ruins de fome, mas forma a imagem de um seio bom que o nutre e que está ausente. Distorções neste processo de “digestão mental” são a fonte das psicoses. Se por algum motivo o bebê é incapaz de produzir os elementos alfa, as impressões sensoriais e as experiências emocionais permanecem em um tipo de estado bruto que ele chamou de elementos beta. O excesso de elementos beta produz incapacidade de discriminar estímulos sensoriais e, assim, não há repressão, nem supressão e, portanto, não há aprendizado. Esta teoria de Bion nos clarifica como se relacionam a percepção e o pensamento, e como uma torna-se o outro.

Dalgarrondo (2008), psiquiatra brasileiro, conceitua de maneira clara e útil estes termos. O autor traz primeiro o conceito de sensação, que é prévia à percepção. As sensações são fenômenos elementares gerados por estímulos que podem ser físicos, químicos ou biológicos, e podem ser

originados fora ou dentro do organismo. Tais estímulos produzem alguma alteração nos órgãos receptores, causando o que chamamos de estímulo sensorial. Por conseguinte, a percepção seria a tomada de consciência deste estímulo sensorial, sendo um processo ativo por meio da construção de um percepto advindo dos estímulos sensoriais e apreendido pelo sujeito consciente. A percepção é “um produto ativo, criativo e pessoal de experiências que partem de estímulos sensoriais, mas são recriadas na mente de quem percebe algo” (p. 120).

Já com relação ao pensamento, Dalgarrondo (2008) faz uma distinção entre os elementos constitutivos do pensamento segundo a tradição aristotélica, que seriam o *conceito*, o *juízo* e o *raciocínio*, e as três dimensões do processo do pensar, que seriam *curso*, *forma* e *conteúdo* do pensamento. Os *conceitos* se formam a partir das representações e não apresentam elementos de sensorialidade, exprimindo os caracteres mais gerais de objetos e fenômenos da natureza. Já os *juízos* se referem ao estabelecimento de relações entre conceitos, normalmente por meio frases ou proposições. Por exemplo, ao tomar os conceitos de natureza e de beleza, poder-se-ia postular que a natureza é bela. Trata-se de um juízo. Já o *raciocínio* se refere à junção de juízos.

O processo do raciocínio representa um modo especial de ligação entre conceitos, de sequência de juízos, de encadeamento de conhecimentos, derivando sempre uns dos outros. Assim, a ligação entre conceitos permite a formação de juízos, a ligação entre juízos conduz à formação de novos juízos. Dessa forma, o raciocínio e o próprio pensamento se desenvolvem (Dalgarrondo, 2008, p. 194).

Já com relação ao processo do pensar, o *curso* se refere à velocidade e ao ritmo do pensamento; a *forma* se refere à estrutura do pensamento; e o *conteúdo* se refere àquilo que dá substância ao pensamento, aos temas e assuntos trazidos. Todos estes elementos do pensamento são passíveis de estarem em prejuízo para uma pessoa,

O juízo de realidade, ou teste de realidade como é comumente chamado, é também uma função do pensamento. Juízos falsos podem ser ou não produzidos por processos patológicos. Por exemplo, preconceitos, superstições e crenças errôneas socialmente sancionadas não são necessariamente patológicas. Mas o são as ideias prevalentes, referentes àquelas que têm um valor afetivo superestimado pela pessoa, e as ideias

delirantes, referentes a juízos falsos que se originam de doenças mentais (Dalgarrondo, 2008).

Também podem ser referidas alterações dos elementos constitutivos do pensamento. A desintegração dos conceitos ocorre quando uma pessoa atribui um significado pessoal a uma palavra, destoando do significado normalmente atribuído. A condensação de conceitos ocorre pela fusão de conceitos que pode resultar em uma nova palavra, um neologismo, ou em um novo significado para uma palavra conhecida. Alterações de raciocínio se dão pela falta de lógica formal, e pode haver o viés de confirmação, no qual a pessoa busca ativamente uma confirmação de hipótese falsa ou preconceito, distorcendo dados e percepções para esta finalidade.

Por fim, há vários tipos de alterações de pensamento. Alguns que podem ser úteis para a compreensão do material conseguinte seria o pensamento concreto ou concretismo, no qual o pensamento permanece ligado a um nível sensorial da experiência, sem consideração pelo aspecto abstrato ou simbólico de um fato; e o pensamento prolixo, que pode ser tangencial, que segue contíguo e não atinge aquilo que é essencial de uma ideia, e circunstancial, no qual há digressões até que eventualmente atinge o cerne da ideia (Dalgarrondo, 2008).

Diversos prejuízos do pensamento acima descritos podem ser captados pelo método de Rorschach. Segundo Meyer et al. (2011/2017), as variáveis do domínio *Problemas de Percepção e Pensamento* se referem sobretudo a problemas relacionados à percepção, ao juízo e ao pensamento, e algumas variáveis podem trazer informações a respeito da convencionalidade e da visão de mundo compartilhada com os outros.

De que forma o estudo de percepção e pensamento poderia ser interessante para a compreensão da ideação suicida? Podemos pensar que muitas pessoas, em algum momento da vida, já pensaram em morrer ou em se matar. No entanto, é uma pequena parcela da população que leva a ideia adiante e faz uma tentativa, e ainda menor é a parcela que de fato se suicida. Haveria neste grupo algum processo de distorção perceptiva ou de peculiaridade do pensamento que levaria a concretizar as ideias de suicídio? Que diferenças seriam estas? Se soubermos com mais clareza quais tipos de problemas de percepção e pensamento estas pessoas enfrentam (se é que

possuem problemas nestes âmbitos), poderíamos tentar identificar aquelas pessoas propensas e oferecer ajuda antes que ela concretize o ato, reduzindo as taxas de suicídio ao promover saúde mental a estes indivíduos? Estes questionamentos não serão totalmente respondidos por este estudo, mas tentaremos contribuir para iniciar e avançar nessas compreensões.

3.2 Domínio de Estresse e Distresse

No dicionário Michaelis, a palavra *estresse* tem a seguinte definição: “MED Estado físico e psicológico provocado por agressões que excitam e perturbam emocionalmente o indivíduo, levando o organismo a um nível de tensão e desequilíbrio, em consequência do aumento da secreção de adrenalina; estrição” (Michaelis, 2015, s.p.).

Segundo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) do Ministério da Saúde (MS), o *estresse* é definido como a “reação natural do organismo que ocorre quando vivenciamos situações de perigo ou ameaça”, que “nos coloca em estado de alerta ou alarme, provocando alterações físicas e emocionais” (BVS-MS, 2015). Pode ser dividido entre agudo ou crônico e compreendido em três fases distintas. A primeira é a fase de alerta, na qual a pessoa entra em contato com o evento estressor; a segunda seria a fase de resistência, na qual a pessoa tenta voltar a um equilíbrio, eliminando o estressor ou se adaptando a ele; e a terceira fase seria a de exaustão, na qual aparecem comprometimentos físicos e psicológicos decorrentes do evento estressante (BVS-MS, 2015). Classificar um evento como estressante depende menos do tipo de evento e mais da percepção da pessoa, que é dependente dos recursos de que a pessoa dispõe, das defesas que utiliza e dos mecanismos de enfrentamento da situação (Sadock & Sadock, 2003/2007). Quando o estresse psicológico é intenso e torna-se patológico, com prejuízos no funcionamento da pessoa, é chamado de *distresse* (Mota & Faro, 2018).

A palavra *distresse* não é encontrada no dicionário Michaelis e de fato parece ser pouco utilizada no vocabulário português. Há pouca referência ao termo em bases de dados em português (SciELO, Pepsic). Em um outro dicionário, o Houaiss (2013, s. p.), “distresse é um termo da psicologia e

psiquiatria para o estresse excessivo, ou seja, que é maior que o necessário a ponto de causar problemas e sofrimento.” Segundo Faro (2015),

ao se falar em distresse, refere-se ao estado de desgaste do sistema adaptativo, caracterizado por sintomas de depressão, ansiedade e manifestações somáticas, em que os recursos de ajustamento mobilizados pelo indivíduo para lidar com o elemento estressógeno não foram capazes de prover a adaptação, falhando em restabelecer o estado de homeostase física e mental (para. 6).

O distresse pode ter efeitos deletérios em diversos âmbitos para o indivíduo, afetando a saúde física e mental, o que pode desencadear ou agravar sintomas relacionados aos transtornos ansiosos ou depressivos (Mota & Faro, 2018). Mota e Faro (2018) estudaram o distresse na população da cidade de Aracaju, SE, por meio de uma escala específica, a Kessler K10, e constataram que 30% da amostra de 677 adultos encontram-se em faixas de maior risco de distresse, estando associado com os fatores sexo (mulheres em taxa maior que homens), menor status socioeconômico, faixa etária (menor que 28 anos e entre 20 e 42 anos), ser portador de doenças crônicas e ser tabagista.

A associação entre estresse e angústia, e ideação ou comportamentos suicidas parece bem estabelecida segundo a literatura. O estudo de Liu, Stevens, Wong, Yasui, e Chen (2019) confirma que o estresse tem forte associação com tentativas de suicídio e diagnósticos de saúde mental. Holdaway, Luebbe, e Becker (2018) associaram ruminação, referente a um foco repetitivo em sintomas de angústia, com risco de suicídio, ideações e tentativas de suicídio. Wang, Shi, e Luo (2017), em revisão sistemática, encontraram associação moderada entre sintomas depressivos e ideação suicida em estudantes universitários chineses; o mesmo pode ser observado no estudo de Sousa et al. (2021). Os autores citam ainda estudos que relacionam sintomas depressivos à ideação suicida, sendo que em um deles (Wu & Zao, 2009) conclui-se que sintomas depressivos podem prever ideação suicida de maneira acurada em mais de 94% dos casos. No estudo de Ramírez et al. (2020), a ideação suicida e comportamentos suicidas foram relacionadas a questões de gênero em estudantes universitários brasileiros e associadas a desconforto, mal-estar, angústia, aflição, exclusão social, violência psicológica e física sofrida pela população de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros – LGBT.

Meyer et al. (2011/2017) descrevem que as variáveis do agrupamento Estresse e Distresse têm relação com o estresse e angústia de diversas formas, e muitas delas têm implicações em outros conceitos e fenômenos para além deste domínio. Neste agrupamento se encontram as variáveis associadas a estressores situacionais e ao composto de preocupação com suicídio, alvo deste estudo.

E de que formas o estudo de estresse e distresse poderia ser interessante para a compreensão da ideação suicida? É possível que as situações de vida que levam a pessoa a pensar no suicídio como uma saída possível para os problemas e para a maneira como se sente sejam estressantes e geradoras de distresse intenso. No R-PAS, há variáveis mais relacionadas a estresse crônico e outras variáveis relacionadas a estresse de origem mais provável situacional, o que nos levaria à maior compreensão também de fatores predisponentes e precipitantes, do ponto de vista subjetivo e pessoal, a partir de como a pessoa se sente.

Desta forma, encerramos as considerações teóricas que respaldam este estudo, de forma a cobrir conceitos-chave e estudos prévios que formaram o alicerce para a construção desta pesquisa.

4 MÉTODO

4.1 Ambiente

O ambiente de coleta foi o Escritório de Saúde Mental (ESM) da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo (USP). O ESM fez parte dos Escritórios de Acolhimento e Bem-Estar Estudantil e teve como meta atuar na prevenção de sofrimentos, na orientação e na recepção inicial do estudante de graduação e pós-graduação da USP, bem como dos estudantes intercambistas da Agência USP de Cooperação Nacional e Internacional (AUCANI). O ESM foi criado oficialmente pela portaria PRG 01 de 28/05/19 (Anexo A), mas já estava em funcionamento alguns meses antes, e foi extinto pela portaria PRG 02 de 17/05/22 (Anexo B), após a criação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) que abarcou iniciativas referentes a saúde mental na universidade.

4.2 Participantes

A meta inicial era de avaliar ao menos 60 usuários do ESM, ou todos os usuários que se interessarem por participar da pesquisa dentro de um período de coleta de 18 meses em caso de uma demanda muito baixa, independente de gênero e escolaridade, com idade acima de 18 anos.

No entanto, com a chegada da pandemia COVID-19 em 2020 e com a suspensão das atividades presenciais que perduraram até o início de 2022, a coleta de dados foi suspensa e optou-se por manter a amostra coletada até o início da pandemia, o que totalizou 36 alunos.

Os critérios de inclusão foram ser estudante da universidade e ter buscado espontaneamente o Escritório de Saúde Mental. Não houve critérios de exclusão.

4.3 Instrumentos

Os instrumentos escolhidos foram o Rorschach Sistema de Avaliação por Performance (R-PAS) para avaliar aspectos da personalidade dos

participantes; o *Self Report Questionnaire* (SRQ-20), instrumento autoaplicado desenvolvido pela OMS para rastreamento de transtornos psicoemocionais em contextos de cuidados primários de saúde. Esta escala avalia vinte sintomas ocorridos nos últimos 30 dias e foi validada no Brasil por Mari e Williams (1986) e continua a ser utilizada como instrumento de rastreio para saúde mental (Gonçalves, 2016). Está mostrado no Anexo C; a Escala de Avaliação do Risco de Suicídio de Columbia (C-SSRS) que está exibida no Anexo D (Posner et al., 2008).

4.4 Procedimento

Estudantes da USP com alguma queixa relacionada a saúde mental buscaram espontaneamente o ESM. No ESM eram realizadas até três sessões de acolhimento ao estudante, no período anterior à pandemia somente na modalidade face-a-face. Neste período, o aluno era convidado a participar desta pesquisa. Aqueles que aceitaram foram contatados pela pesquisadora e foi agendado um horário para aplicação dos instrumentos. Neste encontro com a pesquisadora, era realizada uma breve conversa inicial, depois explicava-se ao participante o objetivo da pesquisa e dava-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos, CAAE 08455219.3.0000.5390). Após isto, eram aplicados os instrumentos: o SRQ-20 em um formato autoaplicado, o R-PAS com a instrução e formato clássicos e a C-SSRS de forma interativa. Era então aberto novamente um espaço para conversa e o contato com o participante era encerrado. Ainda serão realizadas entrevistas devolutivas.

4.5 Forma de análise dos resultados

Foram realizadas de início as estatísticas descritivas para idade e sexo e contabilizou-se a frequência da formação atual de cada aluno, ou seja, se são provenientes da graduação ou de formações de pós-graduação.

Para o SRQ-20, foi contabilizada a frequência de cada soma de pontuação, e também contabilizados os alunos com pontuação igual ou maior que sete, indicativo de perturbação psicoemocional. Também foram

contabilizados os alunos com ideação suicida presente nos últimos 30 dias por este instrumento, ao responder “sim” para a pergunta 17, “Tem tido ideia de acabar com a vida?”.

Na C-SSRS, contabilizou-se a frequência (1) dos alunos que nunca tiveram ideação suicida, (2) dos alunos com pensamentos suicidas ativos, (3) dos alunos com planos suicidas e (4) daqueles com intenção de suicídio, referentes aos últimos seis meses anteriores. Também, aqueles com histórico de ao menos uma tentativa de suicídio durante a vida e os que possuem ou possuíam comportamento autolesivo não suicida (CANS). Também foram analisadas as frequências de alunos com tentativas de suicídio interrompidas e abortadas, e também comportamentos preparatórios para o suicídio. As tentativas interrompidas se referem aos momentos em que a pessoa inicia algum comportamento para tentar se matar, mas alguém ou alguma coisa o interrompe antes que termine a ação, e as tentativas abortadas se referem àquelas ocasiões em que a pessoa inicia algum comportamento para o suicídio, mas ela mesma interrompe antes de executar. Além disso, foi perguntado aos alunos sobre o momento da vida em que os pensamentos suicidas eram mais intensos e foram analisadas algumas características deste período: (1) frequência da ocorrência dos pensamentos suicidas, (2) duração dos pensamentos, (3) controlabilidade dos pensamentos, (4) razões para não se suicidarem e (5) razões para pensar em morrer ou se matar.

Com relação ao R-PAS, foi realizado estudo de confiabilidade: 12 protocolos foram recodificados de forma independente por pessoas proficientes em aplicação e em codificação pelo R-PAS. Foi calculado o Índice de Correlação Intraclasse (ICC) para as variáveis em nível de protocolo, conforme orientações de recentes pesquisas (Schneider, Bandeira, & Meyer, 2020; Pianowski et al., 2019). Foram então selecionadas as variáveis para estudo: todas as variáveis pertencentes ao Domínio de Percepção e Pensamento e ao de Estresse e Distresse, algumas variáveis referentes ao comportamento na tarefa e a preocupações específicas, bem como os compostos e a complexidade. Estas variáveis e as respectivas interpretações estão exibidas na Tabela 7 no Anexo E.

Para exame dos grupos de alunos com e sem ideação suicida foi utilizado o teste não-paramétrico para comparação de médias, o Wilcoxon

Mann-Whitney. Foram realizadas cinco análises: (1) dividiu-se o grupo de alunos de acordo com a presença ou ausência de pensamentos suicidas nos últimos 30 dias a partir da resposta SIM ou NÃO dada à pergunta 17 do SRQ-20: “Tem tido ideia de acabar com a vida?”; (2) dividiu-se o grupo de acordo com pensamentos de suicídio ativos nos últimos seis meses, de acordo com o que foi relatado na C-SSRS; (3) verificou-se diferenças entre os alunos que apresentam comportamento autolesivo não suicida (CANS) e aqueles que não apresentam. Pensamentos e comportamentos de autolesão são considerados preditores confiáveis para futuras tentativas de suicídio (Ribeiro et al., 2016; Costa et al., 2019); (4) compararam-se os alunos que apresentaram histórico de tentativa de suicídio com aqueles que não apresentam; (5) por fim, foram selecionados somente os estudantes que nunca tiveram ideação suicida e aqueles com histórico de tentativa de suicídio, como dois extremos onde possivelmente maiores diferenças poderiam ser observadas. A partir desta última análise estatística, foi realizada análise qualitativa das respostas com os códigos cuja diferença entre os grupos foi significativa. As análises qualitativas foram realizadas por meio da interpretação de temas de conteúdo proposta por Weiner (1998/2000), que orienta identificar respostas mais projetivas e ricas em imagens temáticas, fazer associações a partir destas imagens, formular hipóteses levando-se em consideração características da personalidade do sujeito e determinar o quanto as hipóteses levantadas podem ser plausíveis. Esta análise é também recomendada pelos autores do R-PAS (Meyer et al., 2011/2017).

Para todas as análises estatísticas acima descritas, foi calculada a média (M), desvio-padrão (DP) e a dimensão do efeito (r) para cada variável. A dimensão do efeito r foi calculado a partir da fórmula $r = \frac{Z}{\sqrt{N}}$, sendo Z obtido pelas estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e N a soma de participantes dos grupos. Considera-se como tamanho de efeito pequeno 0,10, médio de 0,30 e grande de 0,50 ou mais. Considerou-se o intervalo de confiança (IC) de 95% e também IC de 90% devido ao tamanho da amostra considerado reduzido do ponto de vista estatístico.

A literatura mostra baixa correlação entre índices do Rorschach e escalas de autorrelato ou constructos semelhantes aos índices (Meyer,

Riethmiller, Brooks, Benoit, & Handler, 2000; Mihura, Meyer, Dumitrascu & Bombel, 2013; Berant, Newborn & Orgler, 2008); foi feita esta correlação neste estudo para verificar se acompanha a literatura. Foi realizado o teste de qui-quadrado para verificar a correspondência da pontuação na C-SSRS com o SC-Comp, também por simulação de Monte Carlo.

4.6 Análise dos aspectos éticos

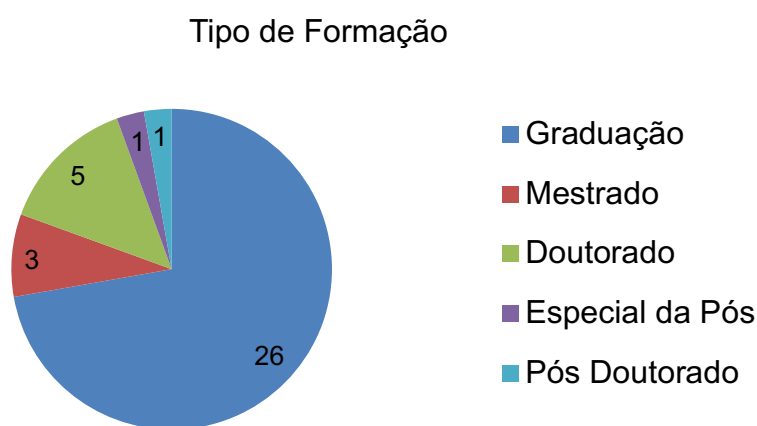
Por se tratar de um momento de possível crise dos alunos e alunas, os primeiros contatos foram feitos em forma de acolhimento com um dos psicólogos colaboradores do ESM. Só depois era oferecida a possibilidade de participação na pesquisa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) USP via Plataforma Brasil (CAAE 08455219.3.0000.5390).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Descrição da amostra

Dos 36 alunos avaliados, 24 são do sexo feminino e 12, masculino, e a idade variou entre 18 e 44 anos (Média= 25,81; Desvio-padrão= 6,52). A maioria dos alunos é proveniente da graduação, conforme pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - Formação dos estudantes avaliados

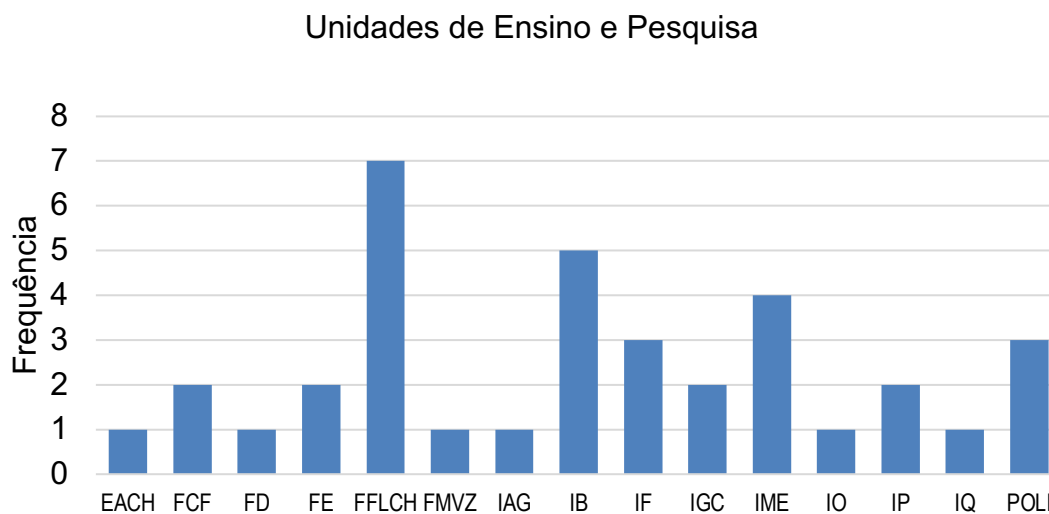


Fonte: Marques-Reis (2022, p. 41)

Já a Figura 2 exibe a unidade da qual o aluno é proveniente. A maioria dos alunos avaliados - sete alunos - são da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), que é também a unidade com maior número de alunos de toda a USP, com mais de 13 mil alunos no ano de 2019, somando-se aqueles de graduação, pós-graduação e pós-doutorado, segundo o anuário estatístico da USP (2019). O Instituto de Biociências (IB) é a segunda unidade com mais alunos participantes, seguido pelo Instituto de Matemática e Estatística (IME) e depois empatados estão a Escola Politécnica (Poli) e o Instituto de Física (IF). Esta distribuição pode ser vista na Figura 2.

Com relação ao SRQ-20, 31 alunos apresentaram pontuação igual ou maior que sete, indicativa de perturbação psicoemocional. A média de pontuação total foi de 11,86 (DP=4,415), sendo o valor mínimo de 1 ponto e o valor máximo de 20 pontos. Onze alunos responderam “sim” para a pergunta 17 do SRQ-20, “Tem tido ideia de acabar com a vida?”, referente aos últimos

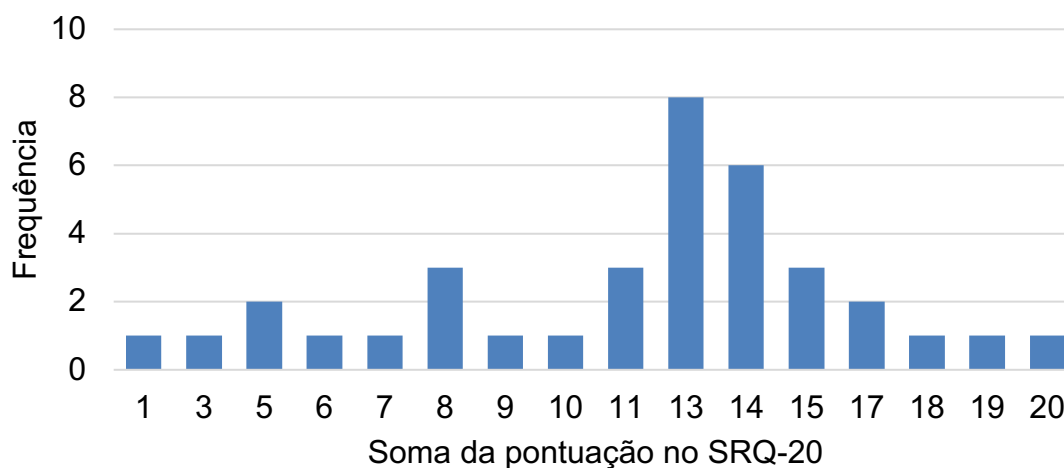
Figura 2 - Distribuição dos alunos avaliados a partir das unidades de ensino de que são oriundos



Fonte: Marques-Reis (2022, p. 42)

30 dias, o que representa quase um terço da amostra (30,56%). Os resultados para a frequência de cada soma de pontuação do SRQ-20 podem ser observados na Figura 3.

Figura 3 - Frequência de cada soma de pontuação no Self Report Questionnaire-20 (SRQ-20)



Fonte: Marques-Reis (2022, p. 42)

Com relação à C-SSRS, dos 36 alunos avaliados, seis alunos nunca tiveram pensamentos suicidas ativos, o que significa que em algum momento da vida podem até ter pensado em morrer ou em dormir e nunca mais acordar, mas nunca pensaram em se matar; nos últimos seis meses, 22 alunos tiveram

desejo de estar morto ou pensamentos suicidas; destes, 15 tiveram ideias de suicídio ativas, sendo que oito tiveram intenção de se matar e destes, quatro elaboraram um plano específico e pretenderam colocar em prática. Quando se ampliam estas perguntas para durante a vida, oito alunos relataram ter elaborado planos, mas não tiveram intenção de colocar em prática e outros oito relataram que tiveram intenção de executar um plano.

Oito alunos já tiveram ao menos uma tentativa de suicídio em algum momento da vida. Quinze alunos tiveram comportamento autolesivo não suicida (CANS), ou seja, praticaram algum tipo de automutilação sem intenção de se matar. Oito alunos relataram já ter tido uma tentativa de suicídio interrompida por fatores externos; doze alunos tiveram tentativas de suicídio abortadas. Um aluno relatou duas tentativas abortadas. Treze alunos relataram já ter tido atos ou comportamentos preparatórios para o suicídio, como comprar remédios, arma, ou desfazer-se de pertences e escrever bilhete suicida. Os comportamentos descritos neste parágrafo foram contabilizados por frequências simples, sendo não excludentes – um aluno pode ter apresentado mais do que um dos comportamentos.

Quando os alunos descreveram as características dos pensamentos suicidas nos momentos da vida em que eram mais intensos, a maioria (11 alunos) relatou que os pensamentos ocorriam com grande frequência, muitas vezes por dia. Seis alunos relataram que ocorriam todos os dias ou quase todos os dias, quatro alunos relataram que os pensamentos ocorriam de duas a cinco vezes por semana, seis alunos relataram uma vez por semana ou menos.

Com relação à duração desses pensamentos, a maioria (10 alunos) descreveu que eram pensamento passageiros, com duração de segundos ou minutos. Três alunos relataram que ocorria por menos de uma hora; quatro alunos relataram que duravam entre uma e quatro horas; outros cinco alunos relataram que ocorriam na maior parte do dia, ou de quatro a oito horas por dia; e cinco alunos disseram que os pensamentos ocorriam de forma persistente e contínuos.

Quando eles descreveram a controlabilidade desses pensamentos, ou seja, se conseguiam parar de pensar em se matar ou em morrer, sete disseram que eram incapazes de controlá-los. Seis relataram que podiam controlar

facilmente os pensamentos; 11 alunos descreveram que podiam controlar com pouca ou alguma dificuldade e três alunos disseram que conseguiam controlar com muita dificuldade.

Ao serem questionados sobre as razões para não se suicidarem, como por exemplo família, religião, dor da morte, e o quanto estas razões os impediriam de realizar o ato, 21 alunos disseram que suas razões provavelmente, ou com certeza, os impediriam de se suicidarem. Quatro alunos responderam que suas razões com certeza não impediriam e um aluno ficou incerto sobre se as razões o impediriam de se suicidar.

E, por fim, quando foi perguntado aos alunos sobre as razões para pensar em querer morrer ou se matar, levando em consideração de um lado acabar com o sofrimento ou por fim à maneira como se sentiam e, por outro lado, chamar a atenção, se vingar ou provocar a reação de outras pessoas (ou mesmo ambos), 17 alunos relataram que era sobretudo ou com certeza para acabar com o sofrimento; dois alunos relataram que era com certeza ou sobretudo para chamar a atenção de outras pessoas; e seis alunos disseram que era tanto para chamar a atenção de outras pessoas quanto para acabar com o sofrimento.

5.2 Análises com R-PAS

Com relação ao R-PAS, todos os protocolos foram codificados, revisados pela co-orientadora desta pesquisa, inseridos na plataforma *on-line*¹ e compuseram um banco para análise dos dados.

Em primeiro lugar, os resultados do estudo de confiabilidade mostraram que, das 61 variáveis em nível de protocolo, 47 apresentaram ICC excelente (acima de 0,75), sendo que destas, 18 apresentaram ICC acima de 0,95. Seis variáveis apresentaram ICC bom (entre 0,60 a 0,75) e três variáveis apresentaram ICC pobre (menor do que 0,40), que foram FQu% (porcentagem de qualidade formal inusual), Vg% (porcentagem de respostas vagas) e IntCont (conteúdo intelectualizado). Quatro variáveis não apresentaram resultados válidos por se tratarem de proporções cujo denominador pode ser

¹ <http://www.r-pas.org/>

zero e não passível de ser calculado, portanto $([CF+C]/SumC; MAP/MAHP; Mp/[Ma+Mp]; NPH/SumH;)$. As variáveis Vg% e IntCont não foram selecionadas para este estudo por não pertencerem aos Domínios selecionados, e a variável FQu% (porcentagem de qualidade formal inusual) não será considerada como relevante dentro das análises estatísticas, por ter apresentado baixa confiabilidade neste estudo.

5.2.1 Análise dos estudantes com ideação suicida e sem ideação nos últimos 30 dias

Na primeira análise estatística, os 36 alunos foram divididos em dois grupos de acordo com a resposta à questão 17 do SRQ-20. Desta forma, o Grupo 1 foi formado por 25 alunos que responderam “não”, que seria o grupo sem ideação suicida nos últimos 30 dias, e o Grupo 2 pelos onze alunos que responderam “sim”, com ideação suicida nos últimos 30 dias.

A Tabela 2 mostra médias (M) e desvios-padrão (DP) de cada grupo, o teste de Wilcoxon Mann-Whitney e o nível de significância para as variáveis selecionadas.

Tabela 2 - Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito r das variáveis, sendo o Grupo 1 dos estudantes sem ideação suicida nos últimos 30 dias e o Grupo 2, estudantes com ideação nos últimos 30 dias

Variáveis	Grupo 1		Grupo 2		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
Variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento										
EII-3	0,652	0,21316	1,3455	0,40122	95,0	420,0	-1,462	0,148	0,074**	0,24
TP-Comp	1,4	0,2329	1,509	0,3786	126,5	451,5	-,378	0,716	0,358	0,06
WSumCog	9,56	2,124	22,36	7,176	72,0	397,0	-2,256	0,023	0,012*	0,38
SevCog	0,84	0,309	1,73	0,945	129,0	454,0	-,326	0,764	0,365	0,05
FQo%	47,28	1,806	47	3,018	133,5	458,5	-,138	0,899	0,449	0,02
FQu%	32,48	1,671	35,73	3,292	123,0	448,0	-,499	0,629	0,314	0,08
FQ-%	18,12	1,912	15,27	3,125	116,5	182,5	-,722	0,481	0,241	0,12
WD-%	15,44	1,836	9,27	2,457	76,0	142,0	-2,115	0,034	0,017*	0,35
Popular	4,32	0,345	4,64	0,509	126,0	451,0	-,405	0,703	0,353	0,07
Variáveis do Domínio Estresse e Distresse										
m	1,56	0,342	2,27	0,821	111,0	436,0	-,942	0,358	0,179	0,16
Y	2,28	0,41	3,36	0,742	99,5	424,5	-1,342	0,186	0,094**	0,22

Variáveis	Grupo 1		Grupo 2		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
YTVC'	5,28	0,537	6,27	1,184	120,0	445,0	-,605	0,557	0,279	0,10
mY	3,84	0,506	5,64	1,377	112,0	437,0	-,883	0,387	0,194	0,15
MOR	1,8	0,316	2,36	0,823	127,0	452,0	-,373	0,72	0,361	0,06
CBlend	0,56	0,142	0,73	0,195	115,5	440,5	-,837	0,443	0,24	0,14
C'	1,72	0,262	2	0,33	116,0	441,0	-,764	0,458	0,232	0,13
V	0,84	0,229	0,55	0,247	122,0	188,0	-,599	0,59	0,311	0,10
PPD	10,12	0,961	11,73	2,054	120,0	445,0	-,603	0,558	0,279	0,10
CritCont%	28,16	2,474	35,45	6,759	115,5	440,5	-,756	0,461	0,23	0,13
SC-Comp	5,064	0,1863	4,927	0,3524	127,0	193,0	-,361	0,729	0,364	0,06
Variáveis de outros Domínios										
R	25	0,819	24,82	1,334	134,0	459,0	-,121	0,912	0,456	0,02
Pr	0,6	0,163	1,36	0,491	90,0	415,0	-1,766	0,081	0,046*	0,29
Pu	0,52	0,252	0,36	0,279	125,5	191,5	-,544	0,623	0,359	0,09
CT	9,68	1,31	5,55	1,791	87,5	153,5	-1,732	0,085	0,042*	0,29
SR	0,56	0,154	1,09	0,368	105,5	430,5	-1,218	0,249	0,117	0,20
An	3,2	0,321	3,27	0,574	119,0	444,0	-,657	0,527	0,265	0,11
SumH	7,08	0,568	8,82	1,967	131,0	456,0	-,224	0,832	0,416	0,04
M-	0,8	0,2	1,27	0,384	109,0	434,0	-1,043	0,302	0,15	0,17
M	3,8	0,462	5,64	1,397	113,5	438,5	-,835	0,415	0,207	0,14
FM	3,28	0,498	3,18	0,444	127,5	452,5	-,350	0,738	0,37	0,06
F	10,56	1,026	8,82	1,5	114,5	180,5	-,793	0,439	0,219	0,13
WSumC	3,3	0,4	3,773	0,5814	118,0	443,0	-,673	0,512	0,256	0,11
MC	7,1	0,6856	9,409	1,7682	111,5	436,5	-,895	0,381	0,191	0,15
F%	41,72	3,324	34,73	5,399	112,0	437,0	-,883	0,288	0,144	0,15
MC-PPD	-3,02	0,924	-2,318	1,3095	134,5	459,5	-,103	0,926	0,463	0,02
AGM	0,68	0,16	1,27	0,407	104,5	429,5	-1,217	0,246	0,122	0,20
AGC	3,48	0,347	4,82	0,872	92,5	417,5	-1,583	0,114	0,058**	0,26
ODL	2,6	0,374	3,36	0,866	123,0	448,0	-,505	0,625	0,312	0,08
ODL%	10,72	1,563	13,09	2,968	120,5	445,5	-,586	0,569	0,285	0,10
V-Comp	3,824	0,22	4,273	0,4158	112,0	437,0	-,877	0,391	0,195	0,15
Complexity	76,6	3,827	87,09	10,029	116,5	441,5	-,722	0,481	0,241	0,12

Nota: Grupo 1, n= 25; Grupo 2, n= 11

* Indica variáveis significativas com IC 95% ($p < 0,05$)

** Indica variáveis significativas com IC 90% ($p < 0,10$)

Pode-se observar que as variáveis WSumCog (soma ponderada dos seis códigos cognitivos), WD-% (porcentagem de respostas de qualidade formal menos em áreas W e D), ambas com efeitos de dimensão média, Pr

(Pedir para o sujeito fornecer outra resposta à prancha) e CT (rotação de cartão) apresentaram diferenças significativas entre os grupos para IC de 95% e, para IC de 90%, também as variáveis EII-3 (Índice de enfraquecimento do ego), Y (determinante sombreado difuso) e AGC (conteúdo agressivo) também mostraram diferenças estatísticas significativas; estas variáveis apresentaram efeitos de dimensão pequena.

É interessante perceber que houve variáveis do Domínio de Percepção e do Pensamento que tiveram médias maiores em grupos diferentes, indicando dificuldades específicas neste âmbito em cada grupo. A variável WD-% teve médias maiores no Grupo 1, sendo que o aumento é significativo quando comparamos com dados da amostra normativa (M= 8,2, DP= 6,7). Também a média da variável FQ-% (porcentagem de qualidade formal menos) é maior no Grupo 1, mas não é uma diferença significativa do ponto de vista estatístico. Assim, distorções da percepção da realidade neste grupo ocorreram em áreas W e D majoritariamente, o que indica comprometimento significativo no teste de realidade.

Por outro lado, as variáveis EII-3 (índice de enfraquecimento do ego) e WSumCog (soma ponderada dos seis códigos cognitivos) foram significativamente maiores no Grupo 2. A variável WSumCog sugere maior perturbação e desorganização do pensamento, ou pensamento imaturo e ineficiente; já a EII-3 é considerada uma medida geral de perturbação do pensamento e de gravidade de psicopatologia. Envolve cálculo com as variáveis FQ-% (porcentagem de qualidade formal menos, ou distorcida), M- (movimento humano com qualidade formal menos), WSumCog, CritCont%, PHR (representação humana pobre), GHR (boa representação humana) e R (total de respostas). A EII-3 aponta para maior perturbação do pensamento no Grupo 2, tendo inclusive média superior à amostra normativa (M= -0,1; DP= 0,8; percentil 95= 1,2). Alguns exemplos de respostas que envolvem códigos cognitivos seriam “*duas pessoas próximas com asas*” (prancha I, W, INC1), “*vários bichinhos festejando juntos*” (prancha X, W, FAB1), “*um sapo com orelha*” (prancha IV, D7, INC2), “*um coelho chorando verde*” (prancha X, D10, FAB2). Os códigos cognitivos estão relacionados aos aspectos ideativos, à formação de conceitos, ao processo do pensamento.

Já as respostas de qualidade formal menos, aumentadas no Grupo 1, são consideradas distorcidas e são mais significativas quando ocorrem em áreas W e D, por se tratarem de situações do ambiente mais globais e mais óbvias. Estão intimamente relacionadas ao juízo da realidade, ou seja, a um modo de captar o mundo de maneira diferente das demais pessoas, de perceber o exterior de forma própria e não compartilhada. Esta parece ser então uma diferença significativa entre os estudantes de cada grupo – aqueles que não tiveram ideação (Grupo 1), apresentaram problemas com o juízo de realidade, e aqueles que tiveram ideação suicida (Grupo 2), apresentaram problemas com o processo do pensamento. Talvez a própria ideação suicida possa ser considerada como uma especificidade nos processos do pensamento dos estudantes do Grupo 2.

A variável Pr pode estar relacionada a diferentes aspectos, como déficit cognitivo, “rigidez, percepção inflexível, depressão, falta de confiança e de engajamento, evasão, defesa, resistência” (Meyer et al., 2011/2017, p. 395). Pode-se notar que o Grupo 2 necessitou de estímulo para ver outras coisas nas manchas com maior frequência. No entanto, para ambos os grupos, o valor médio desta variável encontra-se entre o intervalo dos percentis 25 e 75 da amostra normativa (percentil 25= 0; percentil 75= 1,5). Também foi possível apreender que o Grupo 1 rotacionou mais o cartão (CT), demonstrando maior flexibilidade, ou ansiedade, ou ainda, maior nível de interesse pela tarefa. Este aumento é também significativo quando olhamos para os dados da amostra normativa (M= 4,1; DP= 4,5).

A variável AGC, conteúdo agressivo, reflete incômodos, preocupações e identificações agressivas, e valores altos podem refletir tanto a identificação com poder e agressividade quanto o medo de perigos agressivos no ambiente, ou ainda uma oscilação entre ambos. O Grupo 2 apresenta valores mais altos de AGC, o que poderia representar aumento das identificações agressivas neste grupo. Já para a variável Y, pode-se pensar que há no Grupo 2 maior tendência a apresentar sentimentos de desamparo diante de estressores, o que poderia ser um fator que contribui para predispô-los ao pensamento suicida.

5.2.2 Análise dos estudantes com ideação suicida e sem ideação nos últimos seis meses

Na segunda análise utilizou-se a C-SSRS, considerando como ideação suicida ativa o participante que pensou realmente em se matar nos últimos seis meses. Presença de planos e intenção de suicídio também estão incluídos em ideação ativa presente. Assim, dividiu-se os estudantes, sendo o Grupo 3 formado por 20 alunos que relataram não ter tido ideação suicida ativa nos últimos 6 meses e o Grupo 4, por 16 estudantes que relataram ideação neste mesmo período. Os resultados da análise das variáveis por meio do teste de Wilcoxon Mann-Whitney podem ser verificados na Tabela 3.

Tabela 3 - Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito *r* das variáveis, sendo o Grupo 3 dos estudantes sem ideação suicida nos últimos seis meses e o Grupo 4, estudantes com ideação suicida ativa nos últimos seis meses

Variáveis	Grupo 3		Grupo 4		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
Variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento										
EII-3	0,835	0,29085	0,9	0,26188	153,0	363,0	-,223	0,832	0,416	0,04
TP-Comp	1,555	0,2855	1,281	0,2643	145,5	281,5	-,462	0,654	0,327	0,08
WSumCog	12,2	3,907	15,06	3,952	108,5	318,5	-1,644	0,102	0,051**	0,27
SevCog	1,1	0,518	1,13	0,499	132,5	342,5	-,979	0,338	0,174	0,16
FQo%	47,75	1,936	46,5	2,518	154,5	290,5	-,175	0,869	0,434	0,03
FQu%	30,4	1,666	37,31	2,474	100,0	310,0	-1,915	0,056**	0,028	0,32
FQ-%	19,15	2,281	14,88	2,226	120,0	256,0	-1,275	0,208	0,104	0,21
WD-%	15,9	2,202	10,63	1,923	105,5	241,5	-1,738	0,084	0,042*	0,29
Popular	4,2	0,374	4,69	0,435	142,5	352,5	-,571	0,577	0,288	0,10
Variáveis do Domínio Estresse e Distresse										
m	1,25	0,323	2,44	0,632	103,5	313,5	-1,861	0,064	0,033*	0,31
Y	2,4	0,467	2,88	0,598	147,5	357,5	-,409	0,694	0,346	0,07
YTVC'	4,95	0,667	6,38	0,785	113,0	323,0	-1,507	0,135	0,067**	0,25
mY	3,65	0,617	5,31	0,952	116,5	326,5	-1,397	0,167	0,083**	0,23
MOR	1,55	0,294	2,5	0,632	125,5	335,5	-1,135	0,261	0,132	0,19
CBblend	0,5	0,154	0,75	0,171	126,0	336,0	-1,199	0,255	0,143	0,20
C'	1,65	0,319	2	0,242	127,0	337,0	-1,088	0,285	0,144	0,18
V	0,6	0,21	0,94	0,295	134,5	344,5	-,913	0,381	0,186	0,15
PPD	9,4	1,125	12,13	1,431	106,0	316,0	-1,726	0,086	0,043*	0,29
CritCont%	26,35	3,026	35,44	4,514	111,0	321,0	-1,561	0,121	0,061**	0,26
SC-Comp	4,78	0,2069	5,325	0,2558	104,0	314,0	-1,785	0,075	0,038*	0,30

Variáveis	Grupo 3		Grupo 4		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
Variáveis de outros domínios										
R	24,55	0,977	25,44	0,975	139,0	349,0	-,671	0,512	0,256	0,11
Pr	0,8	0,321	0,88	0,18	125,5	335,5	-1,189	0,231	0,117	0,20
Pu	0,55	0,312	0,38	0,202	158,5	294,5	-,063	0,952	0,483	0,01
CT	8,4	1,663	8,44	1,387	159,5	295,5	-,016	0,994	0,497	0,00
SR	0,6	0,169	0,88	0,287	147,0	357,0	-,459	0,646	0,332	0,08
An	2,8	0,451	3,75	0,233	92,0	302,0	-2,238	0,024	0,012*	0,37
SumH	7,75	0,757	7,44	1,329	131,5	267,5	-,912	0,37	0,185	0,15
M-	1,15	0,264	0,69	0,237	122,5	258,5	-1,272	0,207	0,108	0,21
M	4,4	0,723	4,31	0,84	157,0	293,0	-,097	0,93	0,465	0,02
FM	3,2	0,588	3,31	0,405	136,5	346,5	-,762	0,456	0,228	0,13
F	10,4	1,313	9,56	1,004	152,0	288,0	-,256	0,807	0,403	0,04
WSumC	3,2	0,4845	3,75	0,4233	128,0	338,0	-1,024	0,314	0,157	0,17
MC	7,6	0,9945	8,063	1,0972	152,5	362,5	-,239	0,819	0,41	0,04
F%	41,3	4,37	37,44	3,428	136,5	272,5	-,749	0,464	0,232	0,12
MC-PPD	-1,8	1,086	-4,062	0,9375	116,0	252,0	-1,403	0,165	0,083**	0,23
AGM	0,9	0,25	0,81	0,228	159,0	295,0	-,034	0,987	0,502	0,01
AGC	2,95	0,32	5,06	0,616	68,0	278,0	-3,000	0,002	0,001*	0,50
ODL	2,6	0,4	3,13	0,67	154,5	364,5	-,178	0,866	0,433	0,03
ODL%	11,15	1,792	11,81	2,284	159,0	369,0	-,032	0,981	0,491	0,01
V-Comp	3,985	0,2402	3,931	0,3395	153,0	289,0	-,223	0,832	0,416	0,04
Complexity	73,8	4,064	87,31	7,3	120,5	330,5	-1,259	0,214	0,107	0,21

Nota: Grupo 3, n=20; Grupo 4, n=16.

* Indica variáveis significativas com IC 95% ($p < 0,05$)

** Indica variáveis significativas com IC 90% ($p < 0,10$)

Houve diferenças significativas dentro de um IC de 95% as variáveis WD-% (porcentagem de respostas de qualidade formal menos em áreas W e D), m (determinante movimento inanimado), PPD (determinantes potencialmente problemáticos, que inclui FM [movimento animal], m [movimento inanimado], Y [sombreado difuso], T [textura], V [vista], C' [cor acromática]), SC-Comp (composto preocupação com o suicídio), An (conteúdo anatomia) e AGC (conteúdo agressivo), esta última com efeitos de dimensão grande; e para IC de 90%, as variáveis WSumCog (soma ponderada dos seis códigos cognitivos), FQu% (porcentagem de qualidade formal incomum), YTVC' (soma dos determinantes de sombreado e cor acromática), mY (soma

dos determinantes movimento inanimado e sombreado difuso), CritCont% (porcentagem de conteúdos críticos, que engloba os códigos de conteúdo mórbido [MOR], movimento agressivo [AGM] e conteúdos de anatomia, sangue, explosão, fogo e sexo) e MC-PPD (movimentos humanos junto da soma ponderada de determinantes de cor, menos PPD acima descrito).

Aqui, a mesma tendência evidenciada na análise realizada dos Grupos 1 e 2 pode ser observada com relação às variáveis WD-% e WSumCog: a variável WD-% apresentou médias mais altas no Grupo 3, e a WSumCog apresentou médias maiores no Grupo 4. Dentro das variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento, a FQu% também apresentou diferenças estatísticas significativas, porém, não será levada em conta para análise devido à baixa fidedignidade desta variável neste estudo, possivelmente porque uma parte deste tipo de resposta pertence a objetos que não constam nas listas de qualidade formal do R-PAS.

Os estudantes do Grupo 4 demonstraram maiores preocupações com o corpo ou mesmo vulnerabilidade na imagem corporal ou dos aspectos psíquicos (An). Pode-se perceber que ambos os grupos estão acima da faixa esperada na amostra normativa (percentil 75= 2,0), o que leva a pensar que todo o grupo de alunos apresenta preocupações com o corpo ou vulnerabilidade psíquica, e de forma mais acentuada naqueles alunos com ideação suicida ativa. O código AGC é significativamente maior no Grupo 4, que também fica aumentado quando comparado à amostra normativa (M=3,1; DP=1,9; percentil 75= 4,0). Com relação ao AGC, pode-se supor, então, que a ideação suicida esteja relacionada a aspectos da agressividade, sendo que este aumento de AGC pode tanto se referir ao desejo do suicídio, que é um ato autoagressivo, quanto ao medo de realizar tal ato. Esta ideia é reforçada pelo fato de ser uma variável aumentada tanto nos estudantes com ideação suicida mais imediata, nos últimos 30 dias, quanto naqueles com ideação nos últimos seis meses.

As variáveis m (movimento inanimado), PPD (determinantes potencialmente problemáticos), YTVC' (determinantes de sombreado difuso, textura, vista e cor acromática) e mY (determinantes de movimento inanimado e sombreado difuso) estão todas relacionadas a determinantes indicativos de angústia, tanto crônicas quanto relacionada a estressores situacionais (m,

mY). Todas são maiores no Grupo 4, o que pode ser um fator importante para que tenham pensamentos de suicídio, por sentirem grande angústia com a qual não sabem lidar. Neste mesmo sentido, o Composto Preocupação com Suicídio é calculado a partir das variáveis V (determinante vista), FD (determinante forma dimensão), CBlend (determinante misto de cor e sombreado), determinante de reflexo e pares, MOR (conteúdo mórbido), complexidade, PPD, respostas de cor, FQo% (porcentagem de qualidade formal ordinária), respostas ao espaço, populares e conteúdo humano inteiro. Trata-se de uma medida do risco de suicídio e de comportamento autodestrutivo e pode estar, do ponto de vista psíquico, relacionado com sentimento de desespero (Meyer et al., 2011/2017). O Grupo 4 apresentou SC-Comp significativamente maior em relação ao grupo sem ideação, o que denota também mais sentimentos angustiantes naquele grupo. No entanto, para SC-Comp, ambos os grupos possuem valores dentro do esperado de acordo com a amostra normativa (M= 4,7; DP= 1,4; percentil 75= 5,6). De qualquer forma, é possível pensar que a SC-Comp parece ser uma medida sensível aos aspectos relacionados ao suicídio, uma vez que estamos estudando alunos com e sem ideação suicida, que não atuaram a ideação fazendo uma tentativa; ainda que seja uma diferença que psiquicamente possa ser sutil entre os dois grupos, que seria do suicídio restrito aos pensamentos e sem comportamentos, o composto foi capaz de captar a diferença entre os grupos.

A variável MC-PPD se refere à soma dos determinantes de movimento humano e de cor cromática menos os determinantes potencialmente problemáticos. Representa uma medida dos recursos ideativos e afetivos (MC) em relação à angústia experimentada pela pessoa. Quanto menor o valor da equação, tanto mais sentimentos angustiantes invadem a pessoa, o que diminui a capacidade para enfrentar eventos cotidianos. Nas amostras analisadas, o Grupo 4 possui MC-PPD significativamente menor do que o Grupo 3, o que também poderia indicar menor capacidade de enfrentamento do Grupo 4, gerando uma predisposição ao pensamento suicida. E, por fim, também os conteúdos críticos (CritCont%) têm aumento significativo no Grupo 4 também em relação à amostra normativa (M= 20,4; DP= 13,5; percentil 75= 28,0), o que poderia ser interpretado em três direcionamentos: presença de

experiências traumáticas; pensamentos primitivos; fingimento. É provável que a variável se refira às duas primeiras hipóteses, ou seja, trauma, com possível dissociação, e também a pensamentos primitivos; estes se referem à presença de cognições pouco precisas ou primárias que podem gerar falhas de censura tal como ocorre em estados psicóticos e limítrofes. A terceira hipótese, fingimento ou impostura, ocorre quando as pessoas querem exagerar sintomas no Rorschach. No entanto, como os estudantes avaliados estavam em contexto de pesquisa dentro de um serviço no qual espontaneamente procuraram ajuda devido a questões de saúde mental, seria pouco provável que tivessem interesse em fingir sintomas ou psicopatologias.

O aumento das respostas distorcidas (WD-%) no Grupo 3, que vai de encontro às hipóteses inicialmente levantadas de maior distorção no grupo de alunos com ideação, poderia ser resultante do Grupo 4 estar mais defendido na avaliação. Esta hipótese pode ser reforçada pelo aumento de Pr no grupo 4: este grupo precisou ser mais estimulado a dar mais respostas, talvez porque tentaram suprimir as respostas distorcidas que poderiam ter dado. Além disso, também tiveram mais comportamento de rotacionar o cartão (CT), o que poderia ser resultado de busca por outras respostas. No entanto, para estes alunos, as dificuldades referentes aos aspectos cognitivos acabaram se mostrando na conceitualização das respostas que não foram suprimidas, por meio do WSumCog aumentado. Desta forma, parece que conseguiram se defender suprimindo respostas distorcidas, mas não conseguiram se defender de revelar problemas ideativos por meio das respostas de códigos cognitivos severos.

É possível perceber no Grupo 4 o predomínio das variáveis relacionadas ao Domínio Estresse e Distresse e, mesmo variáveis que estão fora deste domínio, podem ser referidas à presença de angústia. A variável de conteúdos de anatomia, embora esteja relacionada ao Domínio Representação de Si e Outros, contém características de preocupações com o próprio corpo, doenças ou vulnerabilidade psíquica que possivelmente estão sobrecarregadas pela angústia. Assim, a permanência de vivências angustiantes somada à presença de pensamentos desorganizados poderia estar relacionada aos pensamentos de suicídio como um raciocínio pouco habitual para lidar com a angústia que sentem.

5.2.3 Análise dos estudantes com comportamento autolesivo não suicida e estudantes sem comportamento autolesivo não suicida

Na quarta análise, o grupo dos alunos foi dividido pela presença ou ausência de comportamento autolesivo não suicida (CANS). Por esta divisão, tem-se o Grupo 5 com 21 alunos sem CANS e o Grupo 6 com 15 alunos com CANS. Os resultados estão na tabela 4.

Tabela 4 - Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito *r* das variáveis, sendo o Grupo 5 dos estudantes sem CANS e o Grupo 6, estudantes com CANS

Variáveis	Grupo 5		Grupo 6		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
Variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento										
EII-3	0,681	0,27461	1,12	0,26978	114,5	345,5	-1,382	0,172	0,086**	0,23
TP-Comp	1,3	0,2266	1,62	0,3515	134	365	-0,754	0,46	0,23	0,13
WSumCog	12,62	4,335	14,67	2,841	100,5	331,5	-1,834	0,067	0,034*	0,31
SevCog	1	0,516	1,27	0,483	117	348	-1,453	0,159	0,079**	0,24
FQo%	46,38	2,142	48,33	2,181	143	374	-0,466	0,651	0,325	0,08
Fqu%	35,1	2,3	31,2	1,682	124	244	-1,078	0,289	0,144	0,18
FQ-%	16,29	1,63	18,6	3,211	145,5	376,5	-0,386	0,709	0,355	0,06
WD-%	13	1,703	14,33	2,881	151,5	382,5	-0,193	0,855	0,428	0,03
Popular	4,52	0,356	4,27	0,473	145	265	-0,411	0,698	0,35	0,07
Variáveis do Domínio Estresse e Distresse										
m	1,67	0,499	1,93	0,452	131	362	-0,88	0,39	0,194	0,15
Y	2,57	0,491	2,67	0,575	152,5	383,5	-0,165	0,877	0,439	0,03
YTVC'	5,33	0,731	5,93	0,714	137	368	-0,663	0,518	0,259	0,11
mY	4,24	0,834	4,6	0,668	129,5	360,5	-0,906	0,374	0,187	0,15
MOR	1,81	0,456	2,2	0,48	132	363	-0,845	0,406	0,205	0,14
Cblend	0,38	0,109	0,93	0,206	96,5	327,5	-2,168	0,033	0,016*	0,36
C'	1,71	0,269	1,93	0,33	143	374	-0,482	0,638	0,321	0,08
V	0,67	0,211	0,87	0,307	144,5	375,5	-0,469	0,646	0,327	0,08
PPD	10,1	1,401	11,33	0,979	114,5	345,5	-1,385	0,171	0,085**	0,23
CritCont%	29,33	3,944	31,87	3,46	133,5	364,5	-0,771	0,451	0,225	0,13
SC-Comp	4,8	0,2214	5,333	0,2346	116	347	-1,333	0,188	0,094**	0,22
Variáveis de outros domínios										
R	24,43	0,938	25,67	1,013	113,5	344,5	-1,418	0,161***	0,08	0,24
Pr	0,81	0,306	0,87	0,192	128	359	-1,025	0,308	0,156	0,17
Pu	0,48	0,29	0,47	0,236	151	382	-0,275	0,821	0,397	0,05

Variáveis	Grupo 5		Grupo 6		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
CT	7	1,545	10,4	1,397	111,5	342,5	-1,489	0,14	0,07**	0,25
SR	0,67	0,187	0,8	0,279	154,5	385,5	-0,107	0,952	0,484	0,02
An	3,1	0,441	3,4	0,273	126,5	357,5	-1,029	0,315	0,156	0,17
SumH	7,9	1,115	7,2	0,745	156,5	387,5	-0,032	0,981	0,49	0,01
M-	1,1	0,275	0,73	0,206	139,5	259,5	-0,615	0,548	0,277	0,10
M	4,62	0,88	4	0,436	144,5	375,5	-0,422	0,683	0,341	0,07
FM	3,1	0,56	3,47	0,424	123	354	-1,128	0,267	0,133	0,19
F	10,33	1,258	9,6	1,055	152	272	-0,177	0,868	0,434	0,03
WSumC	3,214	0,4234	3,767	0,5207	135	366	-0,726	0,478	0,239	0,12
MC	7,833	1,1697	7,767	0,6616	135	366	-0,724	0,479	0,24	0,12
F%	41,43	4,253	37	3,41	127,5	247,5	-0,963	0,344	0,172	0,16
MC-PPD	-2,262	1,1007	-3,567	0,9282	139,5	259,5	-0,578	0,573	0,287	0,10
AGM	0,9	0,266	0,8	0,175	148	379	-0,327	0,731	0,371	0,05
AGC	3,29	0,526	4,73	0,408	67	298	-2,975	0,002	0,001*	0,50
ODL	2,95	0,509	2,67	0,54	146	266	-0,375	0,718	0,359	0,06
ODL%	12,24	1,995	10,33	1,919	140	260	-0,563	0,583	0,292	0,09
V-Comp	3,919	0,317	4,02	0,1865	136	367	-0,691	0,499	0,25	0,12
Complexity	76,86	6,459	83,93	3,606	101	332	-1,815	0,07**	0,035	0,30

Nota: Grupo 5, n=21; Grupo 6, n=15

* Indica variáveis significativas com IC 95% ($p < 0,05$)

**Indica variáveis significativas com IC 90% ($p < 0,10$)

*** Indica variável que não é significativa por ser considerada bilateralmente.

As variáveis que mostraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para um IC de 95% foram: WSumCog (soma ponderada dos seis códigos cognitivos), CBlend (cor misturada com sombreado e cor acromática) com efeito de dimensão média e AGC (conteúdo agressivo) com efeito de dimensão grande; para IC de 90% foram EII-3 (Índice de Enfraquecimento de Ego), SevCog (soma dos códigos cognitivos severos), PPD (determinantes potencialmente problemáticos), SC-Comp (composto preocupação com suicídio), CT (rotações do cartão) e Complexity (complexidade) com efeito de dimensão média.

A variável SC-Comp é maior no Grupo 6. Entretanto, novamente, nos dois grupos as médias são consideradas dentro do esperado na amostra normativa. É interessante notar que ela foi significativa para diferenciar alunos com e sem CANS. A SC-Comp é uma variável capaz de captar não só a

ideação suicida, como visto na análise anterior, como também comportamentos autodestrutivos como a autolesão.

A variável Cblend é bastante incomum nos protocolos e, quando aparece, é significativa. No entanto, em nenhum dos dois grupos ela tem média maior do que o esperado na amostra normativa ($M= 0,7$; $DP= 1,0$; percentil 75= 1,0); de qualquer forma, é possível pensar que o Grupo 6 possui mais experiências com afetos mistos, misturando sentimentos negativos às reações positivas de satisfação. Também a variável PPD é maior no Grupo 6, o que reforça a ideia de que este grupo tem mais sentimentos angustiantes do que o grupo de alunos sem CANS.

Com relação às variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento, WSumCog, os dois grupos apresentaram médias superiores ao esperado pela amostra normativa ($M=7,7$; $DP= 7,1$; percentil 75= 11,0) e é ainda maior no Grupo 6, bem como as variáveis Ell-3 e SevCog. Isso indica que neste grupo há mais pensamentos perturbados ou desorganizados, ou pensamento e raciocínio imaturos e ineficientes.

A variável Complexity também é maior no Grupo 6, inclusive comparado à amostra normativa ($M=68,0$; $DP=28,2$; percentil 75=79,0). Isso poderia significar que estes estudantes possuem sentimentos de perda de controle como resultado de ansiedade, agitação, mania, trauma, psicose emergente ou de ruminação autodestrutiva ou obsessões (Meyer et al., 2011/2016), o que poderia contribuir para o comportamento autodestrutivo. A variável CT dentro deste panorama poderia demonstrar maior ansiedade deste grupo e, somado a isto, a variável AGC novamente teve diferenças estatísticas significativas nesta análise, sendo que o grupo com CANS teve valores mais altos. Esta identificação com aspectos agressivos mostrada por este grupo pode ter relação direta com os comportamentos autoagressivos. Embora a autolesão não esteja relacionada diretamente ao desejo de se matar, trata-se de uma atuação da agressão.

Enfim, é possível perceber que nos estudantes que relataram CANS, há mais indicativos de terem um funcionamento mais complexo, com maior carga de angústia e maiores problemas relacionados à percepção e ao pensamento. Parece que o funcionamento complexo pode levá-los a se atentar a sutilezas a respeito de suas vidas e suas vivências o que, somado a uma percepção

própria e distorcida dos eventos e a uma conceituação pouco compartilhada, os leva a se sentirem mais angustiados. Junto desta angústia, há identificação com aspectos agressivos, o que provavelmente colabora para atuar a agressão nos seus próprios corpos.

5.2.4 Análise dos estudantes com histórico de tentativa de suicídio e estudantes sem tentativas durante a vida

Em seguida, estão as análises referentes ao grupo de alunos divididos pelo histórico de tentativa de suicídio. Quando se divide os estudantes por este critério, tem-se o Grupo 7 com 28 alunos que nunca tentaram suicídio e o Grupo 8 com oito alunos que já tentaram suicídio em algum momento da vida. As estatísticas são mostradas na Tabela 5.

Tabela 5 - Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito *r* das variáveis, sendo o Grupo 7 dos estudantes que nunca tentaram suicídio e o Grupo 8, estudantes com histórico de tentativa de suicídio

Variáveis	Grupo 7		Grupo 8		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
Variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento										
EII-3	0,8643	0,2071	0,8625	0,53816	109,5	145,5	-0,095	0,933	0,467	0,02
TP-Comp	1,529	0,2192	1,1	0,4416	91,5	127,5	-0,78	0,448	0,224	0,13
WSumCog	12,5	2,806	16,88	7,965	98	504	-0,534	0,606	0,303	0,09
SevCog	1,07	0,378	1,25	0,977	104	140	-0,34	0,755	0,424	0,06
FQo%	46,93	1,707	48,13	3,652	98,5	504,5	-0,515	0,62	0,31	0,09
FQu%	32,29	1,713	37,63	3,145	74	480	-1,449	0,153	0,076**	0,24
FQ-%	18,46	1,889	13	2,816	84	120	-1,067	0,297	0,148	0,18
WD-%	15,54	1,743	6,63	1,822	48	84	-2,439	0,013	0,006*	0,41
Popular	4,68	0,321	3,5	0,5	66,5	102,5	-1,774	0,077**	0,04	0,30
Variáveis do Domínio Estresse e Distresse										
m	1,68	0,309	2,13	1,156	108	144	-0,158	0,885	0,444	0,03
Y	2,61	0,428	2,63	0,754	108,5	514,5	-0,137	0,904	0,447	0,02
YTVC'	5,68	0,577	5,25	1,206	97	133	-0,575	0,58	0,29	0,10
mY	4,29	0,522	4,75	1,79	100	136	-0,461	0,656	0,329	0,08
MOR	1,82	0,287	2,5	1,134	110,5	516,5	-0,059	0,971	0,484	0,01
CBlend	0,64	0,138	0,5	0,189	104	140	-0,337	0,828	0,422	0,06
C'	1,68	0,236	2,25	0,412	86	492	-1,024	0,326	0,159	0,17

Variáveis	Grupo 7		Grupo 8		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. exata (bilat)	Sig. exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
V	0,86	0,21	0,38	0,263	85,5	121,5	-1,134	0,305	0,167	0,19
PPD	10,64	0,923	10,5	2,652	98,5	134,5	-0,516	0,619	0,31	0,09
CritCont%	29,93	2,644	32	8,229	110	146	-0,076	0,948	0,474	0,01
SC-Comp	5,004	0,1857	5,088	0,3898	100,5	506,5	-0,438	0,674	0,337	0,07
Variáveis de outros domínios										
R	24,64	0,815	26	1,225	86,5	492,5	-0,974	0,342	0,171	0,16
Pr	0,86	0,24	0,75	0,25	106,5	512,5	-0,227	0,87	0,432	0,04
Pu	0,46	0,227	0,5	0,378	110,5	516,5	-0,075	0,941	0,457	0,01
CT	7,96	1,21	10	2,605	85,5	491,5	-1,017	0,32	0,16	0,17
SR	0,61	0,165	1,13	0,398	81	487	-1,308	0,198	0,117	0,22
An	3,07	0,333	3,75	0,453	82,5	488,5	-1,161	0,265	0,131	0,19
SumH	7,39	0,603	8,38	2,542	98	134	-0,536	0,606	0,303	0,09
M-	0,93	0,212	1	0,378	104,5	510,5	-0,304	0,781	0,41	0,05
M	4,54	0,521	3,75	1,688	73	109	-1,503	0,137	0,068	0,25
FM	3,29	0,442	3,13	0,639	111	517	-0,039	0,976	0,49	0,01
F	9,71	0,974	11,13	1,757	88	494	-0,916	0,372	0,186	0,15
WSumC	3,286	0,3739	4	0,6814	91,5	497,5	-0,784	0,447	0,223	0,13
MC	7,821	0,7229	7,75	2,2019	94,5	130,5	-0,667	0,518	0,259	0,11
F%	38,54	3,183	43,25	6,562	92	498	-0,762	0,46	0,23	0,13
MC-PPD	-2,821	0,9158	-2,75	1,122	110,5	516,5	-0,057	0,963	0,481	0,01
AGM	0,93	0,192	0,63	0,375	89	125	-0,94	0,341	0,181	0,16
AGC	3,71	0,337	4,5	1,195	104	510	-0,312	0,76	0,378	0,05
ODL	2,54	0,323	3,88	1,202	91	497	-0,811	0,43	0,215	0,14
ODL%	10,75	1,436	13,88	3,912	95,5	501,5	-0,63	0,542	0,271	0,11
V-Comp	3,886	0,202	4,225	0,5675	107,5	513,5	-0,172	0,873	0,437	0,03
Complexity	79,07	3,29	82,38	14,904	88,5	124,5	-0,895	0,383	0,191	0,15

Nota: Grupo 7, n=28; Grupo 8, n=8.

* Indica variáveis significativas com IC 95% ($p < 0,05$)

** Indica variáveis significativas com IC 90% ($p < 0,10$)

Houve diferenças significativas na variável WD-% com efeito de dimensão média dentro de IC de 95% e nas variáveis FQu% (efeito de dimensão pequena) e Popular (efeito de dimensão média) dentro de IC de 90%.

Novamente a variável WD-% apresenta diferenças significativas em uma direção oposta à hipótese inicialmente levantada. Ela se apresenta maior no Grupo 7 em comparação com o Grupo 8. A variável Popular apresenta

médias mais baixas no Grupo 8 em relação ao Grupo 7 e também em relação à amostra normativa (M= 5,6; DP= 1,9; percentil 25= 4,0), o que é interpretado como relacionado a problemas no teste de realidade, idiosincrasia ou desejo de ser diferente. De fato, poder-se-ia pensar que a tentativa de suicídio como uma saída para as angústias que enfrentam seria uma idiosincrasia deste grupo – porque afinal, esta não é a saída buscada pela maioria da população. Isto é reforçado pelo aumento de FQu%. É notável que todas as variáveis em que houve diferenças estatísticas nesta análise pertencem ao Domínio de Percepção e Pensamento.

5.2.5 Análise dos estudantes que nunca tiveram ideação suicida e dos estudantes com tentativa de suicídio

Por ter sido reduzido o número de variáveis com diferenças estatisticamente significativas na análise entre os alunos com histórico de tentativa de suicídio e os alunos que nunca tentaram, optou-se por realizar uma análise complementar, comparando-se somente um subgrupo dos alunos que nunca tentaram suicídio, selecionando-se aqueles que relataram que nunca tiveram ideação suicida (Grupo 7-A, n=6) com os estudantes que relataram que já tentaram suicídio (Grupo 8, n=8), em um total de 14 estudantes. Os resultados estatísticos são mostrados na Tabela 6.

Tabela 6 - Média, desvio padrão, estatísticas de Wilcoxon Mann-Whitney e dimensão do efeito *r* das variáveis, sendo o Grupo 7-A dos estudantes que nunca tiveram ideação suicida e o Grupo 8, estudantes com histórico de tentativa de suicídio

Variáveis	Grupo 7-A		Grupo 8		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. Exata (bilat)	Sig. Exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
Variáveis do Domínio de Percepção e Pensamento										
EII-3	-0,1	0,27325	0,8625	0,53816	13,5	34,5	-1,359	0,191	0,095**	0,36
TP-Comp	0,533	0,286	1,1	0,4416	16,5	37,5	-0,969	0,362	0,181	0,26
WSumCog	3,67	1,726	16,88	7,965	9	30	-1,956	0,053	0,028*	0,52
SevCog	0,17	0,167	1,25	0,977	18,5	39,5	-0,896	0,497	0,322	0,24
FQo%	54,83	4,206	48,13	3,652	13	49	-1,43	0,167***	0,083	0,38
FQu%	28,83	2,786	37,63	3,145	8,5	29,5	-2,014	0,045	0,023*	0,54
FQ-%	13	3,679	13	2,816	23,5	44,5	-0,065	0,978	0,489	0,02

Variáveis	Grupo 7-A		Grupo 8		U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. Exata (bilat)	Sig. Exata (unilat)	r
	M	DP	M	DP						
WD-%	11,67	3,989	6,63	1,822	16	52	-1,044	0,332	0,165	0,28
Popular	4,5	0,806	3,5	0,5	14,5	50,5	-1,275	0,237	0,116	0,34
Variáveis do Domínio Estresse e Distresse										
m	0,5	0,224	2,13	1,156	13,5	34,5	-1,448	0,173	0,125	0,39
Y	2,67	0,843	2,63	0,754	24	60	0	1,0	0,516	0,00
YTVC'	5,33	1,256	5,25	1,206	23	59	-0,131	0,921	0,463	0,04
mY	3,17	0,946	4,75	1,79	21,5	42,5	-0,329	0,786	0,397	0,09
MOR	1,5	0,563	2,5	1,134	21	42	-0,403	0,736	0,37	0,11
CBlend	0,5	0,342	0,5	0,189	22	43	-0,294	0,814	0,471	0,08
C'	2	0,632	2,25	0,412	19	40	-0,689	0,527	0,329	0,18
V	0,5	0,342	0,38	0,263	22	58	-0,325	0,93	0,524	0,09
PPD	8,5	1,258	10,5	2,652	22,5	43,5	-0,194	0,875	0,439	0,05
CritCont%	26,5	6,412	32	8,229	21	42	-0,388	0,729	0,365	0,10
SC-Comp	4,967	0,3283	5,088	0,3898	20	41	-0,518	0,64	0,319	0,14
Variáveis de outros domínios										
R	23,5	0,847	26	1,225	12,5	33,5	-1,5	0,144***	0,073	0,40
Pr	0,5	0,342	0,75	0,25	18,5	39,5	-0,779	0,545	0,284	0,21
Pu	0	0	0,5	0,378	18	39	-1,271	0,473	0,308	0,34
CT	5,17	2,442	10	2,605	12	33	-1,57	0,13	0,066**	0,42
SR	1	0,365	1,13	0,398	23	44	-0,135	0,993	0,512	0,04
An	2,5	0,619	3,75	0,453	12	33	-1,592	0,131	0,075**	0,43
SumH	7	0,966	8,38	2,542	20,5	56,5	-0,463	0,679	0,339	0,12
M-	0,17	0,167	1	0,378	12	33	-1,739	0,156	0,084**	0,46
M	3,17	0,654	3,75	1,688	20	56	-0,526	0,63	0,322	0,14
FM	2,67	0,667	3,13	0,639	20,5	41,5	-0,461	0,69	0,349	0,12
F	9	1,571	11,13	1,757	17	38	-0,907	0,395	0,196	0,24
WSumC	3,333	1,2758	4	0,6814	17,5	38,5	-0,85	0,417	0,207	0,23
MC	6,5	1,7512	7,75	2,2019	19,5	40,5	-0,583	0,591	0,298	0,16
F%	38,67	6,941	43,25	6,562	20	41	-0,518	0,644	0,321	0,14
MC-PPD	-2	1,5111	-2,75	1,122	18,5	54,5	-0,712	0,51	0,256	0,19
AGM	0,67	0,333	0,63	0,375	21,5	57,5	-0,362	0,902	0,455	0,10
AGC	3,17	0,654	4,5	1,195	17,5	38,5	-0,863	0,41	0,201	0,23
ODL	2,33	0,843	3,88	1,202	18	39	-0,781	0,472	0,238	0,21
ODL%	10,17	3,71	13,88	3,912	19	40	-0,647	0,551	0,279	0,17
V-Comp	4,633	0,4153	4,225	0,5675	17,5	53,5	-0,842	0,434	0,217	0,23
Complexity	72	5,138	82,38	14,904	23,5	59,5	-0,065	0,979	0,49	0,02

Nota: Grupo que nunca teve ideação, n=6; Grupo com tentativa de suicídio, n=8

* Indica variáveis significativas com IC 95% ($p < 0,05$)

**Indica variáveis significativas com IC 90% ($p < 0,10$)

*** Indica variável que não é significativa por ser considerada bilateralmente.

As variáveis significativas dentro de IC de 95% foram WSumCog (soma ponderada dos seis códigos cognitivos) e FQu% (porcentagem de qualidade formal incomum), ambas com efeito de dimensão grande. Dentro de IC de 90%, houve diferenças significativas nas variáveis EII-3 (Índice de Enfraquecimento do Ego), CT (rotações do cartão), An (conteúdo anatomia) e M- (respostas de determinante movimento humano com qualidade formal menos, ou distorcida), todas com efeito de dimensão média.

Embora seja uma amostra pequena, é possível verificar as mesmas tendências apontadas nas análises anteriores. Nos alunos do Grupo 8, há mais problemas com o processo do pensamento, como pensamentos perturbados ou desorganizados (WSumCog e EII-3). Maiores valores de An podem indicar aumento de preocupação com o corpo ou com vulnerabilidade psíquica, e o CT aponta possivelmente para maior ansiedade. Todos são mais proeminentes nos alunos do Grupo 8 quando comparado aos alunos do Grupo 7-A. A variável M- seria uma medida de compreensão atípica ou distorcida das pessoas, o que poderia sugerir relações pessoais perturbadas (Meyer et al., 2011/2017). Em comparação com as pessoas que nunca pensaram em suicídio, aqueles que já tentaram se matar possuem valores mais altos de M-, o que poderia apontar para o fato de terem menos relações contínuas ou significativas em suas vidas, contribuindo para o comportamento suicida. Conforme experiência no atendimento aos alunos do ESM e também como mostra o trabalho de Santos (2022a, 2022b), é bastante frequente que as pessoas, quando perguntadas sobre as razões que as impedem de se suicidarem, apontem o contato com pessoas próximas e o amor por elas como fator impeditivo. Quando analisamos os fatores de risco para o suicídio, o estado civil é considerado importante, sendo que ser solteiro, viúvo ou divorciado são fatores relevantes (Botega, 2015). Viver sozinho, sem a presença de um(a) companheiro(a), poderia estar atrelado a dificuldades relacionais. Poder-se-ia pensar, assim, que relações pessoais perturbadas é

um importante fator para o suicídio, o que pode ter sido expresso nesta amostra pelos valores mais altos de M-.

5.2.6 Análises qualitativas comparando estudantes que nunca tiveram ideação suicida com estudantes com tentativas de suicídio

A análise qualitativa de algumas respostas que contêm códigos específicos poderia fornecer informações extras sobre o psiquismo da pessoa, porque há probabilidade de serem projetados significados pessoais (Meyer et al., 2011/2017).

Em primeiro lugar, conforme descrito anteriormente, a variável FQu% não apresentou os valores para confiabilidade suficientes nesta amostra e não será considerada para análise como significativa. Para o código CT, não é necessário realizar análises qualitativas, visto que se trata de uma quantificação de respostas em que a pessoa movimenta a pranchas em várias posições para dar uma resposta. Este comportamento pode ser decorrente de diferentes estados internos, como curiosidade, flexibilidade, desinibição, mas neste estudo possivelmente aponta para maior ansiedade dos estudantes do Grupo 8.

É possível verificar que nos alunos do Grupo 8, há mais problemas com o processo do pensamento, como pensamentos perturbados ou desorganizados (WSumCog e EII-3) em comparação com o Grupo 7-A. Conforme salientam Meyer et al. (2011/2017), a variável EII-3 é uma medida da perturbação do pensamento e de psicopatologia, que envolve teste de realidade (qualidade formal das respostas), perturbação do pensamento (Códigos Cognitivos), conteúdos relacionados a distúrbios de pensamento (conteúdos críticos) e distúrbios interpessoais (M-, GHR e PHR). Por se tratar do agrupamento de diversas variáveis, o aspecto quantitativo seria proeminente para EII-3.

Já a variável WSumCog se refere à soma ponderada dos códigos cognitivos. Códigos cognitivos são classificados em respostas dadas ao Rorschach que apresentam como característica um ou mais dos seguintes lapsos cognitivos: (1) verbalização desviante (DV), quando uma pessoa utiliza palavras imprecisas em sua descrição, que representam dificuldades na

expressão verbal ou, quando mais graves, desintegração e fusão de conceitos; (2) resposta desviante (DR), quando a pessoa faz comentários que fogem à tarefa do Rorschach, demonstrando pensamento prolixo (circunstancial ou tangencial); (3) combinação incongruente (INC), quando a pessoa combina em um objeto características irreais, demonstrando alterações no pensamento, como o concretismo; (4) combinação fabulada (FAB), quando a pessoa estabelece uma relação impossível ou implausível entre dois ou mais objetos, que representa uma falha do raciocínio, que passa a ser não orientado pela realidade; (5) lógica inadequada (PEC), codificada quando a pessoa usa uma lógica falha para explicar sobre objeto visto, o que demonstra falha do processo de raciocínio com viés de confirmação; e (6) contaminação (CON), quando há uma combinação visualmente fusionada de dois ou mais objetos em uma resposta, que são características de graves falhas na discriminação do que vê e do juízo de realidade, atribuídos normalmente a pensamentos primitivos ou psicóticos. Os códigos DV, DR, INC e FAB são classificados entre nível 1 e 2, dependendo do grau de afastamento da realidade e da bizarria da resposta, sendo as respostas de nível 1 menos graves e as de nível 2, mais severas. A partir destas classificações, é possível estabelecer diferentes pesos para os códigos, que vão do menos grave até o mais grave, para que seja calculado o WSumCog. A ordem, começando pela menos grave, é: DV1, INC1, DV2, DR1, FAB1, INC2, PEC, DR2, FAB2 e CON. São considerados como códigos cognitivos severos todos os de nível 2, além de PEC e CON. As descrições psicopatológicas dos códigos cognitivos se apoiam nas definições das alterações de pensamento descritas por Dalgalarondo (2008) e Meyer et al. (2011/2017).

Nesta amostra, dos seis alunos do Grupo 7-A, três não apresentaram nenhum código cognitivo. Os outros três apresentaram, porém somente um deles apresentou um código cognitivo severo. Trata-se da resposta dada à prancha V, *“Parece uma mistura de alguns animais, a cabeça apresenta a parte da cabeça de um... de um gastrópode, asas, lembra asas de um morcego e as patas parece de borboleta e o animal está de costas e está voando... essa imagem também não consigo enxergar outra figura e tenho a sensação de ser algo sólido e palpável. (Fase de resposta - FE) A cabeça [D6], duas, olho de caramujo ou lesma [Dd31], mas prefiro de caramujo porque eu tinha e essa*

região me lembra asa e gastrópode não voa, por isso parece mistura de animais. (asas de morcego?) Por serem pretas e não lembrarem asas de animais com penas [D4]. Patas de borboleta porque a lembrança que tenho são como se fossem risquinhos [Dd32]. (costas/voando?) de costas porque as asas estão tudo interligado e voando porque as duas patas estão para trás e as asas estão abertas. (Sólido/ palpável?) É que a cor das asas é uniforme, e a sensação de que consigo pegar esse animal [faz gesto com as mãos]” (W H u FMa,C' INC2 ODL). Nota-se que o estudante fez uma mistura dos perceptos que vê e parece querer demonstrar seu conhecimento sobre cada um dos animais relatados, falando de modo intelectualizado a respeito de seu repertório na área da biologia. Ainda que tenha recebido um INC2, parece uma mistura imatura de animais que se prestou à ostentação de seu conhecimento.

Com relação ao Grupo 8, a alta média parece ter sido influenciada por um *outlier*, ou seja, uma pessoa que deu muitos códigos severos. Todos os oito estudantes apresentaram códigos cognitivos, porém, cinco não tiveram códigos severos, com valores de WSumCog entre 1 e 14. Dois alunos tiveram um código especial cognitivo severo e uma aluna teve oito códigos severos, com WSumCog = 67, que seria a *outlier*. As respostas que receberam códigos severos apresentados pelos dois estudantes com um código deste tipo são as seguintes: (1) Prancha VII, “*v > ^ Apesar que dá para ver duas pessoas aqui também, dois rostos [em D9]. E aqui também [em D3]. (FE) Aqui. Duas cabeças aqui, e aqui. E aqui e aqui também. (O que fez parecer?) Ah, o perfil, ó, a cabeça o cabelo, o olho, o nariz, a boca e essa pessoa não tem queixo, tem pouco queixo [apontando características de D9]. Já a pessoa daqui [D3] é meio bruxa porque tem o queixo mais avantajado. Aqui nesse de baixo dá para ver o olho, esse aqui não dá. Aqui dá para ver mais feição. (Rostos separados ou juntos?) Uma coisa só, dois pares de rosto. Porque ainda tem a cidade aqui em cima num dos topetes das pessoas*” (@ D(3,9) Hd,(Hd) 2 o P F PEC AGC). Esta resposta recebeu um código PEC porque há uma justificativa sobre os rostos estarem juntos devido à presença de uma cidade no topete de uma das pessoas. Trata-se de uma lógica inadequada para justificar as imagens que vê, estabelecendo uma relação de causa e consequência sem sentido; (2) Prancha X, “*v E aqui tem tipo um carinha com asas, e essas asas lembram cavalos marinhos, ele tem cavalos marinhos nas asas, são verdes. (FE) Esse*

é o *carinha, os cavalos marinhos*” (v D10 H o FC INC2). Nesta resposta, podemos observar que há uma imagem de uma pessoa com asas, e cujas asas são cavalos marinhos, sendo uma combinação impossível na qual não há consideração pela realidade.

A terceira estudante, que dá oito códigos severos, parece ser então uma exceção ao grupo de estudantes analisados. Ela forneceu cinco respostas classificadas com FAB2, duas com INC2 e uma com CON. A resposta com o código mais severo da estudante foi a seguinte: Prancha X “v *Tá, agora... porque esse realmente parece um órgão genital feminino (ri), a vagina, e alguma coisa entrando no útero, alguma coisa assim. Ta tudo muito cercado... (FE) v De ponta cabeça, parece a entrada da vagina aqui [na parte superior entre os dois D9], essa coisa ta entrando [D11], não sei, é como se tivesse o mesmo formato, mas em vez de ser tecido, músculo, ela é osso. E ta entrando, parece que ta tudo muito cercado mesmo, aqui, aqui [mostra os detalhes externos a D9], e aí dá impressão que esse útero ta cercado de várias coisas, vários elementos que, juntos, eles formam um rosto [detalhes internos a D9]. E a pessoa parece feliz. (Osso?) A cor e... diferente da outra, esse ta mais preenchido, tem uns espaços, uns vácuos, que dá impressão de ser onde passariam os tendões, e os músculos dos ossos. Como se fosse da costela mesmo, sabe? (Rosto?) Aqui seriam os olhos [D2], o nariz [Dd34], a essa partezinha da bochecha [D6], essa a boca como se estivesse sorrindo [D3], e aqui onde seriam as sobrancelhas, é como se fosse um enfeite assim [D10]” (v W Hd,An,Sx,NC Sy – ma,Mp CON ODL). É uma resposta que combina vários elementos. Uma vagina e um útero cercados, uma parte óssea e elementos que formam um rosto sorridente dentro da vagina ou do útero. Demonstra dificuldade de discriminar, usa a mancha toda para formar um percepto sem sentido, distorcido e com combinação bizarra de elementos que visualmente se sobrepõem. Trata-se, assim, de grave falha cognitiva. Nesta amostra, fica clara que há maior distorção, inclusive em um nível qualitativo das respostas de Códigos Cognitivos Severos no Grupo 2 em relação àquelas dadas pelo Grupo 1, o que reforça a hipótese de que há maiores dificuldades de pensamento dos estudantes com tentativas de suicídio, ou de que há correlação entre dificuldades no processo do pensamento ou falhas cognitivas e tentativas de suicídio.*

Com relação às respostas de anatomia, valores acima da média para An podem indicar aumento de preocupação com o corpo ou com vulnerabilidade psíquica. Todos são mais proeminentes nos alunos do Grupo 8 quando comparados aos alunos do Grupo 7-A. Os seis alunos do Grupo 7-A tiveram um total de 15 respostas de anatomia. Já os alunos do Grupo 8 totalizaram 30 respostas de anatomia. Contabilizou-se quantas respostas de conteúdo anatômico foram dadas em áreas coloridas, acromáticas ou que juntam áreas coloridas e acromáticas da mancha em cada grupo: Grupo 7-A: acromáticas = 7; cromáticas = 6; ambas = 2; Grupo 8: acromáticas = 16; cromáticas = 12; ambas = 2. A proporção foi aproximadamente a mesma nos dois grupos. As respostas de anatomia podem incluir quaisquer partes internas de humanos ou animais, como ossos, órgãos e tecidos, bem como exames de imagem como radiografias, tomografias, ressonâncias magnéticas. É interessante notar que, com frequência, as pessoas dão respostas de ossos, radiografias e tomografias nas áreas acromáticas de pranchas multicoloridas e também nas pranchas acromáticas. Nas áreas coloridas das manchas com frequência são fornecidas respostas de órgãos e tecidos. Nesta amostra de estudantes, o Grupo 7-A forneceu ao todo sete respostas de ossos ou de radiografia ou de tomografia, sete de órgãos e uma de tecido (músculo). O grupo 2 forneceu 16 respostas de ossos ou radiografia ou tomografia, 11 de órgãos e duas de tecidos. Dentre as respostas que envolvem ossos ou radiografia ou tomografia (que são acromáticos) pode ser observado que houve três respostas em áreas cromáticas das manchas no Grupo 7-A, sendo que, em todas elas, as partes que contêm o osso foram baseadas na forma da mancha; no grupo dois, foram cinco respostas de ossos em áreas coloridas das manchas, porém, duas delas foram baseadas na cor da mancha (“*muito colorido, parece uma tomografia mesmo*” e “*um crânio colorido*”). Tais respostas poderiam se assemelhar às respostas de projeção de cor, nas quais a pessoa atribui cores para áreas acromáticas da mancha; ver respostas que são imagetivamente acromáticas e referi-las como coloridas parece ser o mesmo mecanismo da projeção de cor, o que pode ser interpretado como dificuldade para tomar contato com sentimentos negativos e depressivos, ou mesmo uma negação destes sentimentos. Por fim, é interessante atentar para as respostas em que os espaços das manchas são referidos como buracos,

furos, aberturas ou “faltas” típicas de alguns ossos, como osso íliaco ou o crânio. Os estudantes do Grupo 7-A citaram esses buracos em duas respostas, e os estudantes do Grupo 8 citaram em sete respostas. Pode-se pensar que são respostas que focam no vazio, que são interpretadas como anatômicas por conter o vazio no meio, e que pode ser representativo de um vazio sentido interiormente por estas pessoas. Desta forma, os alunos do Grupo 8 demonstraram mecanismos de negação dos sentimentos depressivos e maior foco nos vazios das manchas, o que pode acrescentar à compreensão mais quantitativa realizada anteriormente, que pode haver então maiores vivências de vazio nos alunos que tentaram suicídio em relação àqueles que nunca pensaram em se matar.

A variável M- é considerada como uma medida de compreensão atípica ou distorcida das pessoas, o que poderia sugerir relações pessoais perturbadas (Meyer et al., 2011/2017). Nesta amostra, o Grupo 8 possui valores mais altos de M-, o que poderia ser resultante de perceberem menos relações contínuas ou significativas em suas vidas, contribuindo para o comportamento suicida.

Segundo Weiner (1998/2000), as respostas de movimento, as respostas de qualidade formal distorcida (FQ-) e as respostas com códigos especiais são especialmente importantes de serem vistas do ponto de vista qualitativo, porque têm maior probabilidade de apresentarem elementos projetivos. Desta forma, as respostas M- contemplam duplamente este critério, aumentando a probabilidade de apresentarem elementos projetivos. Dentre os alunos do Grupo 7-A, somente uma resposta de M- foi fornecida. É uma resposta dada na prancha IX: *“Como se fossem olhos bravos. (FE) v ^ v Aqui, são esses olhos aqui, parecem olhos meio bravos [mostra em pequeno detalhe próximo a Dd30]. (O que fez parecer?) Porque eles convergem como se fosse para o meio do rosto, então dá a sensação como se ele estivesse sendo meio sisudo assim, te olhando”* (v Dd99 SR SI Hd - Mp AGM). Trata-se de uma resposta com componentes paranoicos, *“pequenos olhos que estão bravos”, “está sisudo”, “te olhando”* são descrições que denotam alguém que se sente observado, julgado e reprovado por outras pessoas. É uma resposta que também tem o código de movimento agressivo, por estarem *bravos*.

Três dos oito alunos do Grupo 8 também não deram respostas M-. Os demais forneceram ao todo, oito respostas com M-, que foram as seguintes: (1) Prancha VII, “*acho que se olhar meio desfocado, mas parece uma cara sorrindo, bem... não sei bem, os olhos, o aspecto mais escuro as pupilas, um sorriso. (FE) Sim, é... um pouco difícil de ver, mas aqui nesse cantinho você teria as pupilas essa parte um pouco mais escura [Dd24], aqui essas duas partes seria a boca, ou um sorriso [D4]. É, acho que aí já forma um rosto, os olhos.*” (Dd99 Hd – Mp,Y ODL); (2) Prancha IV, “*Parece que tem umas... duas mãos saindo assim. (FE) Nessa parte de baixo [parte inferior de D1]. Duas mãos se apoiando no chão talvez (faz gesto). Ta muito perfeito assim, os dedos, as unhas... (O que fez parecer unhas?) A mão tá num tom mais escuro e aí na ponta do que me parece um dedo tem uma manchinha mais clara bem arredondada, não dá para ver direito quantos dedos, mas parecem dois polegares [em Dd26]*” (Dd99 Hd – Mp,Y); (3) Prancha III, “*Um rosto. (FE) Os dois olhos [Dd32], o nariz [D3], e uma boca aberta [D7]*” (Dd99 Hd – Mp). Pode ser importante pontuar que estas três respostas trazem pouco conteúdo projetivo. Cara sorrindo, mãos apoiando no chão, rosto com olhos, nariz e boca aberta são descrições simples, quase estáticas e limiares para codificação de movimento humano. Tratam-se de respostas Dd99 que fazem um recorte muito específico da mancha, o que ocasionou a codificação da FQ-. O que essas respostas trazem em comum seria essa busca por partes humanas em detalhes pouco frequentes da mancha, na tentativa de identificar e controlar tudo à volta, em uma atitude possivelmente hipervigilante. Já as próximas duas parecem trazer mais aspectos projetivos: (4) Prancha VII, “*Tem algumas manchas que parecem que... formarem rosto, partes de um rosto, na verdade. É isso. (FE) Essa mancha mais clara aqui no canto me parece o rosto de um homem, uma barba, nariz, olhos, uma parte da testa [na parte mais externa de Dd27]. Aqui me parece uma boca e um nariz [na parte mais externa de D9]. Essa parte me parece um rosto bem assustado com os olhos arregalados, a boca [em parte de D3]. Foram esses três.*” (Dd99 Hd – Y,Mp); (5) Prancha VIII, “*v Aqui pode ser a cabeça de uma pessoa com os dois braços segurando os dois bichos, porque tem um de cada lado né. > ^ (meneia a cabeça) v Não sei, não tem mais nada não. (FE) ^ É aqui um braço, o outro braço [Dd22], uma mão com dedos a mais, e aqui assim a cabeça [D4], a cabeça para quem tá*

*olhando de cima. (Você disse que estão segurando bichos?) É, porque eles se ligam aqui, a tinta mistura, né, então ele acaba pegando na patinha de um bicho [D1]. Esses coloridos são mais difíceis de ver coisas, é mais fácil nos pretos.” (D[1,4] Hd,A Sy 2 – Ma). Na resposta (4), o(a) estudante encontra três rostos nos sombreados da mancha, e um deles é descrito como bem assustado com olhos arregalados. Trata-se de uma resposta carregada de angústia (pelo sombreado Y) e de tentativa de controle, com a projeção do próprio susto ao olhar para as manchas. Olhos arregalados remete componentes paranoicos além do medo relacionado ao susto. Também a resposta (5) traz alguns elementos projetivos, ao ver uma cabeça de uma pessoa com os dois braços e segurando dois bichos. É uma resposta que traz uma mistura quase implausível de alguém que segura dois bichos nas mãos, parece haver um esforço. E a mão tem dedos a mais, como se tivesse necessidade de mais dedos para segurar melhor. As três respostas seguintes são bastante significativas do ponto de vista das projeções: (6) Prancha VI, “*Parece uma máscara. Com os olhos bem pequenos escondidos. Com... o queixo bem destruído assim. E aboca bem pequena também. (FE) Ó, é uma máscara que não tem um formato de um rosto, mas aqui são os olhos, esses dois pontinhos mais escuros [no sombreado próximo a D12], aqui é a boca [Dd32], aqui o chifre, ou uma orelha, não sei alguma coisa, que se ramifica no rosto[Dd24], aqui a parte da testa como se fosse um chifre meio arredondado [parte inferior da mancha], aqui as bochechas meio pontudo [Dd25], aqui o queixo [nos dois Dd31], meio destruído porque ta meio irregular, e tem umas coisas aqui, parece que ta vomitando algo da boca [D3], e por isso o queixo parece tão feio” (v W (Hd),NC Sy – Mp MOR ODL); (7) Prancha IX, “*Tem um homem. E atrás desse homem tem uma sombra dele, mostrando quem ele realmente é. E parece alguém inofensivo, mas ele não é, a sombra mostra isso. Todos tão adorando ele. Mas debaixo dele tem sangue. (FE) Essa sombra verde é como se fosse os ombros, a cabeça, o corpo, a cintura, os braços, as pernas não dá para ver, até daria pra fazer os braços, essa parte a coluna e tals, aqui como se fosse a sombra dele [homem em parte de D8], e aí mostra um monte de espinho [em D8], e aí dá essa impressão de que ele machuca muito. Aqui parece alguém inofensivo [no contorno do homem], e aqui parece alguém totalmente diferente, alguém capaz de machucar uma pessoa [onde***

vê os espinhos]. *Aqui tudo assim [D1] parece que ta adorando ele, como se fosse uma espécie de Deus, mesmo. E aqui o sangue [D6]. (Sangue?) A cor, e parece que ele ta... são marcas... diferente dos outros, não é como se tivesse sido esparramado, é como se fossem marcas definitivas de sangue, marcado. Como se alguém tivesse pegado uma toalha, encharcado de sangue, e tivesse batido no desenho. O que mostra que foi intencional"* (Dd99 H,Bl Sy – Ma,CF,FD AGC); (8) Prancha X, a mesma já analisada para os códigos cognitivos: *"v Tá, agora... porque esse realmente parece um órgão genital feminino (ri), a vagina, e alguma coisa entrando no útero, alguma coisa assim. Ta tudo muito cercado... (FE) v De ponta cabeça, parece a entrada da vagina aqui [na parte superior entre os dois D9], essa coisa ta entrando [D11], não sei, é como se tivesse o mesmo formato, mas em vez de ser tecido, músculo, ela é osso. E ta entrando, parece que ta tudo muito cercado mesmo, aqui, aqui [mostra os detalhes externos a D9], e aí dá impressão que esse útero ta cercado de várias coisas, vários elementos que, juntos, eles formam um rosto [detalhes internos a D9]. E a pessoa parece feliz. (Osso?) A cor e... diferente da outra, esse ta mais preenchido, tem uns espaços, uns vácuos, que dá impressão de ser onde passariam os tendões, e os músculos dos ossos. Como se fosse da costela mesmo, sabe? (Rosto?) Aqui seriam os olhos [D2], o nariz [Dd34], a essa partezinha da bochecha [D6], essa a boca como se estivesse sorrindo [D3], e aqui onde seriam as sobrancelhas, é como se fosse um enfeite assim [D10]"* (v W Hd,An,Sx,NC Sy – ma,Mp CON ODL). Respostas de máscaras são significativas, prestam-se à simulação e à dissimulação (Kuhn, 1957), e a máscara vista parece grotesca, com olhos e boca pequenos, queixo destruído e vomitando. Parece querer mostrar esta face aversiva ao mundo. A quinta resposta demonstra intensa desconfiança, com uma pessoa que se mostra inofensiva, mas cuja sombra revela não ser. Traz ainda uma imagem chocante, de manchas "definitivas de sangue" feitas intencionalmente com uma toalha encharcada em sangue. É um percepto muito assustador, que pode revelar a suspeição que sente diante das pessoas. A resposta (6) é extremamente confusa, recebeu um código de contaminação, porque não faz discriminação dos perceptos. Uma vagina que não é de músculos e tecidos, mas de osso, junto de um útero cercado de elementos que formam um rosto feliz. É uma resposta que expressa extrema dificuldade de lidar com o aspecto

desintegrado da prancha X e com as emoções suscitadas pelas cores da mancha, sente-se invadida pela confusão e falha em discriminar suas percepções. O rosto feliz absolutamente não faz parte deste contexto e parece ter sido introduzida ali como um mecanismo de corte (Minkowska, 1956), como antítese da angústia trazida pela complexidade da mancha e das cores.

Ao comparar as respostas com M- dos alunos com tentativa de suicídio com a única resposta dada por um estudante que nunca pensou em se matar, fica claro como há maior confusão do pensamento nas respostas dos estudantes com tentativas. Sobressai o aspecto paranoico na resposta do estudante sem ideação; mas naqueles com tentativas, há projeções mais maciças de aspectos mais primitivos, incluindo paranoicos, que aparecem, porém, de forma mais crua, menos elaborada. É como se houvesse maior imaturidade egoica nestes estudantes com tentativas, e por isso pensam no suicídio como saída para os problemas, porque trata-se de um ego com menor repertório, que é adquirido com o desenvolvimento, para lidar com as angústias e adversidades inerentes à vida.

5.2.7 Comparação entre a C-SSRS e o Composto Preocupação com Suicídio do R-PAS (SC-Comp)

Por fim, a intensidade da ideação nos últimos seis meses pela C-SSRS foi comparada com os escores de SC-Comp (composto preocupação com o suicídio), por meio do teste qui-quadrado. No primeiro teste, foram utilizados números inteiros arredondados para o SC-Comp. Ao fazer desta forma, não houve associação entre as duas variáveis ($\chi^2 = 13,087$; $p = 0,666$; $n = 36$). Decidiu-se categorizar as variáveis para verificar novamente as associações. Assim, o teste foi repetido levando-se em consideração valores de SC-Comp < 4 ; $4 \leq$ SC-Comp < 6 ; e SC-Comp ≥ 6 ; e os valores da intensidade da ideação na C-SSRS considerados em três categorias 0 ou 1; 2 ou 3; 4 ou 5. Nesta comparação, pode-se afirmar que há associação entre as duas variáveis ($\chi^2 = 11,255$; $p = 0,024$), mas é uma condição em que o teste χ^2 não pode ser aplicado com rigor, porque 66,7% das células esperavam uma contagem menor do que cinco e, segundo Marôco (2010) esta porcentagem deve ser maior que 80%. Desta forma, o autor indica o teste χ^2 por simulação de Monte

Carlo. Quando isto é realizado, o teste permanece significativo ($\chi^2 = 11,255$, $p=0,020$). Assim, ao contrário do que afirma a literatura de que há pouca associação entre escalas de autorrelato e índices do Rorschach (Meyer et al., 2000; Mihura et al., 2013; Berant et al., 2008), neste trabalho foi possível observar associação. É possível que categorizar ambos os testes tenham possibilitado a observação da diferença que seja estatisticamente relevante.

5.3 Análises qualitativas dos protocolos dos estudantes com tentativa de suicídio

5.3.1 Aluno 5

O aluno em questão tem 20 anos, é proveniente da graduação de um curso de exatas, faz acompanhamento psicológico e psiquiátrico. No primeiro acolhimento ele vem acompanhado da mãe, durante o qual revelaram a tentativa recente de suicídio do aluno. Dois meses depois, a mãe liga para o clínico que o acolheu no ESM dizendo que ele aceita participar desta pesquisa.

É agendada então a avaliação. No encontro, a impressão que ele passa para a pesquisadora é de estar muito assustado, tinha cabelo comprido e desgrenhado que escondia seu rosto. Ao iniciar a conversa, normalmente feita rapidamente antes do início da aplicação dos instrumentos, o aluno inicia um longo e minucioso relato sobre sua vida. A pesquisadora o ouve por duas horas. Entre suas falas, há longas pausas, reticências, não tendo sido possível aplicar os instrumentos. O relato se inicia nos conflitos vividos durante o ensino médio, quando estudava em uma escola particular conceituada da cidade de São Paulo, os encontros e desencontros com sua ex-namorada, que, segundo ele, é a única pessoa que se aproximou dele por vontade própria, e sua tentativa de suicídio interrompida pela mãe que havia ocorrido alguns meses antes deste encontro. Conforme se aproxima de relatar esta tentativa, seu discurso se torna cada vez mais pausado, mais lento, diminui o volume de sua voz, com olhar fixo e parado. A sensação que a pesquisadora experimenta neste momento é de alguém que se esvai, de uma vida que escorre pelos dedos e que é difícil segurar. Por fim, ele relata sobre um site que contém

contos de escrita colaborativa em uma temática de ficção científica e que um conto em específico lhe chamara atenção. Neste conto, um pesquisador que estuda relações de espaço e tempo se vê repentinamente dentro de um local onde não há nada, não existe espaço, não é possível saber quanto tempo se passou, fica perdido neste local, sem saber também de que forma chegou ali, um “não-lugar”. Ele vê de repente uma luz vermelha intermitente que ele percebe ser de um gravador. O conto é a transcrição feita por outra pessoa do conteúdo deste gravador, de tudo que este pesquisador falou durante o período em que esteve perdido neste lugar.

Em algum momento de seu relato, a pesquisadora precisa interromper e agenda novo encontro. No segundo encontro, há uma breve conversa e a aplicação de um dos instrumentos, o SRQ-20, que geralmente é administrado em cinco a dez minutos, e ele realiza em quase 30 minutos. Assim, a pesquisadora não dá seguimento à administração dos outros instrumentos porque o tempo restante não seria suficiente. Assim, agenda um terceiro encontro para aplicação dos demais, desta vez com maior tempo.

O aluno pontuou 13 das 20 questões do SRQ-20, incluindo a pergunta sobre ideia de acabar com a vida. Na C-SSRS, pontuou ideação suicida máxima atual e passada, ou seja, tem ideação suicida ativa com plano específico e intenção de executar o plano. Teve uma tentativa de suicídio dentro dos últimos seis meses em que tentou se enforcar com uma faixa de luta marcial, que foi interrompida pela mãe que chegou e o presenciou na tentativa. Chegou a escrever um bilhete suicida para a mãe.

Seu protocolo de Rorschach está a seguir no Quadro 1, para observação das respostas.

Quadro 1 - Protocolo de Rorschach do Aluno 5

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		(vira a cabeça) Não sei, um inseto que me lembra um pouco uma mariposa... (pausa)	Não sei, aqui parece um pouco umas asas, aqui também, mas principalmente esses detalhes que estão em branco, me lembrou os padrões que você vê nas asas de mariposa, e por essa largura ser bem grande, principalmente a mariposa tem esse tipo de diferença, de razão entre a largura e o comprimento, é de uma mariposa, diferente de outros animais, outros insetos. W S I A o C'	
	2		Algo que vem à cabeça, mas não é relacionado à imagem,	Não sei para falar a verdade, acho que só pelo fato de ser simétrico, estou tentando achar	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			mas ao fato de ser simétrico, eu fico pensando em conjuntos numéricos, tipo... (pausa) Não sei, acho que me vem só algum inseto mesmo, um inseto voador, uma mariposa mesmo.	alguma coisa, mas evidentemente não parece. Porque eu falei depois sobre outro desenho, sobre conjunto numérico, acho que no outro parecia mais. (onde?) Essa linha de simetria mesmo. W NC - F	
II	3	<	< Não sei assim, uma metade parece um animalzinho, como diz, uma chinchila, um roedor pequeno, um animal mamífero, as orelhinhas, seria uma metade só, mas simétricos assim ^	< É aqui mesmo, você pega esta metade, parece um... não sei muito como descrever falando, mas... aqui seriam as patas, orelhas, parece bastante. Disse que simétrico porque aqui > o mesmo animal, na mesma posição (mostra lado esq). < ^ < D 1 A 2 o F ODL	
	4		(pausa) Não sei, esse eu não to vendo... não consigo ver as partes... cada parte uma coisa, não consigo ver o desenho inteiro, então essa parte embaixo me lembra a... Majora's Mask (eu não entendo e ele me soletra) da Lenda de Zelda, que é um jogo, uma série de jogos. (pausa 1') Não sei, eu tinha pensado em alguma coisa aqui em cima, mas comecei a falar de baixo e esqueci. Não sei.	É aqui embaixo, essa parte vermelha, parece... a máscara que aparece no jogo, que... não sei direito como explicar sem explicar o jogo inteiro, mas que tem esse formato, parece um pouco bem vagamente um coração, ou o desenho do coração, aqui... talvez só por associação, mas parece ter uma cor diferente nesta parte onde seria os olhos da máscara, não os buracos dos olhos da máscara, mas a máscara em si parece ter olhos, não sei se deveria mostrar como é, mostrar tipo pesquisar. (Mostre como vê aí, é o suficiente.) Acho que é isso, tem inclusive esses... como descreve isso... umas partes compridas meio penduradas que de novo, tem na máscara. D 3 (Hd), Art u FC GHR	
III	5		(pausa) Não sei, parece uma radiografia, no preto, né. Não parece com uma radiografia de nada, mas me lembra uma radiografia.	Seria a parte inteira provavelmente, pela escala do cinza, aqui me lembrou, tentei... eu falei que não parece com nada porque tentei ficar imaginando radiografias que já vi, pulmonares, do crânio, mas não parece com nenhuma parte do corpo. Acho que outra coisa também é a simetria que fez parecer, porque a gente é mais ou menos simétrico, então... D 1 An o C'	
	6	<	(pausa) Aqui nesse contorno aqui parece um... < alguma coisa caindo, não sei... não uma pessoa, mas sei lá, um animal, alguma coisa caindo de costas. ^	< É, aqui essa parte vermelha, de repente um... É, não sei que animal, mas... parece... não sei, caindo de costas mesmo, a parte das costas desse animal, viradas para o chão, por isso caindo. (O que faz parecer um animal aí?) Acho que tem duas coisas, essa curva que ele faz e entra de novo parece uma cabeça e aqui parece uma cauda de animal, talvez aqui fosse um focinho, essa parte logo antes de entrar onde seria o pescoço. > É, do outro lado também a mesma coisa. ^ Não sei, talvez tem alguma diferença, parece que aqui o focinho seria mais quadrado (mostra do lado direito), e nesse um pouco mais pontudo (esquerdo), então seria um animal diferente, mas não sei que animal também (ri). < D 2 A o mp	
	7	v	E no meio uma borboleta, (v) acho que de ponta cabeça	v Acho que faltam as antenas na verdade, mas uma borboleta mesmo, não tem... não tem os	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			parece mais por causa das antenas, mas... ^ acho que é isso.	mesmos padrões que uma mariposa, mas parecido, especialmente por causa da cor, borboleta é colorida. E faltariam só as antenas, tem duas asas nesse formato... > Sei lá, formato de uma asa de borboleta. v v D 3 A o CF	
IV	8		(pausa) me lembra um pouco... o Doom, uma série de jogos, bastante coisa, mas... (ri) O personagem ele vai para o inferno e mata todos os demônios, com o que quer que seja, é uma serie bem antiga, já, da década de 80, mas lembra um dos personagens, um dos demônios, o Baron of Hell, o barão do inferno. Ou pelo menos a cabeça assim. [ver imagem inserida no fim do protocolo]	É, um dos personagens que seria um demônio humanoide, e aqui teria esse chifre de cabra aqui, bem estereotipado os desenhos do doom, mas... seria como vendo a cabeça dele de costas. Lembra também, eu mencionei depois, mas aqui como se fosse a coluna dele, a cabeça e a coluna. É que... uma série bem antiga, foi um dos primeiros jogos de FPS, first person shooter, que é... mais recentemente, alguns anos atrás, que refizeram esses jogos antigos, mais um jogo da série, que é moderno, 3D, gráficos mais detalhados, e justamente, parece esse modelo, do Baron of Hell, parece a cabeça e a coluna. E como é tão detalhado nesse jogo novo dá para ver a coluna. (O que aí na mancha faz parecer coluna?) Essa parte aqui que desce um pouco e... não sei, talvez começando aqui de cima, tem umas partes mais escuras e mais claras intercalando, então parece onde tem as vértebras, não estariam no lugar certo, mas acho que não importa muito, porque não existe esse personagem, essa coisa. Dd 99 (H), An u Y DR1 AGC PHR	
	9		(pausa) Não sei, aqui parece uma... bota. E não tem relação com as outras coisas, mas... é uma bota não realista, mas bem estilizada, de desenho animado... não sei. (pausa) É aqui atrás meio continuando o desenho anterior, uma coluna, uma espinha dorsal. Acho que é isso.	Sim. Aqui nesse... do outro lado também, mas... uma bota vista de lado, seria aqui a sola, a ponta, o cano, cano que fala? E seria uma coisa... não muito proporcional, por isso eu digo meio de desenho, seria o cano muito largo e a ponta da bota aumenta muito de tamanho... aqui essa pontinha parece até um cadarço, não sei. D 6 Cg o F	
V	10		Um animal voador, não sei... parece... não sei, aqui parece que tem antenas, mas o resto parece um pouco um morcego, que tem... (pausa longa mais de 1', tenta devolver) (olhar mais um pouco para ver se encontra mais alguma coisa.)	Talvez um pouco mais fácil ver v ao contrario, mas... é a asa bem continuada assim, bem contínua, que tem, é... não tem divisões, como uma asa de mariposa, e também pelo ângulo que fica aberto, me lembrou um morcego, muito, tanto desse lado ^ e desse v parece que tem antenas, de algum inseto, aqui e aqui. W A o P F Pr	Pr
	11		(pausa 2') Acho que aqui em cima como se fosse uma... alguma parte de segurar, uma tesoura, um alicate, como fala, <i>handle</i> em inglês. É... aqui dos lados também, não de um alicate, de uma outra	v É aqui nessa parte, ^ acho que assim, seria a parte de cima, seria um... umas duas pernas do alicate segurando aqui. E os outros seria nesses cantos aqui. Essa... esse cabo de ferramenta que tem nessa parte um pouco maior, você seguraria, e apoiaria na sua palma, e essa parte mais fina seria para fazer	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			ferramenta, que você... tem uma parte maior você segura, a menor você empurra assim (faz gesto) pode ser várias ferramentas, assim. Dos lados.	esse movimento de apertar... não sei, pode servir para várias coisas, um grampeador, um... não sei se abridor de lata também, pode ser tb. Dd (10+34) NC u F	
VI	12		(pausa 1') Uma folha seca. Estranho, não sei, porque folha não teria essa parte fina aqui. Mas isso aqui me lembra o cabo de uma folha.	É. Aqui essa parte maior seria a folha em si e aqui seria o cabo da folha, mas a folha não teria esses bicos assim, pode até ter tb dependendo da folha, mas... (o que aí faz com que pareça o cabo?) É aqui essa parte mais comprida, e também que ele continua aqui no meio, seria a parte de onde a folha começa. Onde a folha cresce, seria aqui, o caule da folha, deve ter algum nome específico, mas... (E o que faz com que ela pareça seca?) Acho que a... borda dela ser mais acidentada, mais... enrugada, que outra palavra? (mostra no contorno). Dd 99 NC o F	
	13		(pausa) Acho que aqui em cima, uma libélula. Estranho, não seria... não toda, essa parte preta mais escura.	É, que a libélula seria bem fininha, não toda a parte grossa aqui, só a parte preta aqui bem fininha, e aqui seriam as asas, acho que a libélula teria uma asa bem maior... aqui seria o corpo da libélula essa parte preta. D 3 A o Y	
	14		(pausa 3') Não sei, alguns detalhes também de provavelmente só por causa dessa simetria, me lembra uns conjuntos numéricos, imagens de conjuntos. Acho que é isso mesmo.	Sim, é essa... < alguns detalhes bem perto dessa linha de simetria, aqui no meio, o fato dessa... eles... esses lados convergirem para um ponto, fica bem fininho e depois aumenta um pouco, e também pela coloração diferente parece um pouco essas imagens de conjuntos, depois eu cito o mandelbrot set que eles fazem isso, colocam várias cores diferentes (está se referindo a uma resposta adiante). Dd 99 NC - Y	
VII	15		(pausa 1') Aqui, tirando essas partes que saem mais para cá, a Espanha e a França, um mapa da Espanha e a França.	Sim acho que tirando essas partezinhas, seria a Espanha aqui, e a França aqui. A França nem tá tão parecida, mas me lembrou, e o outro lado seria só refletido. Não teria orientação certa mas... Dd 99 NC u r	
	16		(pausa 1') Acho que se olhar meio desfocado, mas parece uma cara sorrindo, bem... não sei bem, os olhos, o aspecto mais escuro as pupilas, um sorriso.	Sim, é... um pouco difícil de ver mas aqui nesse cantinho vc teria as pupilas essa parte um pouco mais escura, aqui essas duas partes seria a boca, ou um sorriso. É, acho que aí já forma um rosto, os olhos. Dd 99 Hd - Mp, Y PHR ODL	
	17		Aqui nessa parte parece um...e do outro lado... como chama isso, uma bainha de faca, que você coloca, uma bainha de couro, faca de cozinha mesmo. Não é muito comum hoje em dia que você deixa na gaveta, não precisa usar bainha.	É, essa parte aqui em cima, teria... a bainha de uma faca quando vc coloca e... acho que eu pensei, além do formato, também... tem umas rugas, uns sulcos talvez, mais... que faz parecer o couro, a textura do couro. Não sei se não se usa mais isso realmente mas... é muito raro na minha casa. D 5 NC 2 o V DR1 AGC	
	18		Não é uma coisa... mas parece uma coisa que tá prestes a	É, como se fosse cada quadrilátero desse seria uma peça diferente, que estão só	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			cair, parece peças separadas que só está empilhado mas em um nível meio instável, qualquer soprão, cai.	encostados um no outro, empilhados e que tá parado mas... qualquer sopro, qualquer encostada já pode cair, um equilíbrio instável, justamente, se encostar aqui... W NC u mp	
VIII	19		(pausa) Esse é mais difícil de ver como um todo, provavelmente por causa das cores, aqui tem algumas partes aqui embaixo, essa parte do meio mais em cima, de novo, parece alguns conjuntos numéricos desenhados, porque às vezes se pinta alguma parte, talvez eu já tenha visto um Mandelbrot set, um conjunto de números num plano, complexo, mas que ele é simétrico, as regiões são pintadas de maneira diferente conforme a característica. (neste momento ele soletra mandelbrot para mim)	É, acho que por causa das cores, no caso do Mandelbrot set você pinta o conjunto, essa região do plano que é pintada de uma cor, e se tiver alguma característica se tiver mais perto você pinta de uma cor, quando fica mais longe você vai pintando de outras cores, a linha de simetria ajuda bastante, mas cada região pode ter cores bem diferentes, mas elas... acho que eu teria que explicar um pouco melhor a função para explicar o que eu tô vendo. (Onde?) Não no todo, por causa do eixo de simetria, e por causa das cores. Dd 99 NC - CF	
	20	<	Aqui acho que do lado como um animal andando, não sei... o jeito de andar me lembra um pouco uma onça, um guepardo, mas não parece isso, de lado... < sei lá... não sei que animal é esse, a cabeça muito... não tem pescoço, não sei que animal que não teria pescoço.	< É, essa parte aqui seria um animal andando de lado, ou um animal andando sendo visto de lado, dá para ver as 4 patas aqui né, e o jeito de andar parece um felino desses. Mas... não parece ter pescoço, e a cabeça muito achatada. Não tem um focinho característico. Então não sei que animal seria. > É, e do outro lado... ^ < D 1 A 2 o P F Ma AGC	
	21		^ (pausa 2') Acho que essa parte em cima, não parece muito, mas um crânio de peixe visto de frente mesmo, aqui seria a boca com os dentes, aqui seria o resto das guelras, o buraco dos olhos. (pausa 1') Acho que é isso.	Aqui o crânio, essa parte cinza claro, não sei que cor é essa, se você olhar de frente, tem... você consegue ver a boca com os dentes, não sei se chama dentes do peixe, é... aqui você teria, em alguns peixes a guelra fica assim, quando você vai comer, quando ele está num jeito de preparar específico fica aberto assim, aqui nessas partes brancas teria o buraco dos olhos e de novo, em alguns peixes dá para ver um pouco dessa... desse eixo de simetria, não é simetria, não sei por que alguns animais tem isso, mas têm uma linha aqui (mostra no próprio rosto sobre a testa e o nariz). (Dentes?) Não sei se é dente que chama o que o peixe tem, mas seria essas partes finas que ficaria nesse buraco da boca, justamente porque o peixe, alguns peixes têm. É, não é dente, mesmo, o que o peixe tem. Dd 99 SI An u F ODL	
IX	22		(pausa 1') Acho que uma... essa parte no meio uma pélvis.	É, o... essa parte verde. O osso da pélvis. Aqui você teria essa curva, aqui você teria os buracos onde encaixa o fêmur, aqui você teria o fim da coluna... então acho que encaixa. E justamente, parece simétrico, então...	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				D 11 An o F	
	23		(pausa1') Acho que... eu comecei a ver, mais por causa da cor aqui embaixo que parece músculo, esse tom meio rosa, e aqui atrás, no meio, né, parece uma cabeça com os olhos aqui, não seria uma pessoa, mas... um animal, aí já não sei, aqui seria a cabeça, estaria atrás disso, não sei nessa parte clarinha como se fosse uma... um chapéu, uma vestimenta...	Sim, aqui essa parte de baixo é uma cor de músculo mesmo, esse... talvez o músculo seja mais escuro, e aqui parece um pouco o tronco, assim, de um humanoide que eu falei. Aqui você teria o pescoço, e aqui atrás teria a cabeça, com os olhos nessa parte branca. E aqui em cima nessa parte um pouco mais clara parece um chapéu, uma coisa que coloca na cabeça. (O que faz parecer que a cabeça está atrás?) Não sei, porque não dá para ver direito, teria como se fosse outro desenho, essa coisa que eu tinha descrito antes, não deixa ver direito esse segundo desenho. Dd 99 SI (Hd), An, Cg Sy u CF, Y PHR	
	24		(pausa 2') Acho que aqui nessa parte laranja é... não sei como se fosse um foguete aqui que acabou de lançar, que ele é visto de um certo ângulo de baixo, seria um lugar que não teria ninguém, porque é um foguete e ninguém ficaria embaixo de um foguete, mas vendo ele decolar. (pausa curta) Acho que é isso.	É, aqui essa parte laranja, e como ela tá convergindo para essa ponta aqui, como um foguete que acabou de lançar, aqui seria o fogo e a fumaça, o resto da queima do combustível, aqui seria de um ângulo que não... seria muito perto do ponto de lançamento de um foguete, por isso não teria ninguém, mas... tb seria uma região muito quente, por isso ninguém estaria lá, seria muito difícil ter câmeras ali, mas... (O que faz parecer fogo e fumaça?) Acho que vem mais por saber que é um foguete, o que sobra na verdade do... da ejeção de um foguete, e tb pela cor, laranja seria a cor que você mais vê de longe, não necessariamente a cor de perto. Mas... D 3 Fi, NC Sy u C, FD ODL	
X	25		(pausa 2) Esse tb é um pouco difícil de ver como uma coisa só, mas parecem várias... animais, criaturas, não sei... fazendo uma... fazendo uma pose (ri), não sei bem como descrever, meio um pouco... caricaturado, não sei, dois insetos fazendo um pouso, uma parada de mão um contra o outro, uma pose, aqui teria outro animal não sei, meio que... ou maior ou mais perto... aqui... um outro que tá... como fala, pousando, caindo de um salto, aqui também seriam dois passarinhos, mas não é... um estilo bem de desenho... Aqui também seria um outro animal (ri) que não parece com nada mas dentro desse contexto seria uma criatura também, parece que está carregando uma folha, por isso seria outra criatura...	Aqui no começo seria esses dois insetos, digo insetos mais pela cor, mas também parece ter várias pernas e antenas, então... e estão parados um para o outro, por causa desse eixo de reflexão (D11). Depois eu falei desse rosa, que é bem maior, e... não sei, uma... criatura comprida, uma lagarta (D9). Não sei. Eu falei desse daqui que está... parece ter várias pernas. E... parece que tá caindo de um salto. Com as pernas da frente meio dobradas, as outras ainda no ar (D7). Esses a cor, o amarelo bem vibrante um pouco um canário, aqui também parece um bico, uma coisa... e... aqui seria, esse círculo vermelho, os olhos, mas um olho muito maior do que o de um passarinho, então, por isso falei de desenho (D2). Aí tem esse azul nos cantos, que não sei, parece, tem um centro mas... tem várias é... como fala, <i>appendages</i> , a tradução literal acho que seria apêndices, mas não é essa palavra, que seriam braços, pernas, antenas, outros tipos dessas terminações. Ainda mais que ele não tem uma forma específica, são várias coisas. Aqui termina nesse formato verde que pensando nos outros que parecem insetos, seria uma folha. Mas que também tem	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			(pausa 2') Acho que fora essas várias criaturas, não sei se consigo ver outra coisa... não sei se eu deveria falar mais, mas acho que é isso.	um formato meio... não elipse, mas... uma folha com duas pontas, um formato um pouco elíptico, mas que tem duas pontas nas partes mais alongadas. Aqui de novo, por causa desses sulcos, dessas imperfeições, seria uma folha (mostra no contorno). D (A), NC Sy 2 o FMa-p, CF	

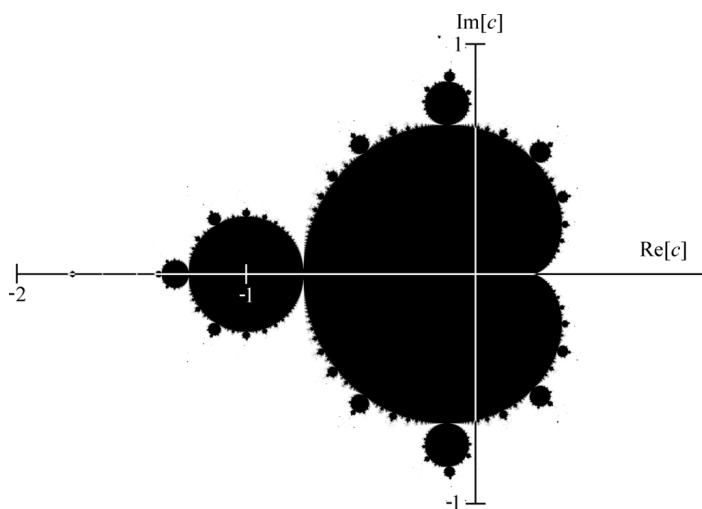
Chama a atenção as respostas dadas à prancha VII. É uma prancha comumente relacionada pelos estudiosos às figuras femininas, devido ao formato da mancha que traz uma ideia de continente com um vazio no meio e que tem como respostas populares rostos humanos geralmente referidos como femininos. A primeira resposta é dada em Dd99, sendo D9 mais D3 sem o Dd21: *“(pausa 1’) Aqui, tirando essas partes que saem mais para cá, a Espanha e a França, um mapa da Espanha e a França. (FE) Sim acho que tirando essas partezinhas, seria a Espanha aqui, e a França aqui. A França nem tá tão parecida, mas me lembrou, e o outro lado seria só refletido. Não teria orientação certa mas...”* O estudante usa a forma e o reflexo como determinantes, que demonstra uma atenção dirigida para si mesmo. Um mapa como primeira resposta a esta prancha, justamente na localização onde as pessoas costumam ver o rosto feminino, mostra um afastamento inicial do percepto humano, o isolamento no qual ele se percebe e má visão do mundo a partir de seu próprio filtro, seria uma tentativa de racionalização e de afastamento das relações interpessoais. No entanto, o registro do humano contido na prancha parece permanecer, que em sequência dá a seguinte resposta em Dd99, utilizando D4 e Dd24: *“(pausa 1’) Acho que se olhar meio desfocado, mas parece uma cara sorrindo, bem... não sei bem, os olhos, o aspecto mais escuro as pupilas, um sorriso. (...) Sim, é... um pouco difícil de ver, mas aqui nesse cantinho você teria as pupilas essa parte um pouco mais escura, aqui essas duas partes seria a boca, ou um sorriso. É, acho que aí já forma um rosto, os olhos.”* O fato de ser uma resposta rara em uma área pouco frequente, somado à fala dele de que precisaria desfocar um pouco para ver, remete ao bebê que busca rostos no mundo, e que sorri quando os encontra. O bebê que busca o rosto da mãe e encontra algum conforto nisto. Além disso, traz o determinante de sombreado junto com o único movimento humano do

protocolo, o que faz pensar que os processos de ideação dele (M) são carregados de angústia (Y), no esforço do contato com o outro. Também o “sorriso” é uma forma de linguagem que remete a oralidade no Rorschach, que é próprio de funcionamentos mais primitivos (ODL). A resposta que segue é em D5: *“Aqui nessa parte parece um... e do outro lado... como chama isso, uma bainha de faca, que você coloca, uma bainha de couro, faca de cozinha mesmo. Não é muito comum hoje em dia que você deixa na gaveta, não precisa usar bainha. (FE) É, essa parte aqui em cima, teria... a bainha de uma faca quando você coloca e... acho que eu pensei, além do formato, também... tem umas rugas, uns sulcos talvez, mais... que faz parecer o couro, a textura do couro. Não sei se não se usa mais isso realmente, mas...”*. A bainha pode ser pensada como algo que protege da agressividade do corte da faca, um objeto feminino que recebe e contém. É uma resposta de um determinante que mistura o sombreado com a impressão de profundidade tridimensional (V), normalmente relacionada a autocríticas negativas. E, por fim, em W: *“Não é uma coisa... mas parece uma coisa que tá prestes a cair, parece peças separadas que só está empilhado mas em um nível meio instável, qualquer sopão, cai. (FE) É, como se fosse cada quadrilátero desse seria uma peça diferente, que estão só encostados um no outro, empilhados e que tá parado mas... qualquer sopro, qualquer encostada já pode cair, um equilíbrio instável, justamente, se encostar aqui...”* Pode-se pensar como um equilíbrio extremamente frágil, que não resiste a qualquer intempérie. É uma fala que pode ser relacionada a seus próprios sentimentos referentes a seu equilíbrio interno, frágil, ele se dá conta do quão frágil é. O determinante desta resposta é o movimento inanimado (m), associado a estresse situacional, que pode ser pensado como referente ao momento em que vive, com a vida cheia de exigências as quais ele parece não responder.

Também chamou atenção as três respostas dadas que referem conjuntos numéricos ou *mandelbrot set* (Figura 4), respostas de conteúdo bastante peculiar. É curioso que é uma resposta determinada pela simetria da mancha, aspecto que normalmente facilita às pessoas enxergarem seres vivos, já que, como as manchas, quase todos são simétricos em um eixo vertical. Para ele, a simetria o fez lembrar em vários momentos de um constructo matemático, o que representa desvitalização e racionalização.

Quando se refere a animais, ele demonstra em vários momentos dificuldade de defini-los: “*um inseto que e lembra um pouco uma mariposa*”, “*uma metade parece um animalzinho, como diz, uma chinchila, um roedor pequeno, um animal mamífero*”, “*aqui nesse contorno aqui parece um... alguma coisa caindo, não sei... não uma pessoa, mas sei lá, um animal, alguma coisa caindo de costas*”, “*Aqui, acho que do lado, como um animal andando, não sei... o jeito de andar me lembra um pouco uma onça, um guepardo, mas não parece isso, de lado... < sei lá... não sei que animal é esse, a cabeça muito... não tem pescoço, não sei que animal que não teria pescoço*”. Esta insegurança quanto ao que vê também transparece em outros tipos de resposta, em como ele hesita para definir uma imagem, como ocorre na prancha II, “*Não sei, parece uma radiografia, no preto, né. Não parece com uma radiografia de nada, mas me lembra uma radiografia*”, e também na prancha IV, “*Não sei, aqui parece uma... bota. E não tem relação com as outras coisas, mas... é uma bota não realista, mas bem estilizada, de desenho animado... não sei*”.

Figura 4 – Imagem referida pelo Aluno 5, Mandelbrot set.



Fonte: Wikimedia Commons, imagem de domínio público

Por fim, alguns meses depois, é agendada uma entrevista devolutiva com o aluno e com sua mãe. Ele estava de cabelos cortados e com aparência diferente neste encontro, e bastante incomodado com o fato de ter tido que cortar o cabelo, porém não refere qual a razão. À mãe é sugerido que o leve a um neurologista para avaliação. Depois, a pesquisadora entra em contato com a terapeuta e com o psiquiatra para auxiliar no entendimento da dinâmica da

personalidade e colaborar para um diagnóstico. É interessante notar que, ao contrário do que ele pensa a respeito dele ser uma pessoa muito racional, ele tem somente uma resposta de movimento humano e a soma ponderada de cor é seis. Ou seja, trata-se de alguém extremamente sensível, guiado por suas emoções, que tem pouca praticidade, mas é altamente atento a detalhes. A referência sobre pensar muito fica a cargo de pensamentos periféricos e ruminativos. Ele me deu um exemplo de um trabalho mental que ele chamou de “racional”. Quando pensa que vai cair um raio em sua cabeça, começa a pensar sobre o local em que está, qual a probabilidade que caia um raio em um local fechado, ou que isso ocorra em um dia ensolarado, por exemplo. Desta forma, busca se tranquilizar. Porém, é um trabalho mental que mais se assemelha a um pensamento obsessivo.

Este aluno tinha uma série de características que levou a conduzir todo o processo de modo diferente, além de ter incluído a mãe, o psiquiatra e a psicóloga dele para uma devolutiva a fim de tentar auxiliar o estudante com suas graves questões.

5.3.2 Aluna 9

A aluna 9 era estudante do primeiro ano da graduação em um curso de exatas, estava com 23 anos quando foi avaliada. Relatou que fazia tratamento psiquiátrico no Hospital Universitário (HU) e no CAPS havia quatro anos sem perceber melhora em seu estado, com impressão de piora após ingressar na USP. Estava em uso de sertralina e haloperidol. Já havia cursado por alguns meses um outro curso na área de biológicas, mas desistiu e seu desejo real seria de fazer medicina. Pontuou 15 na SRQ-20, relatando diversos sintomas físicos e psíquicos. Na C-SSRS, relatou que tinha ideias de suicídio com planos e com intenção de executar um plano, mas não quis relatar o plano, dizendo não ser “nada de mais”. Sobre a intensidade da ideação, relata que no período de maior intensidade, pensava muitas vezes por dia, na maior parte do dia, sentia-se incapaz de controlar os pensamentos suicidas. Relatou que não tinha razões que a impediavam de cometer suicídio e que pensava nisso como forma de acabar com o sofrimento que experimentava. Sobre comportamentos suicidas, relatou que já tentou suicídio mais de cinco vezes sem se lembrar

exatamente do número. Na última, ocorrida 6 meses antes, ela tomou medicações, foi para o hospital e foi realizada lavagem gástrica. Seus pais a levaram ao hospital, mas ela não se lembra, estava desacordada e acordou já em casa. Em outras vezes que tentou, também foi com medicações; em uma tentativa interrompida, ela foi até uma ponte com intenção de pular, porém ligou para uma pessoa que conversou com ela e ela acabou desistindo. Também relata ter se preparado para o suicídio nos últimos meses, mas não relata de que forma. Desta forma, fica clara a gravidade da ideação suicida da aluna.

Seu protocolo de Rorschach está a seguir no Quadro 2.

Quadro 2 – Protocolo de Rorschach da Aluna 9

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		(Entrego a prancha, ela não segura, eu coloco na mesa em frente a ela.) Tem que ser alguma coisa que existe? (Como você quiser.) Sei lá, um morcego.	Você quer que eu mostro? (Sim.) A estrutura parece um morcego assim. (Mostre para mim como está vendo.) O formato, assim. (Onde está vendo o morcego?) Só no contorno. W A o P F	
	2		Uma borboleta. Não sei. Só.	Assim a borboleta, o contorno também porque não é muito diferente. W A o P F	
II	3		(Não pega a prancha, coloco na mesa. Pausa.) Dois elefantes. (pausa 2', me olha e ri.) (Pr- Veja se acha parecido com mais alguma coisa.)	Sim. Parece tipo um espelho, mostrando um elefante refletindo no outro. Aqui a tromba. (Onde?) Aqui, os dois. D 1 A Sy o P r Pr	Pr
	4		Essa é difícil. (pausa 2') Hum já sei. Dois homens batendo as mãos.	Sim, de costas, agachados, e aqui as mãos. (O que você acha que faz parecer que estão de costas?) Porque não dá para ver o rosto. (Onde?) Aqui, é como se fosse um espelho também. Só na parte preta. D 1 H Sy 2 o Ma COP GHR	
III	5		(Não pega a prancha, pausa) Parece um raio x de um crânio.	Sim, aqui parece os olhos, só que não dá para ver como se fosse um todo. Aqui os olhos, aqui o nariz, e aqui seria a parte preta. D 1 An u C'	
	6		Crânio deformado com lacinho na cabeça, bem no topo.	Sim. O crânio, e o lacinho rosa. (Como está vendo o crânio aí?) Igual o anterior. D (1,3) An, Cg Sy u FC FAB1 MOR	
IV	7		(Pegou a prancha e colocou na mesa, pausa 2'. Percebo que ela não está olhando a prancha, mas a parede na frente. Pergunto se está tudo bem.) Estou tentando lembrar de um nome de um animal, mas eu não lembro (sorri, pausa) (Se não lembrar não tem problema, pode me explicar o que vê.) Eu não sei, parece tantos animais... parece	Aqui a cabeça, e aqui seria os pés. (E o que faz parecer que ele é o pé grande?) O pé ser grande. D 7 (A) o F	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			um pé grande, já que vc falou que tem q ser dois,		
	8		e esse animal que eu não lembro o nome... castor...	Sim, eu não lembro o nome... mas aqui parece a cabeça e aqui seria o corpo. A cabeça é igualzinha a de um animal que eu não lembro o nome. W A o F	
V	9		(Pega a prancha e põe na mesa) Um morcego.	Sim, esse parece bem mais um morcego, aqui o contorno, aqui a cabeça e aqui os pés. W A o P F	
	10		A Malévola (ri).	Sim parece muito a Malévola. Os chifres, a asa, aqui não parece tanto o corpo. W (H) o F AGC GHR	
VI	11		(Pega a prancha e coloca na mesa, pausa) Um gato de barriga para cima.	Aqui os bigodes, o nariz, ele está de barriga para cima. Aqui a barriga, as patas. (O que fez parecer a barriga dele?) (ela sorri) Ah o formato, aqui parece onde teria a cauda. W A u F ODL	
	12		Um bicho indistinguível, virado no espelho, de costas para o espelho.	Sim, aqui o bicho e ele está virado de costas para o espelho. Um bicho, uma imagem não sei, deve ser de algum outro lugar, um alienígena. (Neste ponto o teclado falha e eu continuo a aplicação em papel.) (E o que faz com que pareça um alienígena?) Não parecer com humano, ou com alguma coisa que seja possível ou que existe na realidade. (Mostre para mim como você está vendo esse alienígena.) Aqui seria o espelho nesse meio, e aqui tivesse uma imagem e aqui tivesse outra. W (A) Sy u r	
VII	13		(Pega a prancha e coloca na mesa, pausa) Uma parte do corpo humano.	Sim. A parte do corpo humano que fica... não sei se chama pélvis, acho que pélvis, o raio x dela, parece. (O que tem aí que fez parecer o raio x da pélvis?) Esse contorno. D 4 An o F	
	14		E uma figura de frente para o espelho.	Sim. Aqui tivesse um espelho, e aqui tivesse refletindo. (Você disse que é uma figura?) Parece duas bonecas, tipo <i>Tinker Bell</i> assim. W (H) Sy o r GHR	
VIII	15		(Pega a prancha e coloca na mesa, pausa) dois tigres subindo uma montanha.	Sim, aqui um tigre, e outro tigre, e aqui seria a montanha. (O que tem aí que fez parecer uma montanha?) Porque eles estão subindo, não poderia subir outra coisa... uma ladeira? W A, NC Sy 2 o P F Ma AGC	
	16		Uma tomografia.	Sim, por causa da cor, muito colorido, parece uma tomografia mesmo. W An Vg n C	
IX	17		(Pega a prancha e coloca na mesa, pausa) Um demônio	Sim, aqui os chifres, aqui os olhos brilhando, aqui o nariz, e aqui o corpo, e aqui soltando fumaça pelos olhos. (O que tem na mancha que fez parecer que os olhos são brilhantes?) o laranja ressaltado. (E o que fez com que parecesse fumaça?) Aqui é... (olha, pausa) o formato, o formato parece de fumaça. W (H), Fi Sy u ma, Y AGC GH	
	18		e um crânio colorido. (Eu não tenho certeza de que entendi o	Sim, o formato do crânio, aqui as partes dele que são coloridos nariz, os olhos.	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			que ela disse e repito: “Você falou um demônio e um crânio colorido?”) Isso. Separados.	W An - CF INC1	
X	19		(Pega a prancha e coloca na mesa, pausa) Um pulmão.	Na verdade, não parece muito um pulmão, aqui o pulmão (D11), essa parte não seria (D9). Aqui a traqueia. Só aqui em cima. D 11 An u F	
	20		(Pausa 4’) Alucinação de alguém que usou drogas.	Hu-hum, bem colorido, umas coisas nada a ver. (onde você está vendo, em que parte da mancha?) Tudo, tudo assim essas partes. W NC Vg n Mp, C PHR	

Teve atitude evitativa ao não segurar as três primeiras pranchas; as seguintes, apesar de pegá-las, ela as colocou imediatamente sobre a mesa. É possível perceber elementos concretos e de imaturidade, como quando inicia o teste perguntando “*tem que ser alguma coisa que existe?*” e também quando explica sobre o raio X de um crânio na prancha III, disse “*aqui seria a parte preta*”, sem maiores explicações, e também na prancha VI quando disse “*um bicho indistinguível*”; a tarefa do Rorschach pareceu ser de difícil compreensão para ela, com dificuldades de verbalizar e explicar o que via. Teve grandes pausas durante a fase de resposta; na prancha IV, após dois minutos de pausa, foi percebido que ela estava olhando para frente e não para a mancha. Foi perguntado se estava tudo bem e ela respondeu que estava tentando se lembrar do nome de um animal. Também na prancha X, após uma pausa de quatro minutos, deu a resposta final, “*alucinação de alguém que usou drogas*”, uma resposta vaga, com movimento humano sem forma, cor pura e sem qualidade formal, que pode representar descontrole afetivo e ideacional. Fez uso atípico da cor, dando na prancha VIII uma resposta de tomografia “*por causa da cor, muito colorido, parece uma tomografia mesmo*” e na prancha IX, “*um crânio colorido*”, o que poderia representar uma afetividade um tanto deslocada, dada em respostas que são essencialmente sem cor - poderia ser a representação de um mecanismo de defesa maníaco. Deu muitas respostas de anatomia e de conteúdos críticos, o que aponta para preocupação excessiva com seu próprio corpo e possíveis vivências traumáticas. No geral, o protocolo pareceu bastante contido, simples, como costuma ser observado nos sintomas negativos da psicose. Não houve indícios de problemas do âmbito de percepção e pensamento. Diante deste empobrecimento, o suicídio

talvez pudesse ser pensado por ela como uma saída para o mundo extremamente complexo que ela percebe à sua volta, sem conseguir se relacionar ou mesmo compreender seu entorno. Isto provavelmente está relacionado com as três respostas de reflexo, o que pode demonstrar características narcísicas como fechamento em si mesma. Esta é provavelmente grande fonte de sofrimento para ela.

5.3.3 Aluna 10

A aluna 10 tinha 20 anos e estava no 3º semestre de um curso de exatas. Pontuou 17 na SRQ-20, evidenciando sintomas e sofrimento emocional. Na C-SSRS, ela chorou bastante no início e no fim da entrevista. Relatou que já marcou psiquiatra no HU e faltavam 2 meses para sua consulta. Ela relatou ideação suicida, pensava em alguma forma que pudesse executar o ato, como ingerir uma quantidade grande de remédios, álcool, jogar-se de algum lugar. Sentia medo porque eram coisas fáceis de fazer. Já chegou a tomar uma quantidade maior de remédios como tentativa de amenizar o que sentia e pensava. Estes episódios estavam acontecendo por cerca de um ano. Vinha pensando em como poderia suicidar-se mesmo. Isso lhe dava medo, que pudesse “criar coragem” e fazer. Não pretendia executar um plano, mas sentia medo de fazer algo por impulso. A pesquisadora a orientou a buscar um pronto-socorro caso tivesse crises antes de sua consulta com o psiquiatra. Sobre a intensidade da ideação, contou que nos momentos mais intensos pensava em suicídio muitas vezes por dia, na maior parte do dia, e conseguia controlar estes pensamentos com muita dificuldade. Teria coisas em sua vida que talvez a impedissem de colocar em ação a ideia de suicídio, como amigos, namorado, família e planos de vida. A ideia de suicídio era, segundo ela, certamente para acabar com seu sofrimento. Sobre comportamento suicida, relatou que por três vezes já tomou muitos comprimidos misturados. Uma das vezes foi interrompida por seu namorado, que chegou enquanto ela estava ingerindo os comprimidos, percebeu que ela não estava bem e a levou ao hospital para fazer lavagem gástrica. Relata que já se feriu com um alicate de unha para tentar aliviar de alguma forma, externalizar uma dor, uma forma de sentir algo.

Aqui está seu protocolo de Rorschach no Quadro 3.

Quadro 3 – Protocolo de Rorschach da Aluna 10

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1	v	> ^ v Talvez um inseto.	Ah, é... eu pensei em algo parecido com... é que não lembro o nome do bicho, é que ele tem umas asas, umas garrinhas na cara, pensei que aqui seriam os olhos (sombreado), aqui as asas, e aqui o corpo. (Vê o inseto na posição normal da prancha, porém com a prancha de ponta cabeça.) v W A o F	
	2		^ É... acho que também aquela... estilo os demônios assim de filme e tal. > Não sei mais ^	^ É que foi assim. É porque eu gosto bastante de filme de terror e eles sempre retratam com o estilo do bode, que seriam as orelhas, o chifre, e o rosto, e os olhos. Bem parecido com o demônio, o diabo, na verdade, da série Sabrina. W SI (Ad) o F DR1 AGC	
II	3	@	< (pausa) ^ (pausa) Me parece um ser meio estranho... se refletindo tipo assim num espelho.	É eu pensei em algo parecido com um peru, uma galinha, de frente ao espelho. Aqui seria a cabeça, os olhos, a boca, o corpo, a mão. Por isso. (Por que seria um peru?) Pela cor vermelha da cabeça assim, pela cor preta no corpo. O formato também da cabeça me fez pensar nisso. @ Dd 99 A u FC, C', r INC1	
	4		Aqui embaixo parece um coração.	Aqui. Meio que se completando. (O que quer dizer com "se completando"?) Que tem um espaço aqui no meio, então... me remete que eles estão meio que tentando se encaixar. D 3 An o ma INC1	
	5		Eu vejo talvez uma moça com um vestido... branco bem largo assim, estilo princesa assim.	É nessa parte branca. Aqui me parece o busto, ne, a parte do tórax, e a saia do vestido. D 5 SR Hd, Cg Sy u C' PHR	
III	6	@	v > ^ Me parece uma aranha bem estranha (ri).	É, eu vi uma das patas, os olhos, uma boca cheia de dente. Ela não é completa assim, não tem uma parte do corpo. (O que faz parecer que a aranha é estranha?) Porque... a questão da boca dela... e parece que... talvez seria os dentes que estão fora do lugar aqui onde seria a boca... estanho porque eu nunca vi uma aranha assim, mas me remeteu a uma aranha. @ Dd 99 Ad u FC INC1	
	7		Tem um laço aqui no meio.	É, um laço vermelho, estilo borboleta assim, ele está entre os homens, as pessoas que eu vi. D 3 Cg o FC	
	8		E tem duas pessoas mexendo em alguma coisa aqui que eu não consigo saber o que é. Acho que é isso.	É, nessa mancha preta, pessoas inclinadas, mexendo talvez uma mesa ou... não consigo enxergar. Aqui seriam as pernas, os sapatos, o tronco, a cabeça, o braço. É isso. D 1 H, Cg, NC Sy 2 o P Ma GHR	
IV	9		Parece um sistema reprodutor feminino.	É, seria essa parte né, seriam os ovários. Aqui o útero, né. Foi isso. (Que característica da mancha fez parecer o sistema reprodutor feminino?) A disposição da mancha mesmo, tendo essas duas partes que me lembram	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				muito os ovários. E aqui se estende aqui para o meio. Foi isso. Dd 99 An - F ODL	
	10		Parece que tem umas... duas mãos saindo assim.	Nessa parte de baixo. Duas mãos se apoiando no chão talvez. (faz gesto) Ta muito perfeito assim, os dedos, as unhas... (O que fez parecer unhas?) A mão tá num tom mais escuro e aí na ponta do que me parece um dedo tem uma manchinha mais clara bem arredondada, não dá para ver direito quantos dedos, mas parecem dois polegares. Dd 99 Hd - Mp, Y PHR	
	11	@	> ^ > ^ Parecem ter dois leões tb.	> Sim, estilo aquelas construções antigas, onde tem aquelas esculturas assim nas pontas dos prédios. Um aqui, e aqui. (O que aí faz parecer que é leão de construção?) A forma como ele está sentado... a postura... com a boca aberta. Me remete a aquelas esculturas de antigos prédios. @ D 2 A, Art 2 u FMp AGC	
V	12	v	v Parece um inseto que voa assim, um pouco estranho. (ri) acho que é só isso. (Pr)	Eu pensei que aqui seriam as antenas, e as asas, isso aqui tb parece que tem duas antenas, eu estou um pouco confusa, por isso que eu disse que seria estranho. v W A o F Pr	Pr
	13	v	Não sei se seria alguma coisa real, mas parece que são dois bichos se fundindo, sei lá, uma cabra ou um bode, não sei. Acho q é isso.	Ah, aqui, seriam dois, ne, aqui seriam as pernas, parte do tronco, aqui as patas dianteiras, aqui a cabeça, aqui o chifre. (Você disse que eles estão se fundindo?) É, porque eu não consigo ver a forma dos dois separados, parece que eles estão se tornando uma coisa só. v W A Sy 2 u FMa FAB1	
VI	14	<	< Parece uma paisagem, um lugar que tenha um lago... v	< Me parece que aqui é uma floresta, aqui seria um lago, uma praia talvez, e ai parece que o lago está refletindo o céu, por isso teriam essas manchinhas assim. < W NC Sy Vg o Y, r	
	15	v	Parece também dois ursos deitados de costas um para o outro.	v Assim. Seria a cabeça aqui, o focinho, as orelhas, uma das patas, a outra aqui. v D 1 A 2 u FMp	
	16	^	^ Uma estrela tb. Não convencional, de 7 pontas. Acho que é isso. Tenho uma dúvida. Tem alguma resposta certa?	É, ^ foi essa parte né, cada extremidade seria uma ponta. Não convencional porque eu vi no máximo de 6 pontas, de 5 e de 6. E essa teria 7. D 1 NC - F	
VII	17	v	v Parece um osso da bacia (ri).	v Essa parte. E eles estarem encaixando aqui com o fêmur. v W An u mp	
	18	^	^ Parece dois coelhos também, se olhando.	^ Aqui seria o corpo, ne, a cabeça, e as orelhas. D 2 A Sy 2 o FMp	
	19		Tem algumas manchas que parecem que... formarem rosto, partes de um rosto, na verdade. É isso.	Essa mancha mais clara aqui no canto me parece o rosto de um homem, uma barba, nariz, olhos, uma parte da testa. Aqui me parece uma boca e um nariz. Essa parte me parece um rosto bem assustado com os olhos arregalados, a boca. Foram esses 3.	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				Dd 99 Hd - Mp, Y PHR	
VIII	20	>	> Parece uma fotografia de um... um tigre caminhando sobre umas pedras, uma imagem que é refletida num lago.	> Aqui seria o tigre, e ele parece que tá subindo, isso parece com pedras, né. E aí na parte de baixo parece ser uma reflexão mesmo. Por terem pedras, por ter um tigre, eu associei com um lago. (O que na mancha faz parecer pedras?) O formato, elas estarem juntas, né. É isso. > W A, NC Sy o P FMp, r AGC	
	21	v	> v Parece um cachorro <i>beagle</i> triste. As orelhas baixas... os olhos também meio murchos. > acho que é só isso (ri).	v É, eu pensei nessa parte mais vermelha e alaranjada, me parece que está com as orelhas, baixas, e essas manchinhas aqui seriam os olhos, bem tristes. (olhos murchos?) Essas cores... parece que o olho acaba aqui ne, seria só essa parte (mostra o sombreado). v Dd 99 Ad u Mp, Y MOR PH	
IX	22	v	(pausa) Esse não parece nada (ri) v Mas me causa um... uma sensação de harmonia, de coisas que se encaixam. (ela coloca a prancha na mesa) (Pr) (pausa, olha a prancha sobre a mesa) ah... (pega a prancha) nossa desculpa não parece nada mesmo (põe na mesa novamente).	v É, parece que são... não se encaixam perfeitamente, mas tem um encaixe. Nessas partes. (o que fez parecer coisas que se encaixam?) Acho que a sobreposição das cores e os formatos também. O vermelho encaixa bem aqui no meio do verde, e o laranja está encaixando com o verde tb. v W NC Vg u CF Pr	Pr
X	23		(ri) Parece um oceano. Uns cavalos marinhos... alguns ouriços... faz lembrar os filmes da pequena sereia (ri).	Esse é o que eu mais gostei. Seriam os cavalos marinhos aqui esses vermelhos, os ouriços. Uns peixes, umas algas. Eu falei do filme porque... geralmente em filmes tem aquelas cenas dançantes estilo musical e... me parece. (Onde vê o oceano?) É o todo. W (A), NC 2 o FC	
	24		E analisando a forma entre as cores, a parte branca, forma uma lhama.	Essa parte aqui de baixo. Seria a cabeça, né, da lhama, teria as orelhas, os olhos, o nariz. Aqui. O nariz. Os olhos são nesse amarelo com laranja. Dd 99 SR SI Ad - F DV1	
	25		E um elefante deitado. É isso (ri)	É, aqui na parte entre as manchas também, mas aqui mais acima. Parece que ele está deitado de barriga para baixo, aqui as patas dianteiras, as traseiras, o corpo, as orelhas, a cabeça, os olhos. Essas manchas. Dd 99 SR Art - FMp	

Iniciou vendo “*talvez um inseto*”, com incerteza e insegurança sobre o que via, após rotações da prancha. Estas características também transpareceram em outras pranchas, como quando diz “*duas pessoas mexendo em alguma coisa aqui que eu não consigo saber o que é*”, na prancha III, “*inseto estranho*” na prancha V, bem como várias rotações de pranchas por todo o protocolo. E em seguida na prancha I, viu uma imagem “*estilo os demônios assim de filme*”, o que remeteu a uma angústia trazida de forma

bastante racional, ao dizer que é um demônio de filme e prendendo-se à descrição do percepto: “*é porque eu gosto bastante de filme de terror e eles sempre retratam com o estilo do bode, que seriam as orelhas, o chifre, e o rosto, e os olhos. Bem parecido com o demônio, o diabo, na verdade, da série Sabrina*”. Na prancha II, falou de um ser “*estranho... se refletindo tipo assim num espelho*”, e na fase de esclarecimento disse que seria um peru pela cor vermelha, identificando a “*mão*” dele em D4, um INC1. E em seguida viu um coração que estava se completando, porque tinha um espaço no meio, “*tentando se encaixar*”. Trouxe assim uma ideia de incompletude, e novamente bastante racional ao permanecer na descrição. Revelou tristeza possivelmente projetiva, ao ver “*um cachorro beagle triste. As orelhas baixas... os olhos também meio murchos*” na prancha VIII, parte de D2. Chamou atenção a quantidade de vezes em que ela mencionou “*encaixes*”, coisas incompletas ou tentando se completar ao longo do protocolo e “*bichos se fundindo*” na prancha V. Estas respostas parecem ser simbólicas de um sentimento de incompletude, de deslocamento, tudo parece querer se encaixar, se refletir, se completar, como se tudo à sua volta estivesse incompleto. Esta pode ser a base dos sentimentos que relatou serem tão insuportáveis a ponto de ver no suicídio uma saída para seu sofrimento. Sentia que nada no mundo poderia completá-la, e este sentimento possivelmente tem uma base muito precoce em sua vivência e, portanto, muito enraizada em suas experiências de vida.

Em seu protocolo, transparecem problemas de percepção e pensamento, com muitas respostas distorcidas (FQ-), rebaixamento de respostas ordinárias e socialmente compartilhadas (FQo% e P) e indicativos de psicopatologia relacionadas ao pensamento (EII-3 e TP-Comp aumentados). Há indicativos de dificuldades interpessoais, com aumento de PHR, poucas respostas de conteúdo humano H e aumento das respostas de reflexo, possivelmente indicativas de autocentramento excessivo. Essas variáveis reforçam a ideia das vivências de incompletude que puderam ser vistas em suas respostas, com dificuldades relacionais, pensamentos próprios e autocentramento, o que poderiam dificultar contatos próximos, exacerbando sentimentos de solidão e de falta de pertencimento social.

5.3.4 Aluno 14

O aluno 14 estava com 24 anos, estava no 6º semestre do doutorado direto na área de humanidades. Teve 8 pontos na SRQ-20, no limite para um indicativo de transtorno psicoemocional, e respondeu não para a questão 17, “tem tido ideia de acabar com a vida”. Na C-SSRS, relatou que há cerca de 10 anos já teve pensamentos de suicídio, planejava várias formas de fazer, como se jogar de um lugar alto ou tomar remédios. Acreditava que suas crenças religiosas funcionavam como um freio para não se matar, sentia-se incapaz de resolver seus problemas e relata que os motivos para pensar em suicídio se referiam tanto para acabar com seu sofrimento quanto para chamar a atenção ou se vingar de outras pessoas. Relatou que teve tentativa de suicídio uma vez quando era adolescente, discutiu com a mãe, ficou emocionado e pegou mais de 10 comprimidos de aspirina para tomar. Achava que tinha dado sorte porque sua mãe havia levado sanduíches para casa que pareciam estar estragados, o que o levou a vomitar. Sentia-se ainda na época negligenciado e ignorado em situações sociais, como um fantasma.

Seu protocolo de Rorschach se encontra a seguir no Quadro 4.

Quadro 4 - Protocolo de Rorschach do Aluno 14

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		Uma mariposa.	Aqui tem o corpo e as asas. Acho que tirando essas laterais. Dd 99 (A) u F	
	2		Um morcego.	Acho que a mesma figura. V (Mostre como vê.) ^ Igual, as asas e o corpo. Dd 99 A u F	
	3	V	V pode virar, ou... (Como quiser.). Um pedaço de um esqueleto.	Aqui um bicho, aqui seria a cabeça dele. Tem metade de cima. Aqui seriam os olhos, aqui a mandíbula dele, mas faltam os dentes. (esqueleto?) seria isso, desse bicho, o esqueleto dele. v Dd 99 SI An - F	
II	4	V	V joaninha.	v Aqui seria a cabeça dela e o corpo. Tirando essa parte. (joaninha?) as cores, vermelho e preto. O formato arredondado. v Dd 99 A u FC, C'	
	5	V	Uma vértebra.	Essa parte cinza. (o q?) essa abertura para passar a medula e aqui são as... a parte óssea. v D 6 SI An o F	
	6		^ > v um brinquedo.	Por causa dessas pernas. Parece um boneco. (onde boneco) aqui seriam os pés dele aqui. Aqui as canelas. (está vendo então só os pés do boneco?) isso. (de boneco?) porque são muito finos para ser de humano, a menos que seja de uma criança pequena.	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				v D 2 (Hd) o F GHR	
III	7		Uma mosca.	Eu lembrei... eu falei mosca porque não lembrei o nome exato do ser. É a parte dos olhos, as garras, acho que na verdade mais para um besouro do que mosca. Dd 99 Ad o F AGC	
	8	V	V um boneco também. > < v (devolve)	V aqui tem as pernas dele, e aqui seriam os braços. (boneco?) porque parece, se colocasse um tronco aqui dá uma cabeça e ficaria parecido. v D 1 (H) o F GHR	
IV	9		Um hipopótamo.	Essa parte pareceu o rosto dele. (o que ai fez parecer?) é porque tem o formato mais arredondado, e aqui parece ser olhos, e aqui a parte da boca dele. Dd 99 Ad u F	
	10	V	V um morcego. < >	V aqui seriam as asas, a cabeça dele. [tampa parte da mancha] v Dd 99 A u F	
V	11		> ^ um morcego.	V ^ as asas, a cabeça e não sei se tem pernas, mas parece. @ W A o P F	
	12	V	V uma mariposa. > < ^	V esse as asas e as antenas. v W A o F	
VI	13		Um fantasma.	Essa parte aqui. (o que fez parecer?) tem aquelas roupas brancas e aqui seria a cabeça dele e aqui uns... parte dos braços. D 3 (H) o C' AGC GHR	
	14	V	V folha verde.	V na verdade não sei se é verde ne, mas esse contorno, talvez seja uma folha morta também. (morta?) ta mais para morta porque não ta muito... não tem linhas, parece muito gasto. (gasto?) porque ela não é muito linear, tem esses... pode ser mordidas também de formigas (contorno). v D 1 NC o F MOR, MAP	
	15	V	> < v Um esqueleto também.	Essa parte aqui descendo. Porque parece os dentes, os olhos e os chifres, o esqueleto de um animal. v Dd 33 An u F	
VII	16		Uma máscara.	V ^ seria essa parte aqui. Como se fosse aquelas de teatro, só que quase iguais. (o que fez parecer mascara?) aqui tem a abertura para os olhos e aqui para a boca. D 3 (Hd) o F GHR	
	17	V	v Um gorila.	V ^ v parece o rosto dele aqui. Tem a parte mais escura são os pelos e a parte clara seria o rosto dele. v Dd 99 Ad - Y AGC	
	18	V	Tamanduá.	Aqui também tem o rosto dele, aqui seria a tromba, essa parte clara os olhos. v D 3 Ad o Y DV1	
VIII	19	<	< (pausa) um quadrúpede.	> Seria essa parte vermelha, aqui seria as 4 patas, aqui o corpo dele e a cabeça. > D 1 A o P F	
	20	V	v um esqueleto. >	^ v < ^ v ^ não lembro onde que eu vi. (você estava olhando para ela neste sentido quando	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				me disse v) essa parte aqui parece que tem os olhos e a boca. v D 3 SI An o F	
IX	21		Um dinossauro.	Aqui parece os olhos, a boca dele, verde a parte de cima, vermelho a parte de baixo. Dd 99 SI Ad u FC	
	22	V	v uma flor. < >	V aqui a parte vermelha uma flor e a verde são as folhas e... aqui é como se fosse um caule. v Dd 99 NC u FC	
X	23		Insetos.	Parece aqui que tem vários diferentes. Tem esses marrons, esses azuis, esses, esses verdes também, outro marrom. (insetos?) porque parecem pequenos, e vários no mesmo local. D (1,2,4,7,8) A 2 u FC	
	24		v < > ^ um jardim.	Na verdade porque em algum lugar que faria sentido ter insetos. Talvez essas coisas maiores seja algo que eles estejam caçando. (mancha, jardim?) na verdade eu não sabia o que falar relacionando com insetos e então pensei com essa questão do jardim, talvez seria uma parte não convencional. (onde?) aqui talvez seja um pedaço do jardim, o jardim talvez seja bem maior do que a figura. W A, NC Sy 2 o FMa	

Trata-se de um protocolo com bastante uso de forma, racional, com distanciamento, que predominam aspectos de esquizoidia; iniciou dando 3 respostas em áreas Dd99, recortes subjetivos que podem estar relacionados com perfeccionismo e com distorção. O único movimento dado no protocolo é na prancha X, na qual viu um jardim com insetos caçando, uma percepção atípica de um animal que caça. Nas respostas em que viu cores, as mencionou de maneira bastante descritiva, ficando subentendido o uso da cor na resposta: Pr IX: um dinossauro (...) “os olhos, a boca dele, verde a parte de cima, vermelho a parte de baixo”; uma flor (...) “a parte vermelha uma flor e a verde são as folhas”. Das 24 respostas dadas, quatro são de ossos ou esqueleto, o que denota uma desvitalização de sua vivência interna. Chama atenção também que quase não houve respostas de pares no protocolo. Houve predomínio de conteúdos humanos (H) e (Hd), o que mostra uso de fantasia nas relações e na autoimagem. Não houve respostas de sombreado, ou seja, não apresentou angústias. Trouxe uma resposta de conteúdo mórbido, mas também bastante racional e defendido, na prancha VI: “folha verde. (FE) Na verdade não sei se é verde, né, mas esse contorno, talvez seja uma folha morta também. (O que na mancha faz parecer morta?) Tá mais para morta porque

não tá muito... não tem linhas, parece muito gasto. (E o que aí faz parecer gasto?) Porque ela não é muito linear, tem esses... pode ser mordidas também de formigas (mostra no contorno da mancha)". É interessante notar que esta resposta começou com uma cor em uma prancha acromática; na FE, mudou de ideia e disse que poderia ser uma folha morta e, em seguida, falou sobre uma folha mordida, que recebeu um código MAP. É um processo de deterioração do percepto, que iniciou com uma resposta exagerada, fora da realidade ao ver a "folha verde", como uma defesa maníaca; em seguida pareceu mais realista ao dizer uma folha morta e não verde, mas o processo de degeneração continua até se tornar uma folha mordida. A resposta que precedeu a folha na prancha VI foi a de um fantasma, que usa roupa branca. Embora seja um objeto assustador, tem conteúdo para-humano inteiro, mais vital do que uma folha morta e mordida, além de ser um objeto com o qual se identificava – ele trouxe em seu relato que se sentia um fantasma em situações sociais. A resposta seguinte à folha verde foi de um esqueleto em Dd33, outro percepto bastante desvitalizado. Ele parece fazer este mesmo movimento de gradual deterioração do percepto realizado na resposta da folha no conjunto de respostas dadas à prancha VI. Também chamou atenção o quanto foi objetivo e monossilábico na fase de resposta. Pareceu ir citando o que via, sem grande envolvimento com a tarefa, com 67% das respostas baseadas somente na forma, o que demonstra que esteve extremamente defendido na tarefa, mas possivelmente trata-se de uma atitude generalizada em sua vida. Tendo por base este protocolo, fica evidente a dificuldade de envolvimento interpessoal que ele relatou: fica tão defendido do mundo que é difícil sentir-se pertencente ao mundo exterior, o que pode lhe trazer intenso sofrimento.

5.3.5 Aluna 18

A estudante 18 tinha com 22 anos, estava no segundo semestre de um curso na área de humanidades da FFLCH, relatou que estava afastada de seu trabalho, era uma empresa que estava em falência e perderia em breve seu convênio médico. Disse que faz tratamento psiquiátrico há três anos, tem diagnóstico de transtorno bipolar, em uso de lamotrigina e quetiapina. Pontuou 17 no SRQ-20 e respondeu "sim" para a pergunta 17. Na C-SSRS, relatou que

teve uma tentativa de suicídio três anos antes e ideação nos seis meses anteriores. Não fazia planos atualmente para nova tentativa, mas dizia saber como proceder para isso. Disse que sempre teve ideação, desde que se lembra, desde criança. Considera algo constante em sua vida. O que a impedia de tentar novamente seriam seus gatos. Quando fez uma tentativa de suicídio, diz que foi tanto para chamar atenção de outras pessoas, quanto para acabar com o sofrimento que tinha. Tomou três ou quatro cartelas de diversos comprimidos, seus pais a buscaram, ela não quis ir ao hospital porque não queria uma internação psiquiátrica, mas relatou não se lembrar de nada de como as coisas ocorreram neste dia. Disse que nos dias recentes, quando se encontrava “no pico do desespero”, ela pensava realmente em nova tentativa, mas desistia por casa de seus gatos. Quando estava muito difícil, levava facas e medicamentos para a casa das tias, que moravam no mesmo sobrado, com casas independentes. Sobre comportamento autolesivo não suicida, relatou que costuma fazer *piercings*, se morder, se cortar, roer unhas até sangrar, cutucar a pele.

Segue o protocolo de Rorschach da estudante no quadro 5.

Quadro 5 – Protocolo de Rorschach da Aluna 18

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		Uma máscara primeiro.	Então eu tava pensando naquelas mascaras japonesas de samurai, então seria ela inteira, aqui a parte dos olhos, a parte que respira, aqui a parte dos chifres, etc. W SI (Hd), Ay o F AGC GHR	
	2		E uma mariposa também. É só esses dois por enquanto. Uma máscara e uma mariposa são as coisas que eu consigo ver aqui.	Huhum. Mais ou menos a mesma coisa, só que aqui seriam as asas, e aqui seria o corpo, que ela tem o corpo fofinho, né. (o que na mancha faz parecer fofinho?) Aqui é gordinho aqui (mostra largura), a borboleta tem aquele corpo todo fino, e a mariposa tem o corpo mais redondinho, fofinho, às vezes tem pelinhos, então por isso eu falei mariposa em vez de borboleta. W A o F	
	3		(ela me devolve a prancha e enquanto guardo ela começa a falar e eu a devolvo) Aqui parece ser uma pessoa ou algo assim, mas aí essa parte de fora não faz muito sentido nesse contexto, eu acho.	Que aqui é mais ou menos a silhueta de uma pessoa, essa parte do meio só. Talvez uma mulher com um vestido volumoso que marca bastante a cintura. Mas aí essas asas seriam o quê? D 4 H, Cg Sy o F GHR	
II	4		(pega a prancha e coloca na mesa) Isso aqui parece um pouquinho com o osso da pelve, sabe, quando olha de cima, mas tem um coração	É, aqui a pelve, isso é o formato da pelve mesmo, eu acho, e o coração essa parte de baixo, colorida. Só que o que faria o coração na pelve, eu não faço ideia. Isso da pelve eu ignoraria a parte vermelha.	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			aqui também que não tem nada a ver.	D 3,6 An o F	
	5		Eu consigo falar o q eu vejo na figura inteira ou pode ser partes da figura? (Como quiser.) Dois patos dando <i>high five</i> (ri). É isso.	Agora foi a primeira coisa que eu vi, a cabeça, o bico e as duas patinhas dando <i>high five</i> , de costas. Eles provavelmente não têm pena nenhuma para a asa estar desse jeito, então dois patos depenados, o que é meio macabro. (costas?) pelo ângulo que tá pegando aqui, porque se estivessem de frente, acho que não teria essa posição de dar para ver o rabinho aqui, as patas, então é como se estivesse vendo eles por trás, e não pela frente. W A Sy 2 o Ma FAB1 COP, MOR, MAH GHR	
III	6		Duas pessoas na mesa de jantar	É, eu ignorei completamente essas partes dos cantos, porque não faz sentido, mais as pessoas na mesa de jantar aqui, a cabeça, o corpo aqui. (Mesa onde?) Aqui entre eles, não tem exatamente a mesa, mas esse formato aqui, se for uma mesa redonda. Dd 34 SR SI H, NC Sy 2 u F GH ODL	
	7		Mas tem um pedaço aqui que parece uma vespa também.	Essa parte de baixo, exclusivamente essa parte de baixo. (O que na mancha fez parecer uma vespa?) os olhos, a mandíbula, as patas. Ela também parece brava porque tem a questão de toda vespa ser brava, e acho que, talvez antropomorfizar a vespa, ela não tem dentes, mas parece que quando a mandíbula está aberta, aquela coisa da ameaça dos dentes. (Você disse que a vespa não está contente?) Por causa da mandíbula aberta. Dd 99 (Ad) u Mp AGM, AGC PHR	
	8		Acho que só, tem essa gravatinha aqui no meio, mas... Essa vespa não tá contente, mas ok.	Só isso aqui, exclusivamente esse pedacinho aqui. (O que aí fez parecer gravatinha?) O formato, tipo uma gravata borboleta. D 3 Cg o F	
IV	9		Um pé grande, tipo o bicho pé grande.	Sim. Ele inteiro mesmo, os pés grandes, tipo num ângulo estranho talvez, como se estivesse olhando ele de baixo para cima, então os pés que são grandes parecem ainda maiores, e a cara pequenininha, está longe. W (A) o FD	
	10		Uns bicos de corvo aqui do lado	Acho que é mais tipo o crânio do corvo, não só o bico, porque o bico e aqui a abertura da cavidade ocular. D 4 SI An 2 u F ODL	
	11		Mas também parece uma orquídea nesse pedaço aqui.	Só esse pedaço aqui, parece uma orquídea. Que no caso seria a cara dele, né, do pé grande da outra figura. (O que fez parecer orquídea?) Por conta do formato mesmo, porque tem aqui aquela pétala de dentro que a orquídea tem, e os risquinhos, ela tem umas estriações, é isso que chama? Ela tem aqueles risquinhos, tem as pétalas de dentro, as pétalas de fora, e nas de fora tem aqueles risquinhos. É isso aí. D 3 NC u Y	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
V	12		Como é o nome... uma mariposa assim, logo de cara.	Sim, a mesma coisa, o formato inteiro, agora eu tô vendo que poderia ser um morcego, né, mas é meu negócio mariposa (ri), nem lembrei do morcego, mas enfim. (o que faz parecer uma mariposa?) As asas, aqui as antenas, geralmente a mariposa tem esse rabinho na asa que é separado, e de novo ele tem esse formato mais fofinho e aberto, não é tão para cima como a borboleta. W A o F	
	13		Mas também é como se tivesse alguém, uma pessoa dentro desse escuro todo, não é uma forma específica de pessoa, a cabeça e talvez os ombros, como se a pessoa tivesse sentada no escuro, só sentada, ou se tivesse uma sombra em cima dela, sabe que nem cinema que tem uma pessoa sentada e vc só vê a silhueta da pessoa ali.	É, tipo... sabe quando tem alguém sentado numa mesa que tá aquele mistério, que tá aquele chefão interrogando, tem aquele suspense de cinema? Então é isso. Só essa parte, tem a cabeça, os ombros, e o resto está escuro, é suspense, mistério. W H, NC Sy u C' GHR	
VI	14		Um violino, ou violoncelo, um instrumento desses de cordas.	Eu acho que é mais para violoncelo porque ele é bem largo. E também dá para ser aqueles violoncelos elétricos, porque eles têm umas formas bem loucas. Então aqui seria o cabo e aqui o corpo. W NC o F	
	15		Ou um machado também, de cabeça para baixo mas um machado. Ou uma maça, não sei, que também maça é...	Machado ou maça. Eu jogo RPG, então estou acostumada com armas que tem, que a estética é maravilhosa, mas provavelmente não servem para nada no mundo real (ri). Então aqui é o cabo e aqui é o corpo do machado ou maça, ou o que quer que seja. W NC u F PER, AGC	
VII	16		Essa parece aquela... como é, aquela figura, é um vaso ou são duas pessoas olhando uma para a outra? Então ambos. Um vaso	O vaso seria o vazio, essa parte em branco aqui, então o vaso fica definido pelos limites do preto. D 7 SR NC o F	
	17		E uma pessoa olhando uma para a outra.	E as pessoas se olhando seria a parte preta. (Mostre para mim como vê.) Aqui a cabeça, e aqui seria o resto do corpo talvez, estou olhando principalmente essa parte da cabeça. W H Sy 2 o P Mp GHR	
	18		Tem um par de porquinhos aqui também, olhando para fora, enquanto essas pessoas estão olhando uma para a outra.	Os porquinhos revoltados, nesse pedacinho aqui, olhando para fora. O olho, a boca, aberta de novo, os dentes. Então tem os porquinhos aqui neste pedaço, e as pessoas se olhando neste pedaço. Pessoas aliás com um penteado bem fabuloso, né, porque tem esse treco para cima. (Você disse que os porquinhos são revoltados?) O que eu falei, os dentes, a boca aberta, o focinho parece que está franzido, sabe? (O que faz parecer franzido na mancha?) Especificamente esse pedacinho aqui, esse não	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				está tão claro (mostra lado direito), esse porco está... como é o nome da palavra? Está mais para resignado e esse (esquerdo) mais para revoltado. (O que há na mancha que faz com que ele pareça revoltado?) Essa parte, o formato. Como esse lado (direito) não tem tanto essa curvatura que o outro tem, então ele está mais "ok, não deu", enquanto esse (esquerdo) está "como assim?" (O que na mancha faz parecer dentes?) Isso aqui, tem umas separaçõezinhas, uma coisa quase microscópica (no lado esquerdo), desse lado também, mas tem menos dentes, uma coisa da feição (lado direito). Esse também o olho está mais claro, da para ver menos a pálpebra do que esse, esse da para ver a pupila, direitinho. D 3 Ad o Mp, Y INC1 PHR	
VIII	19		Que legal, essa é colorida! Ok, tem dois lobos, um de cada lado.	Aqui. (O que fez parecer lobos?) As patas, o rabo, a cabeça. pode ser um urso também, porque não tem muito pescoço, mas vamos ficar com o lobo. D 1 A 2 o P F AGC	
	20	<	< Ou então o lobo em reflexo em algum lugar. O que eu consigo ver aqui é a elaboração dessa cena com os lobos, então tem floresta, o lago de onde este lobo está saindo. Só.	< Aqui, olhando assim, seria o lobo andando perto de um lago e o reflexo aqui embaixo. Ou ele saindo do lago que é essa parte aqui, então a ultima pata ainda está mergulhada. (Floresta?) Floresta, coisas verdes. De repente aqui é uma pedra que esse lobo está pulando de uma pedra para outra... mas me parece bem uma cena de <i>wilderness</i> , o lobo no seu habitat. < W A, NC Sy o P F Ma, CF, r	
IX	21		Um alien. Tipo o Predador.	Yep. Predador mais por conta da mandíbula esquisita, ele tem essa cabeçona e a armadura nessa parte de baixo. (O que faz parecer que a mandíbula é esquisita?) Ah essa parte aqui, porque a mandíbula dele é vertical, tipo vespa, ela abre lateral e depois abre para baixo, então essa parte seria a mandíbula abrindo para os lados. W (Hd), NC Sy u F Ma AGC GHR	
	22		Eu devo dizer... não é com a figura em si, mas eu fico nervosa porque não tem uma resposta certa. E isso me deixa ansiosa. Não sei. Sei lá. Alguém usando uma máscara de gás, talvez.	Huhum. É mais ou menos o mesmo formato do Predador, só que essa parte em vez de ser a mandíbula seria aquela parte de filtragem do gás. (Onde vê alguém, e a máscara?) A mascara é aqui tudo, não sei se vc já viu aquelas mascaras de gás que tem uma lente e uma parte comprida de filtragem. Então aqui a lente, e aqui a parte de filtragem. A pessoa porque pode ser os ombros aqui. W Hd, (Hd) Sy u F PHR	
	23		O laranja me lembra de alguma coisa tipo <i>solar flare</i> , como é o nome disso, quando o sol tem aquelas explosões, quando solta aquele monte de íons, não lembro o nome, mas parece aquilo que o sol tem.	Que é justamente só essa parte vermelha, tipo a corona solar. Não é vermelho, né, vermelho é aqui embaixo, disfarça, laranja. (O que aí fez parecer <i>solar flare</i> ?) Essas linhas meio que aleatórias, e por ser laranja, e ser... e não ser bem definido já tem uma cara de ser fogo. Tem uma lembrança meio de fogo. Mas tendo esses risquinhos, esses respingos, tá mais com cara	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				de ser solar do que ser fogo, fogo normal que a gente faz. Acho que em português é explosão solar, né, mais dramático. D 3 Fi, NC Vg o CF AGC ODL	
X	24		Uau, mais cores! Tem um pulmão aqui, tava demorando para aparecer (ri)!	É tipo aqui, ele tem um formato de pulmão, com folhas, mas um pulmão, e aqui embaixo meio que uma repetição nesse pedacinho aqui. Na verdade todo o resto, se vc desconsiderar as cores, parece um pulmão. Esses pingüinhos, essas partes, a questão dos alvéolos e tudo mais. (O que faz parecer pulmão com folhas?) isso aqui, as folhas. Parecem folhas crescendo a partir do pulmão, sabe aquelas... tem alguns desenhos de mistura, que mistura esse tipo de elementos de órgãos com elementos naturais, então esse aqui parece um desses. D 11 An, Art o mp	
	25		Insetos, vários insetos. Tipo uma aranha, e aqui aquele bicho folha, sabe?	Aranha aqui, o bicho folha aqui. Basicamente isso os insetos que eu vejo. (O que fez parecer aranha?) Várias pernas. Não são exatamente as 8 pernas da aranha, mas não sei de nenhum outro bicho que tenha tantas pernas assim. (Bicho folha, o que fez parecer?) Esse aqui fica o corpo dele, que tem esse formato de folha e as pernas também. Isso aqui tudo é o bicho folha. Dd 99 A u P F	
	26		Um camaleão também, tipo dois, um de cada lado.	Esse bichinho aqui. Se ele é camaleão ele não tá fazendo um trabalho muito bom, porque ele está amarelo em cima de um negócio vermelho, então... um camaleão aqui os olhos nessa parte laranja, e a cabeça que eles tem tipo um chifrinho na cabeça, não é bem um chifrinho, é tipo um <i>ridge</i> , esqueci o nome em português, não sei o nome, é uma estrutura óssea que ele tem mais altinho, e o resto que vai se afinando. D 2 A 2 u FC	
	27		Mais assim, bastante folhas e insetos e coisas bem... biológicas, naturais, não sei, coisas vivas.	Sim. Porque sei lá, tipo folha, folha, folha, bicho, bicho, bicho, dá impressão de ser um galho, dá impressão de eles estarem se mexendo, acho que por ser colorido também, dá mais impressão de ser vivo do que aquelas monocromáticas, ou com só duas cores. W A, NC Sy 2 u FMa, CF	

É possível observar que ela forneceu respostas bastante descritivas e racionais. Em muitos momentos demonstrou uma exigência obsessiva de que o percepto se parecesse exatamente com o que imaginava, com grande necessidade de controle, criticando quando algo destoava, como quando diz na prancha I “*aqui parece ser uma pessoa ou algo assim, mas aí essa parte de fora não faz muito sentido nesse contexto, eu acho*”, ou quando fala dos

patos na prancha II, *“eles provavelmente não têm pena nenhuma para a asa estar desse jeito”* e *“acho que não teria essa posição de dar para ver o rabinho aqui, as patas, então é como se estivesse vendo eles por trás”*; talvez isso tenha relação com o alto valor que deu para o composto vigilância (V-Comp=4,9), como tentativa de controlar tudo à sua volta; chegou a verbalizar inclusive que ficava nervosa por não ter o controle da situação, por não saber quais respostas seriam esperadas ou adequadas: *“eu devo dizer... não é com a figura em si, mas eu fico nervosa porque não tem uma resposta certa. E isso me deixa ansiosa”*; já na quinta resposta dada, na prancha II, questionou se poderia ver em partes da mancha: *“eu consigo falar o que eu vejo na figura inteira ou pode ser partes da figura?”*. Ela já havia dado resposta que levava em consideração parte da mancha na Prancha I, mas quis se certificar que estava fazendo corretamente.

A primeira resposta dada foi de máscara, que é simbólico por encobrir as feições de um rosto. É um protocolo sem resposta menos, ela parece ter tentado encobrir suas dificuldades, como que usando máscara ou sendo um camaleão, respostas dadas por ela. Neste contexto, é simbólica também a resposta dada à prancha V, que parece ser projetiva de como se sentiu interrogada pela pesquisadora: *“sabe quando tem alguém sentado numa mesa que tá aquele mistério, que tá aquele chefão interrogando, tem aquele suspense de cinema? Então é isso”*. São interessantes as respostas dadas à prancha VI. É uma prancha que pode trazer conteúdos sexuais e seu significado comum se relaciona a sexualidade. Ela deu respostas de dois instrumentos, um musical e uma arma. Ela demonstrou assim uma objetificação da sexualidade, inclusive dando uma resposta de AGC, machado ou maça. Poderia ser indicativo de conflito ou afastamento das relações íntimas e sexuais. O aspecto de agressividade contido nesta resposta também transpareceu no aumento de conteúdo agressivo (AGC=6) e qualitativamente em *“dentes”*, em *“porquinhos revoltados”* em outras pranchas.

Na prancha IV, deu resposta de orquídea, que é normalmente uma flor ou branca ou com cores vivas. Ela localiza em uma parte bem escura, dando como determinante o Y pelas estriações presentes nas orquídeas. Esta resposta poderia ser equiparada às respostas de projeção de cor, que embora ela não tenha realizado propriamente o processo da projeção da cor, o

mecanismo interno de identificar uma flor colorida em uma parte bem escura da mancha pode ter relação com semelhante processo psíquico. Projetou também movimento humano em animais na prancha II, *“dois patos dando high five”*. Esta resposta parece ir perdendo qualidade. É curioso o fato dela ter escolhido um pato para definir o que via, mas FE percebe que não se encaixava bem e tentou fazer uma série de “adaptações”: *“a cabeça, o bico e as duas patinhas dando high five, de costas. Eles provavelmente não têm pena nenhuma para a asa estar desse jeito, então dois patos depenados, o que é meio macabro. (costas?) pelo ângulo que tá pegando aqui, porque se estivessem de frente, acho que não teria essa posição de dar para ver o rabinho aqui, as patas, então é como se estivesse vendo eles por trás, e não pela frente”*. O pato precisou estar sem penas e em um ângulo específico para “encaixar” na mancha.

Enfim, transpareceram aspectos obsessivos, dificuldades com sua sexualidade e identificação com aspectos agressivos, bem como uma possível defesa maníaca que vai ao encontro de seu diagnóstico de transtorno bipolar. Parece viver no limite do que suporta e estes aspectos obsessivos poderiam ser uma tentativa de controlar tanto suas vivências quanto o mundo à sua volta, como uma maneira de refrear o excesso de angústia que a predispõe a sentimentos de desespero e desamparo, conforme ela descreveu.

5.3.6 Aluna 31

A aluna 31 estava com 21 anos, estava no 4º semestre de um curso na área de humanidades e residia na moradia estudantil. Já fez psicoterapia, fazia tratamento psiquiátrico há cerca de um ano e estava em uso de fluoxetina, valproato de sódio e, às vezes, quetiapina para dormir. Sua psiquiatra lhe disse que seu diagnóstico era de depressão, mas ela sentia que tinha “algo a mais”. Sentia que sua psiquiatra a ignorava e sentia muita raiva dela. Relata já ter feito exame neuropsicológico e o resultado, segundo ela, foi que sua depressão atrapalhava a atenção e a memória.

Pontuou 18 na SRQ-20, inclusive na pergunta 17 sobre ideação suicida. Teve tentativa de suicídio. Nos últimos seis meses, relatou ideação com planos bem definidos, só não mais pretendia colocar em prática na época em que

participou da pesquisa. Pensava em pular da janela, ou em frente a um carro, ou cortar os pulsos, ou ainda tomar remédios. O motivo que a impedia de fazer nova tentativa seria sua família; pensava que, no passado, seus motivos para pensar em suicídio eram mais relacionados a vingança, quando não se dava bem com seus pais, mas recentemente, era mais pelo sentimento que tinha. Tinha receio porque quando se sentia muito angustiada, perdia o controle. Relatou que na última de suas tentativas, um mês e meio antes da avaliação, ela tomou muita fluoxetina, mas sabia que não ia morrer, foi mais “para deixar rolar, se for, foi, se não for, não foi”. Nas outras, ela ficou em cima da janela, no parapeito e pensou em pular, mas desistiu. E em outra, cortou o braço e foi cortando, mas acabou desistindo também. Não precisou de sutura, ninguém percebeu, somente contou à sua psicoterapeuta e à sua psiquiatra, bem como a alguns amigos. Não houve sequelas físicas.

Seu protocolo de Rorschach está transcrito a seguir no Quadro 6.

Quadro 6 – Protocolo de Rorschach da Aluna 31

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		(pausa) parece alguém com uma máscara de... de algo assim do mal, não sei, e com dois chifres assim.	É como se fossem dois chifres, aqui, aqui uma espécie de segundo chifre ou uma orelha, e aqui são os olhos dela, aqui um formato de um rosto maior, e aqui o queixo. (mal?) Não sei, acho que o formato triangular dos olhos assim... ta tudo muito escuro assim, borrado, não sei. É como se cada coisa mais escura... como se fosse uma nuvem na verdade, como se fala? E aí ela tivesse... sabe quando tem uma fumaça com umas partes mais densas, outras menos densas, uma coisa bem obscura assim. W SI (Hd) o C', Y AGC GHR	
	2		Eu acho que o outro parece dois como dois anjos da morte se encontrando um do lado do outro assim. Acho que é isso. Eu tenho que deixar ele assim ou pode virar? (Como vc quiser.) Tá.	Aqui a linha que separa os dois, aqui a cabeça de um e do outro, eles estão na mesma posição, eles estão com uma espécie de... não é lança, ou alguma ferramenta assim, aqui o corpo, e aqui as asas deles assim. (Anjos da morte?) Eu acho que também de novo é a cor, e parece que eles estão com capuz assim, não me remete a alguma coisa muito boa. W (H), Cg, NC Sy 2 o Mp, C' AGC, MOR PHR	
	3	v	v < v Parece, com... o outro lado parece como se fosse uma ilha com uma montanha, e debaixo de um monte de terra assim, com vários pontos com cavernas que escondem <u>vários segredos</u> , e tem uns passarinhos voando também. Acho que é isso.	Ah sim, aqui, é como se essa parte fosse a montanha, com árvores, e pedaços de terra, e aberturas, e... um monte de coisinhas, aquelas coisas da terra, porque a terra não é plana, tem uns vales. Uma montanha grande, os passarinhos parecem essas manchinhas, e aqui parecem as cavernas nesses pontos brancos aqui que separam, e aí parece que a entrada é por um desses cantos, ou desse, e	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				quando vc entra é como se estivesse em uma parte fechada que não dá para sair. A não ser ir mais para o fundo, mas para sair é mais difícil. Pensar que são obscuros é porque ta escondido, sabe quando... não sei o nome... acho que iceberg, não sei, quando tem uma coisa por cima assim, tem a superfície e parece que é uma coisa pequena, mas quando vc vê tem uma coisa enorme debaixo da água. E como estão escondidos, escuro, e essa forma meio dispersa, me faz parecer algo do mal. v W SI A, NC Sy u Fmp, C'	
II	4		Parece meio que dois ursos ou dois monstros dando a mão um para o outro assim (gesto), como se fossem bater palma.	Ah aqui, aqui parece as palmas deles, ou as patas, um ta com uma mão para o outro assim, parece um reflexo mesmo, o reflexo de um só, mas são dois. A cabeça deles, o bracinho, a cinturinha, a perninha e a bundinha, e parece que eles estão de costas andando. D 1 A Sy 2 o P FMa COP, AGC GHR	
	5	>	> Eu diria que também parece um pulmão.	v ^ pera aí que eu não to mais vendo pulmão v ^ Ah sim, verdade, a traqueia aqui e os dois pulmões. É bem feio, mas parece. E aqui como se fossem, eu não sei, um dos órgãos que tem aqui, eu não sei o nome, como se fossem órgãos, ou tecidos, ou alguma coisa do tipo v ^ (feios?) é que eles não tem muito o formato de um pulmão, ne, parece que ta meio comprimido assim, meio que faltando algumas partes... > W An u F	
	6	v	v Parece um vulcão expelindo sangue.	v Ah, aqui, o vulcão, a superfície, expelindo sangue. Aqui esse coisinho branco, e o sangue esse vermelho assim e aí... (faz um barulho e um gesto como que explodindo). E aqui um monte de terra assim. v D 3,6 BI, NC Sy Vg u ma, C FAB2 AGC, MOR	
III	7		(pausa) Parece duas pessoas... separando alguma coisa... como se fosse as pernas de <u>uma mulher que eles vão estuprar. Parece manchas de sangue dos lados.</u>	Aqui as duas pessoas, a cabeça, o corpo, as pernas dele, aqui as pernas da moça que eles estão tentando separar, aqui os braços deles, aqui as pernas dela, as manchas de sangue aqui do lado, e aqui mancha de sangue no tórax da moça. (Sangue?) A cor vermelha, o formato como se tivesse derramado assim, ou manchado, caído. W SI H, BI Sy 2 o P Ma, CF COP, AGM, MAP GHR	
	8	v	v Parecem duas... dois esqueletos assim, um do lado da cabeça do outro. Com as pernas levantadas assim, e o corpo se desfazendo. Pronto.	v Ah claro. Aqui são os dois crânios, a cabeça, como se eles estivessem deitados assim com as pernas que são essas, e é como se estivesse se desfazendo, passa um vento e sopra tudo, os pozinhos que sobraram mesmo. (Pó?) É que ele dá um efeito degrade aqui, ó, é a mesma coisa de ter uma parte mais densa e uma parte mais clara, que ta... uma parte mais densa e menos densa, e aí vai ficando mais clarinho, parece que o vento... parece que ta	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				meio assim, pincelado aqui, da essa impressão. v D 1 An 2 o mp, Y INC2	
IV	9		Parece que tem uma nuvem... uma nuvem de maldade em volta assim. E tem no fundo, no fundo, alguém que tá saindo dela que é uma espécie de... algo de <u>um culto do mal</u> , não sei.	(pausa para água 5') Aqui parece, olha. Um.. alguém vestido, ta vendo que tem um formato meio triangulo assim, parece aquelas capas de sacerdote, algo assim, e... como se fossem as asas, como uns ganchos, que são esses, e a nuvem, em volta dele aqui. Ele ta andando para frente, olhando para cá, e aqui é como se fosse a coroa. E os pés. (nuvem?) A mesma coisa da cor, a mesma coisa desse efeito de ter uma parte mais densa, outra menos densa, e parece que ele está escondido, no fundo, saindo do meio delas. (o que na mancha faz parecer que ele está escondido, no fundo?) Ta vendo esses risquinhos aqui, da impressão que alguma coisa ta afundada e ta saindo (gesto 3d). Os risquinhos está meio assim, e ai parece que a cabeça ta lá no fundo, saindo assim. E é mais escuro também, o meio. W (H), Cg, NC Sy o Ma, Y, V AGC, MOR PHR	
	10		Parece que tem dois homens no leito de morte.	De qual lado era? v ^ Ah sim, achei. Aqui, um ta de frente pro outro, aqui são as cabeças dele, aqui o nariz. Aí parece que ta só a cabeça e os corpos se encontram, não dá para ver os corpos, mas como a cabeça está nesse sentido, dá impressão que os corpos se encontram aqui. E aí um monte de nuvens de novo. (mostra) Dd 99 H, NC Sy 2 u F MOR PHR	
	11	v	v Duas mulheres com cabelo no vento. Com alguma coisa no seio delas. Como se elas tivessem, não sei, amamentando, ou alguma coisa.	v Ah aqui, parece o centro de alguma coisa, uma coisa central, não uma estátua, meio que um poste. Aqui as duas mulheres, com os narizes, as bocas, aqui o corpo delas, aqui o cabelo, e aqui o seio delas, amamentando. Não sei por que eu falei amamentando, mas dá essa impressão, como se o leite tivesse sendo tirado delas. v D 1,6 H, NC Sy 2 u Mp FAB1 PH ODL	
V	12	v	v Parece alguém entrando de cabeça em algum... alguma coisa, fazendo, não sei, duas bailarinas assim. Duas bailarinas entrando de cabeça, fazendo uma junção da dança, e uma menina atrás. As pernas de uma menina atrás.	v Aqui ó, parece que estão entrando de cabeça, porque aqui dá para ver as pernas, aqui essa parte de cima, ou essa parece uma perna, entrando assim de cabeça, e eu não sei o que acontece, porque parece que tem uma nuvem, e aqui as pernas da menina, a menina com um vestido, e as pernas dela. (nuvem?) é que aqui ta bem escuro, não tem nenhuma mancha que faz dar impressão de ter uma cabeça, ou um corpo, parece bem denso. v W H, Cg Sy 2 o Ma, C', FD COP, MAH GHR	
	13	v	Ai meu Deus, desculpa, agora eu vi outra coisa. Agora eu vi a mesma coisa só que com lobo, com dois lobos.	Aqui, parece uma perninha de uma bailarina com uma panturrilha, mas parece uma patinha de um lobo, e aí parece que é um lobo entrando assim. (Onde?) De novo só mostra a perna, e aí desaparece. Parece que ta bem denso, e aí não dá para ver corpo, cabeça nem nada.	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				v D 4 A 2 u FMa AGC	
	14	v	Acho que um... um beija-flor sem as asas, todo machucado.	Ah, sim, parece um bico de um beija-flor aqui, aqui o corpo dele, as patinhas, e machucado, ele ta todo desconfigurado assim, e aí não tem as asas aqui, só essas coisinhas, não tem as asas. Aqui, bico, o olho, isso aqui não sei o que é na verdade. Não levei em conta isso, esse e esse. v Dd 99 Ad - F DV1 MOR ODL	
VI	15	@	(pausa) > (cantarola) [cantarola depois de um pássaro machucado] ^ Primeira coisa que eu vi na verdade foi alguma coisa relacionada aos órgãos genitais, como se tivesse misturado o masculino e o feminino.	Sim, aqui parece um pênis, e aqui parece, eu não sei em que momento na verdade, mais ou menos aqui, que ele se transforma num órgão feminino, e aqui a entrada da vagina. (feminino?) mais ou menos nessa parte começa, não tem uma parte muito definida, mas mais ou menos aqui parece ser o órgão genital feminino. (o q faz parecer o órgão feminino?) Aqui, essa partezinha mais clara, parece a entrada da vagina, esse daqui não sei o nome, períneo, não sei, períneo eu sei que é no homem, mas não sei na mulher. @ D 5 Hd, Sx u F FAB2 PHR	
	16	v	v Parecem dois ursos dançando também. Numa fogueira.	V (fala junto) isso. Aqui, ó, urso, o nariz do urso, o bracinho do urso, o outro bracinho do urso, da o efeito que ele ta com o braço assim, aqui a perninha do urso se desfazendo, aqui a outra perninha. Aqui parece que tem uma madeira fincada, que gruda o urso, como se eles estivessem dançando com a madeira fincada. Aqui uma fogueira, e vai pegar fogo na madeira. E aí vai pegar fogo no urso também. (fogueira?) é que ta meio... aqui parece uma fogueira, o começo de uma fogueira, ta meio irregular, parece o fogo começando, e aí a fumaça subindo assim. Não consigo desenhar, mas na minha mente parece perfeito. Parece que eles estão em movimento. (perna desfazendo?) O braço é bem grosso e a perna deveria ser mais, mas é pequeno, só tem uma partezinha, parece que está se desfazendo. Aqui tem a outra perna, que parece que estão grudadas, e essas estão bem curtinhas. v W A, Fi, NC Sy 2 u Ma, mp INC2 MOR PHR	
	17	v	Parece uma máscara. Com os olhos bem pequenos escondidos. Com... o queixo bem destruído assim. E aboca bem pequena também.	Ó, é uma máscara que não tem um formato de um rosto, mas aqui são os olhos, esses dois pontinhos mais escuros, aqui é a boca, aqui o chifre, ou uma orelha, não sei alguma coisa, que se ramifica no rosto, aqui a parte da testa como se fosse um chifre meio arredondado, aqui as bochechas meio pontudo, aqui o queixo, meio destruído porque ta meio irregular, e tem umas coisas aqui, parece que ta vomitando algo da boca, e por isso o queixo parece tão feio. v W (Hd), NC Sy - Mp MOR PHR ODL	
VII	18		Uma mulher de grandes cabelos saindo do meio de duas rochas. Em cima dessas	A mulher aqui, o corpo, as pernas, o pé, os cabelos, essa parte mais escura aqui, saindo do meio de duas rochas, e essas formas	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			rochas tem duas mulheres se olhando. Como se elas se gostassem.	formam a figura de duas mulheres, a cabeça, a boca, o nariz, o olho, o cabelo e aí os rabos de cavalo, meio que voando para cima, elas estão se olhando bem fixamente assim, parece que elas se gostam, dá essa impressão. W H, Hd, NC Sy 2 u P Ma-p, mp GHR	
	19	@	v (cantarola) > ^ Um cálice. Dele tá saindo várias sombras.	Desse lado ou desse v ^? É um cálice bem feito mas parece um cálice, essa parte é a parte de cima onde coloca o líquido, não aparece todo, só uma parte dele, o cálice, aqui o negócio de por a mão, o corpinho, e aqui o negocio de por na mesa. Mas não ta num ângulo muito bom, é como se tivesse cortado as partezinhas dele. E aí ta saindo as sombras dele, assim, assim, assim, e assim do cálice. (mostra passando as mãos do centro para fora). (sombras?) olha, esse efeito mesmo, o mais escuro, ate chegar o mais claro, e ele tá bem juntinho do formato do cálice, então parece que ta saindo do cálice, ele meio que segue as mesmas proporções do cálice. (mostra no contorno externo da mancha) @ W SR SI NC Sy u Y ODL	
VIII	20		Parecem aqui no topo tem duas pessoas, ou o reflexo de uma pessoa, um lado refletindo o outro, solitária, e tem um... lobo, ou algum animal, que ta indo pegar ela. Só que ao mesmo tempo ta se juntando a essa pessoa, como se elas tivessem se integrando assim (gesto). E no fundo tem... embaixo na verdade... parece lava.	Sim. Aqui. Uma montanha. Aí a cabeça da pessoa, o braço dela assim. Acho que isso seria uma perna, não parece muito uma perna, mas ok. E aqui é a montanha mesmo, a subida, e aqui um bicho que ta subindo, parece um lobo, meio estranho. Que ta subindo para ir pegar ela aqui, aqui as patas dianteiras as traseiras... e aqui a junção de verde com o vermelho parece que ta se integrando mesmo, fazendo parte. E aqui parece lava, esse laranja, parece que ele ta saindo da lava. A lava subindo. Tem vários... agora parando para prestar atenção, esse lobo tem vários... tem um ou dois rostos desse lado (esq), o lobo é formado por rostos, e aqui (dir) não dá para ver muito rosto, mas é como se estivesse meio camuflado. Esse olho parece que está obstinado em pegar essa pessoa, mostra o foco nessa pessoa. (Lobo formado por rostos?) aqui ta vendo esse pontinho, parece um olho, uma sobrancelha, o nariz, e a testa. O outro, não dá para ver muito bem, mas parece um olho, um nariz, ta vendo muito misturado, não dá para ver, só esse dá pare ver. E esses pontinhos parecem vários olhinhos, mas não tem o formato do rosto em si. (mostra sombreados em D1) Olha... meu Deus, meu Deus, é que agora parece que tem uma pessoa muito obstinada em pegar esse aqui, só que agora parece o braço dela, ta engatinhando como que para pegar essa pessoa, pegar de surpresa. E ela ta com raiva, muita raiva. D 1,4,7 H, Hd, A, NC Sy - P FMa, mp, r FAB2 AGC PHR	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
	21		Parece uma... não uma borboleta, mas uma mulher como se fosse com asas de borboleta grande, meio que renascendo com quatro, três bichos no centro, animais saindo, como se tivesse fazendo uma ciranda em volta dela e ela tá nascendo.	Aqui, ó, são os quatro dando as mãos, os quatro bichos ou animais, não sei o que é na verdade, com aquele mesmo formato... ta em ciranda dando as mãos, e ela ta meio que renascendo. Aqui é o corpo dela, aqui as pernas, e essa parte azul são... só não to conseguindo ver a cabeça. Aqui as grandes asas que, olhando mais de perto, parece ser formada por pequenos rostos. Aqui, aqui. (mostra no sombreado de D5). Eu vi dois rostos também, um de um homem e parece um outro de uma mulher. W H, Hd, A Sy 2 o Ma INC1, FAB1 COP GHR ODL	
	22	v	v Um monstro, ou alguma coisa, parecendo não sei de gelatina ou lava, uma coisa não muito consistente, meio pastosa. Tipo com bico sugando alguma coisa dessa mulher.	V Aqui, foi aqui desse lado que eu vi a cabeça. Aqui parece que são a mulher, as asas, dela, o corpo, a cabeça, nessa partezinha, os braços dela. E aqui parece muito de gelatina, os braços dele, uma coisa caindo, essa coisa pastosa, os braços, os ombros, a cabeça, o bico dele, e parece que ele ta sugando, essa parte central ta mais escura, parece que ele ta sugando, juntando essa vitalidade para o centro, e ele está sugando. Esse efeito de cor aqui. (Gelatina?) Parece que ta sendo derramado. Parece que ta escorrendo. Nos braços, nas mãos, parece que está escorrendo essa gelatina. v D 2,5 H, (H) Sy u Ma, mp, Y INC1 AGM, AGC, MOR, MAP PHR ODL	
	23		^ Ah, eu acho que tenho mais uma, pode ser? Ou só três? Como se tivesse alguma coisa segurando essa mulher, prendendo ela para não fugir.	Hum sim. Esse acho que foi o que mais teve interpretação. Aqui a mesma coisa, parece que a mulher ainda está no centro, e as asas dela está prendendo ela, (...) e todos estão dando a mão entre si, e todos estão segurando ela, todos tem uma conexão entre si e todos estão segurando ela. Então cada um deles consegue prender ela de alguma forma. Todos estão conectados a eles e conectados a ela de alguma forma. v W H Sy 2 u Ma INC1 COP GHR	
IX	24		Tem um homem. E atrás desse homem FD tem uma sombra dele, mostrando quem ele realmente é. E parece alguém inofensivo, mas ele não é, a sombra mostra isso. Todos tão adorando ele. Mas debaixo dele tem sangue.	Essa sombra verde é como se fosse os ombros, a cabeça, o corpo, a cintura, os braços, as pernas não dá para ver, até daria pra fazer os braços, essa parte a coluna e tals, aqui como se fosse a sombra dele, e aí mostra um monte de espinho, e aí dá essa impressão de que ele machuca muito. Aqui parece alguém inofensivo, e aqui parece alguém totalmente diferente, alguém capaz de machucar uma pessoa. Aqui tudo assim parece que ta adorando ele, como se fosse uma espécie de Deus, mesmo. E aqui o sangue. (Sangue?) A cor, e parece que ele ta... são marcas... diferente dos outros, não é como se tivesse sido esparramado, é como se fossem marcas definitivas de sangue, marcado. Como se alguém tivesse pegado	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				uma toalha, encharcado de sangue, e tivesse batido no desenho. O que mostra que foi intencional. Dd 99 H, BI Sy - Ma, CF, FD AGC PHR	
	25		Tem um cálice. E dele ta escorrendo sangue, a fumaça verde parecendo meio que veneno, sei lá. E a branca, não, a laranja... como se fosse algo que escondesse alguma coisa, para camuflar	Hummm aqui. O formato de um cálice, esse ta mais bonitinho, mais elaborado. Aqui, como se fosse uma coisa que desse impressão como um suco de laranja, mas não é, porque embaixo parece que é uma coisa mais perigosa, um veneno. E aqui ta escorrendo sangue, tem uma poça, e aqui está escorrendo. (veneno?) essa cor verde me remete a veneno, acho que é só por isso mesmo. W BI, Fi, NC Sy u mp, C AGC ODL	
	26		Eu não sei se é a minha forma de ver, mas todos os desenhos eu to vendo órgãos masculinos e femininos misturados assim, meio misturado, como se um se transformasse em outro.	Aqui, de novo, a entrada da vagina, e aqui tem alguma coisa que vai se transformando num pênis, ou...um pênis que vai se transformando numa vagina. Aqui as pernas da moca. É, todos eles eu vejo órgãos masculinos e femininos, misturados. Tinha esquecido que eu tinha falado isso. (entrada da vagina?) aqui, é uma partezinha mais clara e uma mais escura. Acho que é isso. Dd (5,35) Hd, Sx u Y FAB2 PHR	
	27	v	v Ah, e de cabeça para baixo tem um útero e tem... alguma coisa penetrando ele, não sei. Ou a vagina, não sei. E aí tem muita dor e sofrimento assim, a nuvem verde.	Aqui como se fosse o útero, o formato do útero, aqui o canal vaginal, e aí tem uma coisa penetrando nela. E aqui o verde como se tivesse se apossando, na mesma altura que ta... como se tivesse penetrando, dá impressão que a medida que essa coisa vai entrando da impressão que vai causando mais dor. Vai se aprofundando, como se fosse criando raízes assim. D 1,9 An, NC Sy u ma, C FAB1 AGM, MOR, MAP ODL	
X	28		(pausa) Tem duas mulheres se olhando. Tem uma criança embaixo. E vários animais diferentes, leão, sapos, capivaras... elas têm entre elas alguma coisa que junta elas, que faz subir assim, alguma coisa que eu não sei ainda o que é.	Aqui as duas mulheres, o rosto delas, e aqui como se fosse marca de um desenho, uma representação delas, e aqui elas se juntam, e fazem soprar essa coisinha, como se tivesse subindo, como se fosse para guardar aqui. Aqui uma menina, só que não uma menina humana, uma menina meio coelho, ou um bode, não sei. Aqui os leões, o coração dos leões, os sapos pulando, só dá para ver as perninhas deles. As capivaras pulando, cabecinha, perninhas. É isso. Os outros eu não consegui decifrar. Aqui peixinhos. Aqui caranguejos. Os outros não consegui decifrar não, não fez muito sentido para mim. (coração do leão?) É que parece a cabeça do leão, o rabo, a perninha, a pata dianteira e parece que ele ta rugindo assim. Aqui é um vermelho ou um laranja que parece que ta... parece que é dentro deles. W H, (H), A, NC Sy 2 u P Mp, FMa, mp,CF INC1, FAB2 AGC PHR	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
	29	v	v Tá, agora... porque esse realmente parece um órgão genital feminino (ri), a vagina, e alguma coisa entrando no útero, alguma coisa assim. Ta tudo muito cercado...	v De ponta cabeça, parece a entrada da vagina aqui, essa coisa ta entrando, não sei, é como se tivesse o mesmo formato, mas em vez de ser tecido, músculo, ela é osso. E ta entrando, parece que ta tudo muito cercado mesmo, aqui, aqui, e aí dá impressão que esse útero ta cercado de várias coisas, vários elementos que, juntos, eles formam um rosto. E a pessoa parece feliz. (Osso?) A cor e... diferente da outra, esse ta [mistura as manchas concretas] mais preenchido, tem uns espaços, uns vácuos, que dá impressão de ser onde passariam os tendões, e os músculos dos ossos. Como se fosse da costela mesmo, sabe? (Rosto?) Aqui seriam os olhos, o nariz, a essa partezinha da bochecha, essa a boca como se estivesse sorrindo, e aqui onde seriam as sobrancelhas, é como se fosse um enfeite assim. v W Hd, An, Sx, NC Sy - Mp, ma CON PHR ODL	
	30	^	É como se tivessem pessoas festejando, se beijando, mas tivesse alguma coisa muito obscura por trás de toda essa felicidade, alguma coisa oculta, que nenhuma das pessoas é capaz de enxergar, porque elas têm uma falsa sensação de felicidade. Acho que é isso.	Aqui. Parecem umas coisas, animais, se beijando nessa partezinha aqui que se juntam, sabe? Aqui as meninas se olhando, querendo se beijar, os dois leões tb, e aqui seria essa coisa obscura, que no fundo dá impressão de ser uma máscara de osso, que representa alguma coisa mau, porque ta tudo colorido e isso aqui no fundo, escuro. (Fundo?) Eu não sei, só enxerguei assim, não consigo enxergar de outra forma (ela observa a prancha). Não sei, só sei que dá impressão que tá no fundo, sei que ta tudo conectado, a única coisa que ta isolada é isso aqui, que não tem nenhuma conexão com nada, ta tudo conectado de alguma forma. No centro é isso, as duas meninas se olhando. W H, (Hd), A Sy 2 u Ma-p, V COP, AGC, MOR GHR ODL	

No Rorschach, é possível perceber que ela foi bastante descritiva, detalhista e concreta sobre suas respostas. É um protocolo longo e é evidente a grande densidade de códigos em praticamente todas as colunas de codificação. Trata-se de um protocolo de alta complexidade (complexity=181, percentil 99) com muitas variáveis com escore-padrão acima de 130.

Ela também iniciou com uma resposta de máscara, escondendo-se atrás deste percepto. Chama atenção que nas três respostas que deu na primeira prancha, falou de perceptos de conotação bastante negativa, máscara do mal, anjos da morte, cavernas com segredos como algo do mal. Demonstrou logo de início um pessimismo e negatividade. Diversas respostas

ao longo do protocolo tiveram esta conotação pessimista ou malévola. Há muitas respostas chocantes, como *“um vulcão expelindo sangue”*, *“uma nuvem de maldade”* e *“um culto do mal”*, *“homens no leito de morte”*, *“um beija-flor sem as asas, todo machucado”*, *“um monstro com bico sugando alguma coisa de uma mulher”*, *“um cálice escorrendo sangue com uma fumaça de veneno”*. Talvez a mais dramática delas seja a resposta dada à prancha III, que recebeu código de movimento cooperativo (COP) e de movimento agressivo (AGM): *“Parece duas pessoas... separando alguma coisa... como se fosse as pernas de uma mulher que eles vão estuprar. Parece manchas de sangue dos lados. (FE) Aqui as duas pessoas, a cabeça, o corpo, as pernas dele, aqui as pernas da moça que eles estão tentando separar, aqui os braços deles, aqui as pernas dela, as manchas de sangue aqui do lado, e aqui mancha de sangue no tórax da moça. (Sangue?) A cor vermelha, o formato como se tivesse derramado assim, ou manchado, caído”*. Recebeu qualidade formal ordinária e é popular. É marcante como ela misturou uma qualidade de horror a uma resposta que, somente pela codificação, não é possível captar. Nesta e em outras, e mesmo em um momento em que ela cantarola com a prancha VI em mãos, pareceu estar cindida de todos os aspectos ruins que enxerga na mancha, não há manifestações emocionais sobre todo o horror que vê. Ela pareceu em alguns momentos exagerar na dramaticidade de suas respostas. Mesmo na resposta dada à Prancha IV de duas mulheres amamentando, a maneira como ela explicou o que via pareceu retirar o aspecto cooperativo e afetuoso do ato de amamentar: *“Aqui as duas mulheres, com os narizes, as bocas, aqui o corpo delas, aqui o cabelo, e aqui o seio delas, amamentando. Não sei por que eu falei amamentando, mas dá essa impressão, como se o leite tivesse sendo tirado delas”*. O leite está sendo tirado delas, que parece realizado contra a vontade delas.

Nas pranchas coloridas, transpareceu ainda mais sua desorganização. Houve dificuldade em definir e em discriminar o que vê. Em todas as coloridas viu respostas de perceptos fusionados: *“no topo tem duas pessoas, ou o reflexo de uma pessoa, um lado refletindo o outro, solitária, e tem um... lobo, ou algum animal, que ta indo pegar ela. Só que ao mesmo tempo ta se juntando a essa pessoa, como se elas tivessem se integrando assim”*; *“todos os desenhos eu to vendo órgãos masculinos e femininos misturados assim, meio*

misturado, como se um se transformasse em outro”; na prancha X, deu uma resposta de contaminação, que é a forma mais grave de expressão no Rorschach de problemas relacionados à percepção e ao pensamento: “v Tá, agora... porque esse realmente parece um órgão genital feminino (ri), a vagina, e alguma coisa entrando no útero, alguma coisa assim. Ta tudo muito cercado... (FE) v De ponta cabeça, parece a entrada da vagina aqui, essa coisa ta entrando, não sei, é como se tivesse o mesmo formato, mas em vez de ser tecido, músculo, ela é osso. E ta entrando, parece que ta tudo muito cercado mesmo, aqui, aqui, e aí dá impressão que esse útero ta cercado de várias coisas, vários elementos que, juntos, eles formam um rosto. E a pessoa parece feliz. (Osso?) A cor e... diferente da outra, esse ta mais preenchido, tem uns espaços, uns vácuos, que dá impressão de ser onde passariam os tendões, e os músculos dos ossos. Como se fosse da costela mesmo, sabe? (Rosto?) Aqui seriam os olhos, o nariz, a essa partezinha da bochecha, essa a boca como se estivesse sorrindo, e aqui onde seriam as sobrancelhas, é como se fosse um enfeite assim”.

Em seu sumário, todos os agrupamentos possuem variáveis extremamente desviantes. É interessante notar, porém que não tem aumento de respostas de qualidade formal distorcida (FQ-% = 17%) e as populares estão na média (P=5). Desta forma é possível que ela consiga camuflar muitas de suas dificuldades para pessoas que não a conhecem de forma mais aprofundada. Inclusive sua psiquiatra, de quem ela relatou ter muita raiva, pode não perceber a gravidade de suas dificuldades. A cisão deve ser um mecanismo que ela utiliza com frequência, o que faz com que as pessoas não captem a extensão dos problemas que enfrenta. Inclusive a cisão deve contribuir nos momentos em que teve tentativas de suicídio, facilitando o processo de executar o ato. É bastante provável que ela estivesse certa quando disse que sentia que havia algo mais em seu diagnóstico além da depressão.

5.3.7 Aluna 32

A aluna 32 estava com 28 anos, e estudava uma disciplina de humanidades. Relatou que fazia tratamento psiquiátrico há três anos, com

diagnóstico de depressão e bipolaridade e estava em uso de valproato de sódio. Havia iniciado psicoterapia recentemente no ESM e residia na moradia estudantil da universidade. No semestre em que participou da pesquisa, teve uma crise de ansiedade em aula e não conseguiu frequentar mais. Já jubilar, entrou com recurso e conseguiu voltar, mas acreditava que iria jubilar novamente. Em seu SRQ-20 marcou 19 das 20 questões, sendo a única questão não marcada era que não tem chorado mais que o de costume. Na C-SSRS, relatou já ter tido muitos pensamentos de se matar. Já chegou a evitar entrar em uma estação de trem por medo de se jogar. Também já pensou em se jogar de uma ponte sobre um rio e em se enforcar e em cortar o próprio pescoço com um canivete. Teve estas intenções, mas não pretendia colocar em prática, gostaria de terminar a faculdade antes. Seu psiquiatra tinha conhecimento sobre isso, mas sua psicoterapeuta não tinha. Considerava que não havia coisas que a impediriam de tentar suicídio, mas já havia pensado em ter um filho e acha que, se tivesse, seria um impeditivo. Ela gostaria de resolver suas coisas antes de executar o plano, seu pai morreu repentinamente há alguns anos, e sua mãe ainda não tinha conseguido resolver as questões a esse respeito. Relata ter tido três tentativas de suicídio, todas em uma mesma semana, com pensamentos de se jogar do último andar da moradia estudantil. Relatou comportamento autolesivo não suicida com hábito de se cutucar, já se cutucou com alicate e costumava tirar pele de sua boca. Alguns meses antes da avaliação, o psiquiatra quis interná-la, sem sucesso.

Este é seu protocolo de Rorschach, no Quadro 7.

Quadro 7 – Protocolo de Rorschach da Aluna 32

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		Eu ia falar nada, mas tem que parecer alguma coisa, né? Sei lá, uma borboleta, pelas asas assim.	É, porque aqui a cabeça, aqui são as asas, e ia falar a bundinha da borboleta, mas não sei se a borboleta tem bunda, mas basicamente o contorno inteiro de uma borboleta, aqui as anteninhas. E os brancos são os detalhes da borboleta, as manchinhas. W SI A o P F	
	2		E... aproveitando o <i>Halloween</i> , isso aqui pode ser uma abóbora, a carinha da abóbora.	É, porque aqui é a parte da frente da abóbora, aqui são os olhos, aqui o narizinho, e aqui tem os dois dentinhos assim. Dd 99 SI (Hd) u F GHR ODL	
	3		Olha, isso aqui podem ser duas mãozinhas fazendo assim (faz gesto abrindo e fechando).	Assim (gesto), aqui e aqui. (O que fez parecer?) Parece uma mão, olha, parece assim, o contorno, faz parecer uma mãozinha. D 1 Hd o Ma PHR	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			Tenho que ver mais alguma coisa? (Não, a instrução é duas, ou talvez três coisas.)		
	4	>	Ah, isso aqui pode ser um cachorrinho. Não sei, eu tinha que olhar como um todo, ou pode ser partes isoladas? (Já está bom, vamos para o próximo.)	Ah é aqui do lado, > aqui tem a orelha, aqui a fuça, essa parte de baixo, e aqui o peito, o peito antes de chegar na pata. > Dd 28 Ad u F Pu	Pu
II	5		Ah, eu vou sentar assim de lado para eu não ver o que você está escrevendo, senão eu vou ficar curiosa (muda a cadeira de posição, ficando de frente para mim. Digo a ela que estou anotando tudo que ela me diz.) Eu sei, por isso mesmo (ri). Aqui tem um coraçãozinho, me deu vontade de comer morango.	É porque eu tenho alergia a morango e tudo que me lembra morango é chamativo. Então aqui, aqui o coraçãozinho, aqui o vestido. (O que fez parecer coração?) Vermelho e tem o formato de um coração. Apesar de ser mal desenhado e ter escorrido a tinta, mas é um formato de coração. D 3 An o FC DR1 ODL	
	6		Ah, e tem um vestido aqui no meio, tem um vestido branco.	O vestido branco, o vestido não tem alça, é preso no pescoço aqui, tem uma fivela na cintura, e aqui ele é rodado, aqui embaixo assim. Mas também um abajur. Abajur não, lustre. D 5 SR SI Cg u C'	
	7		E isso aqui em cima são dois pulmões.	O formato de pulmão, e é vermelhinho, lembra órgãos. D 2 An o FC	
	8		Olha, mas pode ser um lustre isso aqui também, esse vestido pode ser um lustre, parece também. (Pu)	É, essa parte do vestido também parece um lustre, porque aí aqui seria a cordinha que tá preso no teto, aqui seria onde encaixa a lâmpada e aqui seria o... bojo, não sei como chama. Dd 99 SR SI NC u F Pu	Pu
III	9		Uma capa do Pink Floyd. Realmente parece muito, por esses dois que eu vejo como duas pessoas, que eu vejo pelo menos.	Aqui ó, é uma capa do Pink Floyd, parece muito, são duas pessoas, uma de frente para a outra. D 9 H, Art 2 o P F GHR	
	10		E tem um par de seios aqui embaixo. De sutiã, inclusive. Já foram 3? (Foram duas.)	Aqui embaixo eu vi a parte do sutiã, os seios, o corpo, as costelas. (O que fez parecer?) Aqui tá a alça, aqui o sutiã, aqui aquele negocinho que fica no meio, aqui o risquinho entre os seios, aqui o resto do corpo, e aqui a pancinha, tem uma barriguinha aqui na frente. D 7 Hd, Cg Sy - F PH ODL	
	11		Novamente, eu acho isso aqui parecido com pulmão.	(fala antes que eu leia para ela) É aqui os pulmões a mesma explicação do outro, é vermelhinho e parece. D 3 An o FC	
IV	12		Tem a possibilidade de não ver nada? (Tente olhar mais para ver se encontra mais alguma coisa, temos tempo.) É que esse aqui realmente não parece nada.	É, se tampar aqui parece um sapo. Aqui as perninhas de trás que são mais gordinhas, aqui as da frente que são mais curtas e mais magras, e aqui a cabeça. (Atropelado?) Porque sapo não deita naturalmente assim, então ele tem que estar por algum motivo esparramado.	Pr

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			Ah, se tampar aqui (D1) parece um sapo atropelado.	A causa que um sapo estar esparramado em algum lugar tem que ser um atropelamento. Ele não deita para tomar sol nesta posição, por exemplo. D 7 A - F MOR, MAP Pr	
	13	>	Pode virar ou tem uma posição? (Como quiser.) v Não sei, não parece mais nada não... ah tá bom, > aqui tem um rosto, ó. Aqui tem um rosto. Narigudo, por sinal, que também tá do outro lado, que é igual. ^ Não tem mais nada aqui não.	(fala antes que eu leia) < E aqui são os rostos, né? (Isso.) Aqui, inclusive são narigudos. Aqui a testa, o nariz, a boca e o queixo, e o começo do peito. E aqui a mesma coisa (mostra do outro lado), só que de cabeça para baixo. > Dd 21 Hd 2 o F PHR	
V	14	v	v ^ Assim pode ser uma borboleta	É. v ^ Acho que assim (v) a borboleta. Aqui as asas, aqui as pernas, borboleta não tem perna desse jeito, mas tipo isso, e aqui as anteninhas. v W A o F	
	15	@	v Assim pode ser um morcego. Não, ao contrário. Mas é isso aí. ^	Assim o morcego. ^ As asas do morcego aqui, as pernas do morcego, porque morcego tem perna, e aqui a cabeça. @ W A o P F	
	16		E isso aqui pode ser um jacaré com a boca aberta. Só. (peço virar cadeira que eu viraria mais meu monitor)	É, aqui a boca, a parte de baixo da boca, a parte de cima, e essas coisinhas que os jacarés têm em cima da boca (contorno). E tá dos dois lados, que o desenho é igual. D 10 Ad 2 o FMp ODL	
VI	17	v	v ^ Essa parte de cima parece uma folha seca.	v Assim tá a folha seca, que já quebrou e tá só os pedaços, até aqui assim. (O que fez parecer?) Eu ia dizer que é porque parece uma folha seca, mas não é uma resposta (ri). Mas parece, quando vc olha uma folha seca no chão, que ela já quebrou, tem um formato muito próximo. A mesma coisa para a mariposa (peço para esperar). D 3 NC u F MOR	
	18		Tipo uma mariposa sem asa, daquelas que a gente mata dentro do quarto.	^ A mariposa, mesma coisa, quando ela quebra a asa, tem um contorno muito próximo disso. Aqui a cabeça dela, aqui as anteninhas, sei lá se ela tem antena lateral, mas as antenas, e aqui o contorno da asa quebrada. D 3 A o F MOR	
	19	>	E aqui embaixo parece aqueles desenhos maus de boca de aranha, com aquelas presinhas assim para fora.	> Aqui, tem essa parte aqui. Aqui assim olhando bem de perto, aqui as presinhas, e aqui a parte de dentro da boca dela assim. > Dd 33 Ad, Art u F AGC ODL	
	20	>	v > Nossa, parece uma onça que tá refletindo dentro da água, tipo ela tá aqui e tá refletindo embaixo d'água. Só.	> Ela tá aqui em cima, aqui tá o olho, aqui a fuça, aqui tá a cabeça e isso aqui é o corpo dela, mais ou menos até aqui. Ela tá dentro da água e embaixo tem a mesma coisa da parte de cima, que é o reflexo da água. > Dd 23 A Sy - r AGC	
VII	21		Aqui tem duas pessoas embaixo.	Tem, duas pessoas aqui, são duas silhuetas aqui ó. Dd 27 H 2 - F PHR	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
	22	@	v > ^ Apesar que dá para ver duas pessoas aqui também, dois rostos. E aqui também. (D3)	Aqui. Duas cabeças aqui, e aqui. E aqui e aqui também. (O que fez parecer?) Ah, o perfil, ó, a cabeça o cabelo, o olho, o nariz, a boca e essa pessoa não tem queixo, tem pouco queixo. Já a pessoa daqui é meio bruxa porque tem o queixo mais avantajado. Aqui nesse de baixo dá para ver o olho, esse aqui não dá. Aqui dá para ver mais feição. (Rostos separados ou juntos?) Uma coisa só, dois pares de rosto. Porque ainda tem a cidade aqui em cima num dos topetes das pessoas. @ D 3,9 Hd, (Hd) 2 o P F PEC AGC PHR	
	23	@	> v (olha perto) ^ (olha perto) Tem uma cidade aqui em cima, com vários prédios, aqui e aqui. Até porque é a mesma imagem.	É a mesma imagem dos dois lados, então tem prédios aqui em cima. Tem várias torres de prédios. Já deram respostas absurdas para você, que você olha e fala "meu Deus, como essa pessoa está vendo isso aí?" (eu rio e respondo que sim) @ D 8 NC 2 o F DR1	
	24		Aqui pode ser um vale mas com uma cachoeira que tá descendo dessa parte mais alta. (Pu)	Ah, aqui embaixo, aqui tem a água escorrendo, aqui a água represada, aqui a lateral, e aqui a água escorrendo. Dd 99 NC u mp Pu	Pu
VIII	25	>	< Aqui tem um bicho qualquer de 4 patas, talvez não um cachorro, um gato talvez, algum felino.	> É, tem aqui, 1234 patas, não tem rabo que agora eu percebi, aqui a cabeça, tá olhando para baixo. E aí tem ele dos dois lados tb. > D 1 A 2 o P F Mp	
	26		v Aqui pode ser a cabeça de uma pessoa com os dois braços segurando os dois bichos, porque tem um de cada lado né. > ^ (faz que não) v Não sei, não tem mais nada não.	^ É aqui um braço, o outro braço, uma mão com dedos a mais, e aqui assim a cabeça, a cabeça para quem tá olhando de cima. (Você disse que estão segurando bichos?) É, porque eles se ligam aqui, a tinta mistura, né, então ele acaba pegando na patinha de um bicho. Esses coloridos são mais difíceis de ver coisas, é mais fácil nos pretos. D 1,4 Hd, A Sy 2 - Ma PHR	
IX	27	v	< v Forçando a criatividade tem um elefante cor de rosa e a trombinha.	É, tem que forçar bastante mesmo. Aqui tá as orelhas, aqui a cabeça do elefante, aqui as presinhas e aqui a trombinha. (Onde estão as presinhas?) Esse negócio branco aqui no meio. v D 9 SI Ad o FC, C' INC1 AGC	
	28	v	> ^ (faz não) < v < v (faz não) não sei, para mim não tem mais nada. < ^ Não, tem, tem sim, isso aqui são conchas, ou conchas ou plantas carnívoras com os dentinhos para fora.	É, os dentinhos para fora, essa parte aqui assim. (O que fez parecer?) Então, olhando assim, o formato da concha é assim, ela tá de lado e abriria assim, e na mesma posição, olhando de cima olhando a planta carnívora ela assim aqui os dentinhos. É coisa de desenho, porque na vida real não sei se é assim, nunca vi. v Dd 28 NC 2 u F AGC ODL	
X	29	>	> Olha tem um menino aqui (D2), aqui e aqui, porque é reflexo. Tem o rosto de um menino aqui.	> aqui, e aqui. Da para ver direitinho assim, tem um topetinho de lado, tipo Dennis o pimentinha, tem olho, nariz e boca e tudo mais. Só essa bolinha, e a mesma bolinha aqui em	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
				cima. (Olho, boca?) Porque realmente parece, tem até orelha, a forma como tá a mancha dá para delimitar bastante traços assim. Dd 33 (Hd) - r PHR ODL	
	30	V	v Aqui tem uma pessoa com asas.	V aqui no meio o corpinho, as duas pernas, a cabeça, tá com os braços assim para cima, e aqui as asas. v D 10 H u Mp INC1 PHR	
	31	@	< ^ (ri) Isso parece sei lá, um dinossaurinho, dois ne, dois dinossauros, um de frente pro outro. Eles estão bravos, e tem antenas. (olha atrás)	^ é, porque olha, ele tá com a boquinha aberta tipo errr (mostra como uma cara brava; ela ri) Como você vai escrever isso, né! (digo que escrevi "errr") O olho tá meio bravo também, tá de cara feia, tem a cauda, as patinhas, e não sei se dinossauro tem antena mas esse aqui tem. @ D 8 A 2 o FMp INC1 AGM PHR	

Seu protocolo foi longo com 31 respostas. Teve atitude oposicionista, sendo que mesmo com a instrução para que ela visse duas, talvez três respostas em cada cartão que é feita por duas vezes segundo o R-PAS, e que ainda foi repetida na primeira prancha após a pergunta que ela fez sobre a necessidade de dar outra resposta, ela deu quatro respostas em diversas pranchas, inclusive na própria prancha I após ouvir que não era necessário dar mais respostas. Pareceu ter uma necessidade de oposição na relação com a pesquisadora. Também transpareceu oposicionista quando disse, na prancha II, que sentia vontade de comer morango, que dá alergia nela, e fez questão de comentar, saindo da tarefa para isso (DR). Incomodou-se ao ver a pesquisadora anotando, pareceu querer controlar a situação. Diversas respostas tiveram descrição minuciosa, fez críticas com relação à mancha (prancha II "*apesar de ser mal desenhado e ter escorrido a tinta, mas é um formato de coração*"), com relação a ela mesma (prancha IX "*forçando a criatividade tem um elefante cor de rosa e a trombinha*"), pareceu ter uma estrutura mais obsessiva. Fez bastante uso de palavras no diminutivo, talvez como tentativa de amenizar agressividade, mostrada no aumento de conteúdo agressivo (AGC=5) e também qualitativamente em suas descrições, como "*sapo atropelado*" na prancha IV, "*uma mariposa sem asa, daquelas que a gente mata dentro do quarto*" na prancha VI e "*dinossauro bravo*". As várias descrições de dentes, boca e boca aberta levam a pensar que se trata de uma agressividade mais primitiva. Também houve diversas descrições dos olhos, o

que remete a um componente paranoide. É possível que este nível de imaturidade influencie em suas escolhas, em como consegue lidar com os problemas de sua vida. Ela jubilou, e pensava que jubilaria novamente, tem nível de ansiedade com que não conseguia lidar, que a levava a abandonar seus compromissos. Mesmo a ideia suicida podia ser pensada como uma resolução definitiva para seus problemas, sem que ela tivesse que se implicar. Em seu sumário, a angústia ficou oculta, exceto por algo mais situacional (Y). O que transpareceram foram as dificuldades de pensamento, com muitas respostas distorcidas (FQ-%), e com indícios de problemas com teste de realidade e psicopatologia (EII-3; TP-Comp). Também na percepção de si e outros, houve ligeiro aumento do composto hipervigilância (V-Comp) e de conteúdos humanos, com a maioria das respostas humanas mais prejudicadas (PHR). Também houve indicações de dependência oral (ODL%) e de oposicionismo, conforme também indicado de forma qualitativa em seu protocolo.

5.3.8 Aluno 33

O aluno 33 estava com 20 anos e estava no quarto semestre de um curso na área de humanidades. Relatou ser muito carente e não saber dizer não aos relacionamentos, sempre que o procuram ele aceita. Nunca fez psicoterapia nem tratamento psiquiátrico, mas sente que precisaria e gostaria que eu lhe indicasse uma psicoterapeuta mulher. No SRQ-20 teve 13 pontos, mas deixou duas questões sem responder. De qualquer forma, 13 pontos já é indicativo de sofrimento psicoemocional. Respondeu negativamente para a pergunta 17 sobre ideias de acabar com a vida. Na C-SSRS, respondeu que já teve vontade de dormir e nunca mais acordar, mas nunca pensou em se matar. No entanto, em seguida, diz que quando era bem mais jovem, tinha curiosidade sobre o que vem após a morte, não tinha desejo de se matar, somente curiosidade. Com isso, ele chegou a tentar enfiar uma faca no peito para ver se ia doer, sentiu que iria e parou. Disse que seu medo não é de se matar, mas de tentar e sobreviver. Às vezes pensava em se jogar de uma ponte sobre um rio. Mas disse que seria para mergulhar e não para se matar. Relatou que já usou muitas drogas, tinha sensação de que seu coração iria explodir.

Não quis mais falar sobre drogas, e pareceu se esquivar e minimizar sobre as perguntas da C-SSRS, porque parecia que estava querendo ir embora.

Abaixo no Quadro 8 está o protocolo do aluno 33.

Quadro 8 – Protocolo de Rorschach do Aluno 33

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
I	1		Ah uma mariposa.	Aqui, acho que o conjunto completo, que tem as duas asas, e o corpo. E a anteninha. W A o F	
	2	v	E outra coisa... pode virar de cabeça para baixo? V (Como vc quiser). lembra uma máscara. É. Acho que é isso.	E a máscara também né? (Aguarde um minuto, por favor [eu estava terminando de escrever a anterior e marcar a folha de localização]). ERR. V É, os olhos aqui, máscara de carnaval, ou Halloween. v W SI (Hd) o F GHR	
II	3	v	v E se eu não saber identificar? (Temos tempo, pode olhar com tranquilidade, etc.) Parece um órgão. Tipo pulmão, esses dois. Tem que ser a imagem toda ou pode ser um elemento específico? (Como vc quiser.)	v Esses dois. (O que fez parecer?) acho que é essas curvas assim (mostra contorno), mas pulmão não tem isso aqui em cima, mas lembra muito. v D 6 An o F	
	4	v	Aqui parece um inseto, tipo um ácaro. É, não vejo mais nada.	Esse daqui, no conjunto. (o q?) Lembra sangue, ne, ácaro não gosta de sangue, pode ser um carrapato agora. Carrapato é verdinho assim, fica no cachorro. v D 3 A u CF	
III	5		Um rosto.	Os dois olhos, o nariz, e uma boca aberta. Dd 99 Hd - Mp PHR	
	6	v	v Ah, agora parece um sapo aqui, o corpo, as patinhas.	v O corpo, e as patinhas. Mas se bem que está lembrando uma aranha, porque é preta. E também tem o olho gigante, e aranha tem oito, né. Mas acho que é mais um sapo. Aqui o rosto. v D 1 A u C' DV1	
	7	v	E também uma aranha, uma formiga, porque tem esses negócios aqui.	É, esses daqui, tipo... ah, umas garrinhas que elas têm na boca. (onde?) é, tipo isso, e os olhão aqui. Só isso, essa estrutura aqui. v D 7 Ad o F AGC	
IV	8	v ^ v	Parece alguma coisa com asas, mas eu não consigo identificar.	v As asas são essas duas. (só as asas?) É, mas... eu sinto que tem mais aqui embaixo, tipo... > aqui parece a boca de um peixe assim, essa parte. Só. [Boca de peixe é resposta adicional, sem codificação] D 6 Ad u F	
	9	v	E... ^ uma árvore num lago. v É. ^	v É, fico imaginando um lago, o que seria asa no outro... e o tronco assim. É porque aqui parece muito fluido. (O que fez parecer fluido?) Essas curvas (boceja). v D 1,6 NC Sy u F	
V	10	@	Ah, esse é fácil v ^ v Parece um morcego. ^ Tem que ser necessariamente um elemento? Ou pode ser um sentimento, sei	É, o morcego aqui, as perninhas, e as antenas, mas não sei se morcego tem antena, mas parece pela asa, e eles são pretos também. E elas estão abertas, ne, lembra que ta voando. (vazio?) é porque o branco, tipo,	Pr

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			lá. É, parece vazio e voando. O morcego. Tá livre, né, mas... Deixa eu ver assim v ^ v ^ Nossa muito difícil as coisas. E é bastante usado, né, esse teste. (sim.) (Pr)	não tem mais nenhum elemento, parece que está solto mesmo. As asas estão abertas em posição de voo. Eu lembro disso que na minha sala de aula de história entrou um morcego lá, e ele ficou voando assim na aula. Também uma vez tinha um morcego voando de dia no parque, e morcegos, quando voa de dia, é porque estão doentes. @ W A o P F Ma, C' DR1, INC1 Pr	
	11	v	v Agora olhei o bico aqui parece um pato, vou falar, porque lembro do meu trabalho, lá tem muito pato. Parece uma cabeça, um bico. E eles estão gritando, tem dos dois lados. ^	v Aqui. esse, a cabeça e o bico. Ah, os patos gritam muito, de verdade. É ganso, na verdade, falei pato, mas é ganso. v Dd 99 Ad 2 u F Ma DR1 ODL	
	12	<	^ < Tem um rosto aqui, já reparou? O olho, a boca e o queixo. Acho que esse é meu máximo aqui.	< ah lembrei, olha, tem uma testa, o olho, a boca e o queixo. E a testa. Não sei se dá para ver, né, ou se eu to surtando aqui. < Dd 99 Hd - F PH ODL	
VI	13	v	(tapa parte da mancha) ^ parece um tecido, uma espécie de pele. Rasgada e...	V Ó. (passa dedo no contorno) parece tapete, né, aqueles tapetes de pele, que tem urso, tigre, sei lá. (O que fez parecer?) A forma que ta rasgada. E... essas manchinhas assim (mostra sombreado). v D 1 Ad o P Y MOR	
	14	>	Um pedaço de frango, talvez. < Uma coxa de frango, desfiado. (Desfiado?) Tá inteira no meio e vai sendo mordida aqui. v ^ é... é difícil identificar. Ah, eu não consigo essa. Desculpa. (está ótimo, 2 tv 3)	> Quando segura o frango, e vai mordendo, a pele vai sair. Aqui é o ossinho do frango, onde segura e come. > W NC u F MOR, MAP ODL	
VII	15	@	V ^ Nossa vai ficando cada vez mais difícil identificar. Ah me lembra um mapa talvez.	(passa o dedo no contorno interno) aqui tem um mar dentro, talvez seja isso. E aqui também. W SR SI NC Vg o F	
	16		Ah, aqui tem um rosto, esse conjunto, boca, nariz, olho, testa e cabelo. Parece um porco, o rosto de um porco, na verdade. Ele ta com fome, eu acho, estou olhando para a cara dele e ele ta "quero comida, quero comida".	Tem o olho, o nariz, meio achatado, e... a boca, tem dente também, da para ver, não sei se vc enxerga. (fome?) ah, sei lá, o olho ta olhando fixo, e a boca ta meio aberta. (dentes?) isso, é uns pontinhos bem brancos. D 3 Ad o F Mp, C' DV1 ODL	
	17	v	v Parece um bicho partido, separado aqui. É isso.	v Ah, ta separado aqui. Meio que... (O bicho, mostre como vê.) É como meio uma cirurgia, ele ta junto, cortaram essa parte para ver ele. Sei lá, lembra uma maria-fedida, mas aberta, ela é muito pequena assim. v W SI Ad - F MOR, MAP	
VIII	18	>	> Tem um bicho aqui, ta escalando uma pedra, sei lá, uma rocha. < v É, ta escalando. ^ E tem um lago, sei lá, mas eu to supondo pela cor, né.	> O bicho, esse. O lago eu ia falar isso, e a pedra. E também descolada a pedra, tem uma parte fixa e aqui ta descolado., aqui to tentando ver como um galho e aqui outra pedra e aqui o lago. E aqui o reflexo do lago. Sei lá, fez sentido na minha cabeça. (Você disse: Eu ia falar uma árvore, é porque é verde e me lembrou isso"; ele mostraDd22)	

Cd #	R #	Or	Resposta	Esclarecimento	R-Opt
			Eu ia falar uma árvore, é porque é verde e me lembrou isso.	(Faz parte da anterior ou é outra coisa?) acho que faz parte, tudo isso é um elemento só, agora que eu vi de lado. > D 1,8 A, NC Sy o P FMa, CF, r	
	19	v	< v Aqui tem uma vagina, no caso, aqui. não sei se dá para ver. É isso.	v Aqui. tem um risco no meio. (O que fez parecer?) Não sei, talvez seja a cor... mas tem essas duas, esses dois riscos aqui, parece perna também, assim. v Dd 99 Hd, Sx u CF PHR	
IX	20	v	v Aqui parece um corpo, não um corpo, mas só o tronco, até aqui. E os ombros, nessa parte.	v Ó. Aqui parece os ombros, os braços, a cintura, não sei o nome disso. v D 8 Hd u F PH	
	21	v	^ > v > v Lembra um rosto também, o meio, a forma. Mas eu não sei identificar qual rosto é. Mas acho que é por causa da cor também que ta me dando isso.	Não foi osso? Aqui osso, esse aqui que ta no meio, ó. (cor?) A cor de um osso, que é branca, não é bem branca, cor de osso, talvez seja mais ou menos essa cor, ne, e também a linha fala muito que parece um osso. [Assumi que entendi errado o que ele disse, o "rosto", codificado como "osso".] v D 5 An o C'	
	22	>	> E não sei, esse laranja com isso me lembrou um ácaro, sei lá. Não sei, ia chutar aqueles bichos do mar, mas...	> Esse. (O que fez parecer?) acho que a carapacinha que ele tem. Mas ainda acho que é bicho do mar, algum que eu já vi na aula de biologia. São os que se escondem na areia no fundo do mar, mas não lembro qual seja. > D 3 A u F PER ODL	
X	23	v	v Ah essa é mais legal, mais colorido. Lembra rosto também, essa estrutura.	v Meu Deus, acho que eu perdi o rosto. Ah, dois olhos, o nariz e uma boquinha. v Dd 99 Hd u F PHR	
	24	v	E aqui tem tipo um carinha com asas, e essas asas lembram cavalos marinhos, ele tem cavalos marinhos nas asas, são verdes.	Esse é o carinha, os cavalos marinhos. v D 10 H o FC INC2 PHR	
	25	v	Aqui lembra uma cabeça de cavalo marinho também, tipo...	É só a cabeça; aqui. tem a boquinha. v D 6 Ad - F	
	26		E... Deixa eu ver desse lado ^ Agora virando parece um coelho esse aqui. (Pu).	^ ah, é, os dois olhos, as orelhas e... o nariz. D 5 Ad o F Pu	Pu

Ele forneceu um protocolo de 26 respostas. Deu diversas respostas simples e concretas nas primeiras pranchas, vários animais. Demonstrou insegurança, tanto na prancha II ao perguntar “e se eu não saber identificar?”, quanto também na VI ao pedir desculpa por não ver mais nada e na prancha V, ao perguntar “tem um rosto aqui, já reparou?”. Ele pareceu buscar um alívio do reconhecimento da pesquisadora sobre o que ele via. Na prancha VI, tapou parte da mancha possivelmente para evitar alguma percepção assustadora e fechar sua percepção focando em um tapete, mas a angústia transpareceu nas manchinhas que viu no sombreado (Y). Pareceu se angustiar também na

prancha VII, relatando dificuldade para encontrar algo na mancha; a saída que conseguiu para esta angústia foi dando uma resposta de mapa, sem se comprometer, deixando uma resposta vaga e simplista. Em seguida, a angústia parece ter tomado forma de um rosto, um porco com fome que tem o olhar fixo e a boca aberta. Transpareceu assim uma angústia mais primitiva, um porco cujo pensamento é *“quero comida, quero comida”*. A dificuldade de responder permaneceu, sendo que definiu o percepto de uma maria-fedida partida como em uma cirurgia, o que seria bastante implausível um pequeno inseto partido para uma cirurgia. No seu sumário também transpareceram problemas de percepção e pensamento, com indicativo de possível psicopatologia, problemas com o teste de realidade (FQ-%=15%; EII-3=1,4; TP-Comp=1,4; Popular=3).

Demostrou assim um uso de racionalidade que falha no teste de realidade. Na prancha VIII, pode ter experimentado um choque inicial às cores, já que demorou para ter alguma organização na imagem que via, mas por fim definiu após rotacionar a prancha diversas vezes. Na prancha IX, chama atenção o fato de a pesquisadora ter entendido errado uma palavra que ele disse. Foi anotado um “rosto” e no inquérito ele disse que seria um “osso”. Alguma dificuldade de discriminar parece ter permeado não só o estudante, como também a pesquisadora. Essa dificuldade e instabilidade dele transpareceu na prancha X novamente, quando ele “perdeu” onde viu um rosto. Logo após, ficou aderido à resposta de cavalo marinho, vendo-o nas asas de uma pessoa e depois também em uma cabeça.

A dificuldade de lidar com as manchas, de defini-las, de dar-se um tempo para olhar com calma para as manchas, talvez possa expressar uma dificuldade de acessar seus sentimentos, ele tentou se apressar em dar soluções sem analisar com o cuidado necessário. Pareceu estar dissociado de seus sentimentos, sem vivenciá-los. Este pode ser um processo que ocorre também quando expressa possíveis tentativas de suicídio como “curiosidades” que tem. Ficou defendido não só frente à pesquisadora, mas possivelmente dele mesmo, pareceu estar com medo de olhar para si e entrar em contato com o que tinha dentro de si. É provável que esta dificuldade de entrar em contato e se defender seja um mecanismo utilizado com frequência em suas situações de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente a riqueza que pode ser obtida por meio da análise mais aprofundada dos protocolos dos estudantes participantes deste estudo. A compreensão não se restringe – e nem deveria – aos aspectos estatísticos, quantitativos e nomotéticos, mas é ampliada sobretudo pelo mergulho na singularidade de cada pessoa. Não houve a pretensão de buscar uma homogeneidade dos grupos analisados, mas de encontrar aspectos que pudessem ser semelhantes entre eles. O que pareceu semelhante foram os problemas relacionados à percepção e pensamento demonstrados pela maioria dos estudantes e os sentimentos angustiantes que vivenciavam, fazendo-os transbordar e recorrer a mecanismos de enfrentamento que não estavam a serviço de um instinto de permanecer vivo.

Por meio das escalas aplicadas, pode-se perceber de forma mais quantitativa que se tratam de pessoas que buscaram acolhimento por estarem em sofrimento, não só relacionado a ideias de suicídio, mas relacionado a diversos outros aspectos, como sintomas somáticos, depressivos e ansiosos, captados pelas altas pontuações do SRQ-20. Na C-SSRS, é possível perceber que pensamentos e comportamentos autoagressivos permeiam a vivência de grande parte destes estudantes. Para alguns, se restringem a pensamentos, mas para outros, a autoagressão é atuada por meio de comportamentos autolesivos e de tentativas de suicídio. Somente em uma parcela pequena, seis entre 36 destes estudantes, este tipo de pensamento ou comportamento não ocorria. Isso leva a pensar no grande descontentamento com a própria existência, o que, conforme mostrou a experiência no atendimento aos alunos do ESM, tem grande colaboração da própria história de vida. Eram frequentes os relatos das dificuldades financeiras, familiares, histórias de abusos, problemas nas relações com as pessoas, o que poderia levar ao pensamento de que, com tantas dificuldades em diferentes áreas da vida, viver não valeria a pena. E também poder-se-ia pensar no estilo de sociedade que vivemos, de modo geral bastante individualista, que atribui sucessos e fracassos ao esforço próprio, ou à falta dele. Assim, para lidar com esta frustração de sentir-se errado, fracassado ou desadaptado dentro desta sociedade, maltratar-se ou tentar se matar são mecanismos que intencionam expiar a culpa individual para sentimentos angustiantes.

A ideação suicida se mostrou relacionada a problemas no processo do pensamento destes estudantes. De modo geral, os estudantes com ideação mostraram estar mais defendidos na tarefa, conseguindo suprimir algumas respostas distorcidas; no entanto, pensamentos desorganizados transpareceram na maneira com que conceituaram as respostas que escolheram fornecer. Desta forma, demonstraram maneiras peculiares de pensar sobre as situações, o que possivelmente inclui a maneira como pensam em lidar com todos os sentimentos que experimentam. Estes sentimentos também transpareceram no Rorschach como um aumento de afetos negativos relacionados a vivências de estresse situacional, desamparo, desespero, traumas, preocupações com o próprio corpo e sentimento de exposição e vulnerabilidade. Com esta sobrecarga de afetos negativos, quando não há recursos psíquicos suficientes para lidar, a vida se torna tão pesada e os sentimentos, tão opressivos, a ponto de essas pessoas pensarem que somente com o fim da vida é que findariam também estes sentimentos. Envoltos neste mar de angústias, não conseguem encontrar outras saídas.

Para os estudantes que praticam comportamentos autolesivos, notou-se que há maior complexidade de vivências. É bastante provável que experimentem mais sentimentos de desamparo, de urgência, de carregarem um fardo com o qual não conseguem lidar, de modo que não sabem como administrar toda essa rede complexa de sentimentos que experimentam, nas quais muitas vezes misturam-se afetos negativos em suas experiências de satisfação. Soma-se a isto a identificação com agressividade transparecida em seus protocolos e também a desorganização do pensamento que apresentaram. Desta forma, o transbordamento parece dirigir-se concretamente ao próprio corpo, como se junto do transbordamento de sangue causado por uma lesão no corpo transbordasse também o excesso de sentimentos negativos, causando alívio.

Já os estudantes com tentativas de suicídio demonstraram também maior desorganização de pensamento e aumento de preocupação com o corpo. A análise qualitativa dos protocolos evidenciou que as respostas de anatomia, que representam as preocupações com o corpo e com vulnerabilidade, tinham maior foco nos buracos, nos vazios, como se estes estudantes se atentassem mais para as vivências de falta do que os demais,

o emblemático “copo meio vazio”² – o olhar para o vazio do copo, para o vazio da mancha, o vazio neles mesmos. Mais do que isso, o indicativo de que podem possuir mais relações interpessoais perturbadas do que aqueles estudantes sem tentativas pode ser um fator determinante para que atuem a angústia, fazendo tentativas de suicídio. Esta possibilidade da falta de vínculos percebidos como realmente significativos deixam estes estudantes mais eximidos afetivamente para tentarem o suicídio, porque não sentem que podem afetar, ferir ou magoar alguém importante para elas com tal ato. Por outro lado, um buraco, um vazio é um lugar aberto, é um espaço que possa vir a ser habitado por alguém significativo que os acompanhem, com quem possam vir a se vincular e formar uma relação que possa ajudar preencher este espaço, para que esta figura significativa passe a ser um objeto de boa identificação para eles.

Conforme a teoria de Bion, pode-se associar que em diversas respostas houve falhas no processo de tornar as impressões sensoriais e experiências emocionais em pensamentos, ou seja, houve falha na função alfa, resultando em excesso de elementos beta. Isso pareceu ocorrer nos momentos em que houve falta de discriminação, problemas com os processos de pensamento, raciocínio e conceito, que podem ser indicados como códigos cognitivos nos protocolos destes estudantes. Yazigi & Nashat (2012) postularam relações entre a teoria de Bion e o Rorschach, e também associaram códigos cognitivos à sobrecarga, no indivíduo, por elementos beta, além de outras variáveis do Rorschach, como sombreados e cor acromática sem forma, que representariam elementos em forma mais crua, e também ao determinante de forma de qualidade formal menos, que seria indicativo da produção de formas arbitrárias e não realísticas. Compreendendo-se desta maneira, sendo as falhas nos processos da formação do pensamento como falhas na função alfa, poder-se-ia pensar em um trabalho terapêutico para estes estudantes: o terapeuta como auxiliar para a operação da função alfa. Assim, no decorrer do processo terapêutico, haveria maior transformação dos elementos beta em elementos alfa, o que levaria a processos de pensamento mais sofisticados com alívio dos processos internos crus, incompreendidos, referentes aos

² Trata-se de uma referência à expressão popular a respeito de olhar um copo com água pela metade e dizer se ele está meio cheio ou meio vazio, como uma correspondência a um pensamento mais otimista ou mais pessimista.

elementos beta, e possivelmente redução de angústia. Desta forma, abrandando os afetos negativos, poderia ser aplacada também a ideação suicida dos estudantes, em um processo em cadeia. Seria possível que estar neste estado inundado de elementos beta fosse um fator que poderia levar a concretizar ideias de suicídio, porque neste estado não é possível pensamento, somente um emaranhado de sensações não elaboradas, em que a morte poderia ser esperada como um silenciador desta vivência sufocante.

O apoio terapêutico poderia ser um fator relevante entre a vida e a morte para alguns destes estudantes, e também para a redução da carga de sofrimento. O compartilhamento destes sentimentos angustiantes com outra pessoa, a criação de um vínculo efetivo com um terapeuta e a percepção de se sentirem compreendidos e acolhidos por um outro pode ter efeito positivo e terapêutico. Uma das estudantes, após chorar bastante ao fim da aplicação dos instrumentos, relatou sentir-se aliviada porque nunca havia conversado com ninguém sobre pensamentos de suicídio. Parece ser fundamental a criação de espaços para cuidar dos estudantes, para que sejam ouvidos e acolhidos; este pode ser ponto essencial na diminuição da angústia e, conseqüentemente, na prevenção de suicídios.

O Composto preocupação com suicídio (SC-Comp) do R-PAS mostrou-se sensível para detectar níveis de ideação suicida – quanto maior o valor, mais graves foram os pensamentos de suicídio nesta amostra. É importante pontuar que o instrumento C-SSRS foi realizado como uma entrevista, de uma forma que buscou ser acolhedora, e não simplesmente como um instrumento de autorrelato para coletar dados. Dentro desta condição, é possível que as pessoas sintam maior grau de liberdade tanto para acessar internamente pensamentos e vivências angustiantes, como o são as ideias de suicídio, como também para expô-los a alguém que estava disposto a ouvir. Esta pode ter sido uma condição favorável para que ocorresse uma correlação positiva entre os instrumentos.

Devido à baixa confiabilidade das respostas de qualidade formal inusual (FQu) desta pesquisa, aventa-se a possibilidade de refazer a qualidade formal de todos os protocolos desta pesquisa e publicar posteriormente esses achados. Ainda que esta tarefa não tenha sido realizada até aqui, houve análises que ocorreram de forma independente da qualidade formal das

respostas. Sendo assim, as reflexões levantadas a partir destes protocolos podem ser mantidas e consideradas confiáveis.

Esperamos, por fim, que as reflexões ajudem na compreensão da importância da criação sistemática de serviços de acolhimento aos estudantes universitários que possam dar um suporte a todas as vivências difíceis que experimentam. Para tanto são necessários massivos investimentos em recursos humanos interdisciplinares na área da saúde para atender jovens e capacitar professores, funcionários e outros estudantes para detectar possíveis problemas para posteriormente prover ambientes relacionais que possam auxiliar no enfrentamento de dificuldades inerentes da vida. Assim, é necessário investimento financeiro em saúde mental e trabalhos de prevenção, dentro e fora da universidade. Só assim podemos ter esperanças de mudar as estatísticas alarmantes do suicídio em nosso país. A universidade tem um papel fundamental para mostrar que é possível. Desta forma, estaremos não só formando melhores estudantes, como também melhores profissionais e colaborando para melhora da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- Akkaya-Kalayci, T., Vyssoki, B., Winkler, D., Willeit, M., Kapusta, N. D., Dorffner, G., & Özlü-Erkilic, Z. (2017). The effect of seasonal changes and climatic factors on suicide attempts of young people. *BMC Psychiatry, 17*, 1-7. doi: 10.1186/s12888-017-1532-7
- Akram, U., Ypsilanti, A., Gardani, M., Irvine, K., Allen, S., Akram, A., Drabble, J., Bickle, E., Kaye, L., Lipinski, D., Matuszyk, E., Sarlak, H., Steedman, E., & Lazuras, L. (2020). Prevalence and psychiatric correlates of suicidal ideation in UK university students. *Journal of affective disorders, 272*, 191–197. doi: 10.1016/j.jad.2020.03.185
- Alves, R. (1999). *O amor que acende a lua*. Campinas: Papirus.
- American Psychiatric Association (2022). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision: DSM-5-TR*. Washington: American Psychiatric Association Publishing.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. (M. I. C. Nascimento et al., Transd.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2013).
- Andrade, C. D. (2012). *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das letras.
- Barlow, D. H., & Durand, M. R. (2015). *Psicopatologia: uma abordagem integrada* (2ª ed.). (Noveritis do Brasil, Trad.). São Paulo, SP: Cengage Learning. (Obra original publicada em 2014).
- Benedik, E., Čoderl, S., Bon, J., & Smith, B.L. (2013). Differentiation of psychotic from nonpsychotic psychiatric inpatients: the Rorschach Perceptual Thinking Index. *Journal of Personality Assessment, 95*(2), pp. 141-148. doi: 10.1080/00223891.2012.753898
- Berant, E., Newborn, M., & Orgler, S. (2008). Convergence of Self- Report Scales and Rorschach Indexes of Psychological Distress: The Moderating Role of Self- Disclosure. *Journal of Personality Assessment, 90*(1), 36-43. doi: 10.1080/00223890701693702
- Bertolote, J. M., & Fleischmann, A. (2002). Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. *World Psychiatry, 1*(3), 181–185. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489848/>
- Biagiarelli, M., Roma, P., Comparelli, A., Andraos, M. P., Di Pomponio, I., Corigliano, V., Curto, M., Masters, G. A., & Ferracuti, S. (2015). Relationship between the Rorschach Perceptual Thinking Index (PTI) and the Positive and Negative Syndrome Scale (PANSS) in psychotic patients: a validity study. *Psychiatry Research, 225*(3), pp. 315-321. doi: 10.1016/j.psychres.2014.12.018.

- Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS-MS) (2015). *Estresse*. Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2068-estresse>
- Bion, W.R. (1966). *Os elementos da psicanálise (inclui O aprender com a experiência)*. (J. Salomão & P. D. Corrêa, Trads.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra original publicada em 1963 e 1962, respectivamente).
- Blasczyk-Schiep, S., Kazén, M., Kuhl, J., & Grygielski, M. (2011). Appraisal of suicidal risk among adolescents and young adults through the Rorschach test. *Journal of Personality Assessment*, 93(5), 518–526. doi: 10.1080/00223891.2011.594130.
- Bostwick, J. M., Pabbati, C., Geske, J. R., McKean, A. J. (2016). Suicide attempt as a risk factor for completed suicide: even more lethal than we knew. *American Journal of Psychiatry*, 173(11), pp. 1094-1100. doi: 10.1176/appi.ajp.2016.15070854
- Botega, N. J., Werlang, B. S. G., Cais, C. F. S., & Macedo, M. M. K. (2006). Prevenção do comportamento suicida. *Psico*, 37(3), 213-220. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1442/1130>
- Botega, N. J. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Brådvik, L. & Berglund, M. (2009). Repetition and severity of suicide attempts across the life cycle: a comparison by age group between suicide victims and controls with severe depression. *BMC Psychiatry*, 9(62), s.p. doi: 10.1186/1471-244X-9-62
- Brausch, A. M., Williams, A. G., & Cox, E. M. (2016). Examining Intent to Die and Methods for Nonsuicidal Self-Injury and Suicide Attempts. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 46(6), pp. 737-744. doi: 10.1111/sltb.12262
- Busby, D. R., Horwitz, A. G., Zheng, K., Eisenberg, D., Harper, G. W., Albucher, R. C., Roberts, L. W., Coryell, W., Pistorello, J., & King, C. A. (2020). Suicide risk among gender and sexual minority college students: The roles of victimization, discrimination, connectedness, and identity affirmation. *Journal of Psychiatric Research*, 121, pp. 182–188. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2019.11.013>
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. São Paulo, SP: Blucher
- Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame de Rorschach*. (N. Silva Júnior, Trad.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. (Obra original publicada em 1987).

- Costa, A. C. B., Mariusso, L. M., Canassa, T. C., Previdelli, I. T. S., & Porcu, M. (2019). Risk factors for suicidal behavior in a university population in Brazil: A retrospective study. *Psychiatry Research*, 278, pp. 129-134. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.05.039>
- Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. (2ª. Ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Encyclopaedia Britannica (2015). *Suttee*. Encyclopaedia Britannica, inc. Recuperado de <https://www.britannica.com/topic/suttee>.
- Encyclopaedia Britannica (2017). *Suicide*. Encyclopaedia Britannica, inc. Recuperado de <https://www.britannica.com/topic/suicide>
- Encyclopaedia Britannica (2018). *Seppuku*. Encyclopaedia Britannica, inc. Recuperado de <https://www.britannica.com/topic/seppuku>
- Exner, J. E. Jr. & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo* (L. Y. Massuh, Trad.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. (Obra original publicada em 1998).
- Faro, A. (2015). Estresse e distresse: estudo com a escala de faces em Aracaju (SE). *Temas em Psicologia*, 23(2), pp. 341-354. doi: 10.9788/TP2015.2-08
- Gonçalves, D. M. (2016). Self-Reporting Questionnaire (SRQ). Em: Gorenstein, C., Wang, Y. P. Hungerbühler, I. *Instrumentos de avaliação em saúde mental*. Porto Alegre: Artmed.
- Holdaway, A. S., Luebbe, A. M., & Becker, S. P. (2018). Rumination in relation to suicide risk, ideation, and attempts: Exacerbation by poor sleep quality? *Journal of Affective Disorders*, 236, pp. 6-13. doi: 10.1016/j.jad.2018.04.087
- Houaiss, A. (2013). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo, SP: Objetiva.
- Hubers, A., Moaddine, S., Peersmann, S., Stijnen, T., Van Duijn, E., Van der Mast, R., . . . Giltay, E. (2018). Suicidal ideation and subsequent completed suicide in both psychiatric and non-psychiatric populations: A meta-analysis. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 27(2), pp.186-198. <https://doi.org/10.1017/S2045796016001049>
- Kim, H., Kim, Y., Shin, M. H., Park, Y. J., Park, H. E., Fava, M., Mischoulon, D., Park, M.J., Kim, E.J., & Jeon, H.J. (2022). Early psychiatric referral after attempted suicide helps prevent suicide reattempts: A longitudinal national cohort study in South Korea. *Frontiers in Psychiatry*, 13(607892). doi: 10.3389/fpsy.2022.607892

- Klonsky, E. D. & May, A. M. (2014). Differentiating Suicide Attempters from Suicide Ideators: A Critical Frontier for Suicidology Research. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 44(1), pp. 1-5. doi: 10.1111/sltb.12068
- Klonsky, E. D., May, A. M., & Saffer, B. Y. (2016). Suicide, Suicide Attempts, and Suicidal Ideation. *Annu. Rev. Clin. Psychol*, 12, pp. 307–330. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-021815-093204
- Klonsky, E. D., Qiu, T., & Saffer, B. Y. (2017). Recent advances in differentiating suicide attempters from suicide ideators. *Current Opinion in Psychiatry*, 30(1), pp. 15-20. doi: 10.1097/YCO.0000000000000294
- Kuhn, R. (1957). *Phénoménologie du masque à travers le test de Rorschach*. Bruges: Desclée de Brouwer.
- Kumar, D., Nizamie, S. H., Abhishek, P. & Prasanna, L. T. (2014). Identification of suicidal ideations with the help of projective tests: a review. *Asian Journal of Psychiatry*, 12, 36-42. doi: 10.1016/j.ajp.2014.07.004
- Liu, C. H., Stevens, C., Wong, S., Yasui, M., & Chen, J. A. (2019). The prevalence and predictors of mental health diagnoses and suicide among U.S. college students: Implications for addressing disparities in service use. *Depression and anxiety*, 36(1), 8–17. doi: 10.1002/da.22830
- Mari, J. J. & Williams, P. (1986). A Validity Study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ-20) in Primary Care in the city of Sao Paulo. *British Journal of Psychiatry*, 148, 23-26. doi: 10.1192/bjp.148.1.23
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro, Sintra: Report Number.
- Marques, T. C., Chaves, A. C., & Yazigi, L. (2012). Estudo parcial da validação do atlas do Rorschach Sistema Compreensivo em amostra de pacientes psiquiátricos de São Paulo. *Psico USF*, 17(3), pp. 417-426. doi: 10.1590/S1413-82712012000300008
- Meyer, G. J., Riethmiller, R. J., Brooks, R. D., Benoit, W. A., & Handler, L. (2000). A Replication of Rorschach and MMPI-2 Convergent Validity. *Journal of Personality Assessment*, 74(2), 175-215. doi: 10.1207/S15327752JPA7402_3
- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E. & Erdberg, P. (2017). *R-PAS: Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach*. [D. R. Silva & F. K. Miguel, Trads.] São Paulo: Hogrefe. (Obra original publicada em 2011).
- Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015). São Paulo, SP: Editora Melhoramentos. Disponível online em: <http://michaelis.uol.com.br/>

- Mihura, J. L., Meyer, G. J., Dumitrascu, N., & Bombel, G. (2013). The validity of individual Rorschach variables: systematic reviews and meta-analyses of the comprehensive system. *Psychological Bulletin*, 139(3), 548-605. doi: 10.1037/a0029406
- Minkowska, F. (1956). *Le Rorschach a la recherche du monde des forms*. Bruges: Desclée de Brower.
- Mota, M. L. & Faro, A. (2018). Prevalência e distribuição social do distresse em uma amostra populacional. *Revista Interamericana de Psicologia*, 52(3), pp.389-398. Disponível em: <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/496/946>
- Organização Mundial da Saúde (2000a). *Prevenção do suicídio: um manual para médicos*. Recuperado de http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_gp_port.pdf
- Organização Mundial da Saúde (2000b). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Recuperado de http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf
- Palmieri, A., Kleinbub, J. R., Mannarini, S., Molinaro, S., Castriotta, C., & Scocco, P. (2019). Rorschach Assessment in Suicide Survivors: Focus on Suicidal Ideation. *Frontiers in Public Health*, 6, 1-9. doi: 10.3389/fpubh.2018.00382
- Pianowski, G., Meyer, G. J., Villemor-Amaral, A. E., Zuanazzi, A. C., & Nascimento, R. S. G. F. (2019). Does the Rorschach Performance Assessment System (R-PAS) differ from the Comprehensive System (CS) on variables relevant to interpretation? *Journal of Personality Assessment*. Advance online publication. doi: 10.1080/00223891.2019.1677678
- Posner, K., Brent, D., Lucas, C., Gould, M., Stanley, B., Brown, G., Fisher, P., Zelazny, J., Burke, A., Oquendo, M., & Mann, J. (2008). *Escala de avaliação do risco de suicídio de Columbia (C-SSRS): Base de partida/Versão de triagem de 14/01/2009*. New York: The Research Foundation for Mental Hygiene. Recuperado de <http://cssrs.columbia.edu/the-columbia-scale-c-ssrs/cssrs-for-research/>
- Qiu, T., Klonsky, E. D., & Klein, D. N. (2017). Hopelessness Predicts Suicide Ideation But Not Attempts: A 10-Year Longitudinal Study. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 47(6), pp. 718-722. doi: 10.1111/sltb.12328
- Ramírez, E. G. L., Delgado, Y. K., Volpato, R. J., Claudio, J. C. M., Pinho, P. H., & Vargas, D. (2020). Suicidal ideation in gender and sexual minority students in the largest Brazilian University. *Archives of Psychiatric Nursing*, 34(6), pp. 467-471. doi: 10.1016/j.apnu.2020.08.004

- Ribeiro, J. D., Franklin, J. C., Fox, K. R., Bentley, K. H., Kleiman, E. M., Chang, B. P., & Nock, M. K. (2016). Self-injurious thoughts and behaviors as risk factors for future suicide ideation, attempts, and death: a meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Medicine*, 46(2), pp. 225–236. <https://doi.org/10.1017/S0033291715001804>
- Rorschach, H. (1974). *Psicodiagnóstico*. (M. S. V. Amaral, trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Obra original publicada em 1921).
- Sadock, B. J. & Sadock, V. A. (2007). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. (9ª. Ed.) (C. A. Dornelles, C. Monteiro, I. S. Ortiz, & R. C. Cataldo, Trans.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Obra original publicada em 2003).
- Santos, E. S. (2022a). *O que te mantém vivo? A Logoterapia na prevenção do suicídio*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.47.2022.tde-15082022-132807. Recuperado em 2022-11-25, de www.teses.usp.br
- Santos, E. S. (2022b). *O que te mantém vivo? A logoterapia na prevenção do suicídio nas escolas e universidades*. São José dos Campos: Editora Busca sentido.
- Saramago, J. (2005). *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das letras.
- Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. (2017). Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde. *Boletim Epidemiológico*, 48(30), 1-14. Recuperado de <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/bibliografia/2017025PerfilepidemiologicodastentativaseobitosporsuicidionoBrasilearededeatenaoasade.pdf>
- Schneider, A. M. A., Bandeira, D. R., & Meyer, G. J. (2020). Rorschach Performance Assessment System (R-PAS) interrater reliability in a Brazilian adolescent sample and comparisons with three other studies. *Assessment*, 29(5), pp. 859–871. doi: 10.1177/1073191120973075
- Sojer, P., Kainbacher, S., Hübner, K., Freudenthaler, H., Kemmler, G., & Deisenhammer, E. A. (2021). The Association of Intrapersonal Trait Emotional Intelligence and Resilience with Suicidal Ideation in University Students. *Psychiatria Danubina*, 33(3), pp. 298-305. doi: 10.24869/psyd.2021.298
- Sousa, G. S., Ramos, B., Tonaco, L., Reinaldo, A., Pereira, M. O., & Botti, N. (2021). Factors associated with suicide ideation of healthcare university students. *Revista brasileira de enfermagem*, 75Suppl. 3(Suppl. 3), e20200982. doi: 10.1590/0034-7167-2020-0982

- Stack, S. (2014). Differentiating Suicide Ideators from Attempters: Violence – A Research Note. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 44(1), pp. 46-57. doi: 10.1111/sltb.12054
- Universidade de São Paulo (2019). *Anuário estatístico da Universidade de São Paulo*. Recuperado de <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle>
- Vyssoki, B., Kapusta, N. D., Praschak-Rieder, N., Dorffner, G., & Willeit, M. (2014). Direct Effect of Sunshine on Suicide. *JAMA Psychiatry*, 71(11), 1231–1237. doi: 10.1001/jamapsychiatry.2014.1198
- Wang, Y. H., Shi, Z. T., Luo, Q. Y. (2017). Association of depressive symptoms and suicidal ideation among university students in China: A systematic review and meta-analysis. *Medicine*, 96(13), pp. e6476. doi: 10.1097/MD.00000000000006476
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. [M. C. V. M. Silva, Trad.]. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. (Obra original publicada em 1998).
- World Health Organization (2020). *WHO methods and data sources for country-level causes of death 2000-2019*. Geneva: World Health Organization. Retrieved from https://www.who.int/docs/default-source/gho-documents/global-health-estimates/ghe2019_cod_methods.pdf?sfvrsn=37bcfacc_5 (acesso em 30/07/22)
- World Health Organization (2021a). *Suicide worldwide in 2019: Global Health Estimates*. Geneva: World Health Organization. Retrieved from <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643> (acesso em 26/10/22)
- World Health Organization (2021b). *Live life: an implementation guide for suicide prevention in countries*. Geneva: World Health Organization. Retrieved from <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026629> (acesso em 26/10/22)
- Wu, S. Y. & Zhao, H. J. (2009). The relationship between life stress, depression and suicide ideation among undergraduates. *Modern Preventive Medicine*, 36, pp. 2918–2919.
- Yazigi, L. (1979). Psicodiagnóstico no suicídio. *Boletim de Psiquiatria*, 12(1/4), pp. 66-73.
- Yazigi, L. & Nashat, S. (2012). Learning from the inkblot. *Rorschachiana*, 33, 214-235. doi: 10.1027/1192-5604/a000036

ANEXOS

ANEXO A



Pró-Reitoria de
Graduação

Portaria PRG nº 01, de 28 de maio de 2019.

O Pró-Reitor de Graduação da Universidade de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, e considerando:

- a importância da saúde mental no acolhimento dos estudantes;
- a necessidade de ações para prevenção, orientação e terapêutica de casos de depressão, ansiedade e ideias suicidas; baixa a seguinte:

PORTARIA:

Artigo 1º – Fica criado o **Escritório de Saúde Mental**, subordinado à Pró-Reitoria de Graduação, com a incumbência de realizar ações que tenham a Saúde Mental como agente de formação dos estudantes bem como uma ferramenta de acolhimento aos estudantes de graduação.

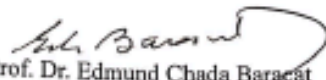
Artigo 2º – O **Escritório de Saúde Mental** deverá desenvolver ações junto aos estudantes para prevenção, orientação e conduta terapêutica.

Artigo 3º – O **Escritório de Saúde Mental** terá um Coordenador e um Vice-Coordenador, escolhidos pelo Pró-Reitor de Graduação.

Parágrafo único – O Coordenador e o Vice-Coordenador terão mandatos coincidentes com o do Pró-Reitor e poderão ser reconduzidos.

Artigo 4º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua edição.

Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, 28 de maio de 2019.


Prof. Dr. Edmund Chada Baracat
Pró-Reitor de Graduação

ANEXO B

Publicado no Diário Oficial 132 (96), p. 91, de 17/05/2022.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**Portaria PRG 02, de 16-05-2022.**

Extingue escritórios e revoga as Portarias PRG 01, de 06 de abril de 2016, publicada no D.O.E. de 09 de abril de 2016, a Portaria PRG 05, de 23 de novembro de 2016, publicada no D.O.E. de 24 de novembro de 2016, a Portaria PRG 01, de 28 de maio de 2019, publicada no D.O.E. de 05 de junho de 2019, e a Portaria PRG 01, de 26 de maio de 2021, publicada no D.O.E de 27 de maio de 2021.

O Pró-Reitor de Graduação da Universidade de São Paulo, com fundamento no art. 15, inc. II, do Regimento Geral, e considerando a criação do Conselho de Inclusão e Pertencimento e da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento pela Resolução 8227/2022, baixa a seguinte

PORTARIA

Artigo 1º – Ficam extintos:

- I – o Escritório de Desenvolvimento de Carreiras;
- II – o Escritório de Atividades Esportivas;
- III – o Escritório de Saúde Mental; e
- IV – o Escritório de Mentoria e Tutoria.

Artigo 2º – Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas a Portaria PRG 01, de 06 de abril de 2016, publicada no D.O.E. de 09 de abril de 2016, a Portaria PRG 05, de 23 de novembro de 2016, publicada no D.O.E. de 24 de novembro de 2016, a Portaria PRG 01, de 28 de maio de 2019, publicada no D.O.E de 05 de junho de 2019 e a Portaria PRG 01, de 26 de maio de 2021, publicada no D.O.E de 27 de maio de 2021. (Proc. USP 2022.1.7336.1.6).

ANEXOS C e D

Nome completo: _____ Data: _____

Data nascimento: _____ Telefones de contato: _____

E-mail: _____

Curso: _____ Semestre: _____

Por favor, leia estas instruções antes de preencher as questões abaixo. É muito importante que todos que estão preenchendo o questionário sigam as mesmas instruções.

Instruções

Estas questões são relacionadas a certas dores e problemas que podem ter lhe incomodado nos últimos 30 dias. Se você acha que a questão se aplica a você e você teve o problema descrito nos últimos 30 dias responda SIM. Por outro lado, se a questão não se aplica a você e você não teve o problema nos últimos 30 dias, responda NÃO.

Principais sintomas / Sinais		
1- Você tem dores de cabeça frequente?		
2- Tem falta de apetite?		
3- Dorme mal?		
4- Assusta-se com facilidade?		
5- Tem tremores nas mãos?		
6- Sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)?		
7- Tem má digestão?		
8- Tem dificuldades de pensar com clareza?		
9- Tem se sentido triste ultimamente?		
10- Tem chorado mais do que costume?		
11- Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?		
12- Tem dificuldades para tomar decisões?		
13- Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento?)		
14- É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?		
15- Tem perdido o interesse pelas coisas?		
16- Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?		
17- Tem tido ideia de acabar com a vida?		
18- Sente-se cansado (a) o tempo todo?		
19- Você se cansa com facilidade?		
20- Tem sensações desagradáveis no estômago?		

IDEAÇÃO SUICIDA		Durante a vida - Momento em que ele / ela se sentiu com maior tendência suicida	Últimos — meses
<p><i>Faça as perguntas 1 e 2. Se as respostas para ambas forem negativas, passe para a seção "Comportamento Suicida". Se a resposta para a pergunta 2 for "sim", faça as perguntas 3, 4 e 5. Se a resposta para a pergunta 1 e/ou 2 for "sim", preencha a seção abaixo "Intensidade da ideação".</i></p>			
<p>1. Desejo de estar morto/a O/A paciente confirma ter pensamentos sobre o desejo de estar morto/a ou de não mais viver ou desejar dormir e nunca mais acordar. <i>Você desejou estar morto/a ou desejou poder dormir e nunca mais acordar?</i></p> <p>Caso sim, descreva:</p>		<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>
<p>2. Pensamentos suicidas ativos não-específicos Pensamentos suicidas não-específicos de querer pôr fim à vida / cometer suicídio (p. ex., "Eu pensei em me matar") sem ideia sobre como se matar / métodos associados, intenções ou planos durante o período de avaliação. <i>Você já pensou realmente em se matar?</i></p> <p>Caso sim, descreva:</p>		<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>
<p>3. Ideação suicida ativa com algum método (sem plano) sem intenção de agir O/A paciente confirma pensamentos de suicídio e já pensou em pelo menos um método durante o período de avaliação. Isto difere de um plano específico com elaboração de detalhes de hora, lugar ou método (p. ex., pensou no método de se matar, porém sem um plano específico). Inclui pessoas que diriam, "Eu pensei em tomar uma overdose de remédio, mas nunca fiz um plano específico de quando, onde ou como eu a realizaria.....e eu nunca levaria isso adiante". <i>Você tem pensado em como poderia fazer isso?</i></p> <p>Caso sim, descreva:</p>		<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>
<p>4. Ideação suicida ativa com alguma intenção de agir, sem plano específico Pensamentos suicidas ativos de se matar e o/a paciente relata ter <u>alguma intenção de pôr esses pensamentos em prática</u>, ao invés de "Eu tenho os pensamentos, mas eu, com certeza, não os levarei adiante". <i>Você teve esses pensamentos e teve alguma intenção de colocá-los em prática?</i></p> <p>Caso sim, descreva:</p>		<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>
<p>5. Ideação suicida ativa com plano específico e intenção Pensamentos sobre se matar com detalhes do plano, totalmente ou parcialmente elaborados e o/a paciente tem alguma intenção de executá-lo. <i>Você já começou a elaborar ou já elaborou os detalhes de como se matar? Você pretende executar esse plano?</i></p> <p>Caso sim, descreva:</p>		<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	<p>Sim Não</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>
INTENSIDADE DA IDEAÇÃO			
<p><i>As seguintes características devem ser avaliadas levando em consideração o tipo de ideação mais intenso (i.e. os itens 1 a 5 da seção anterior, sendo 1 o menos intenso e 5 o mais intenso). Pergunte o momento em que ele / ela estava se sentindo com maior tendência suicida.</i></p> <p><u>Durante a vida</u> - Ideação mais intensa: _____ Tipo nº (1-5) _____ Descrição da ideação _____</p> <p><u>Últimos X meses</u> - Ideação mais intensa: _____ Tipo nº (1-5) _____ Descrição da ideação _____</p>		Mais intensa	Mais intensa
<p>Frequência <i>Quantas vezes você teve esses pensamentos?</i></p> <p>(1) Menos de uma vez por semana (2) Uma vez por semana (3) 2-5 vezes por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias (5) Muitas vezes por dia</p>		_____	_____
<p>Duração <i>Quando você tem esses pensamentos, quanto tempo eles duram?</i></p> <p>(1) Passageiros - alguns segundos ou minutos (4) 4-8 horas / a maior parte do dia (2) Menos de 1 hora / algum tempo (5) Mais de 8 horas / persistentes ou contínuos (3) 1-4 horas / muito tempo</p>		_____	_____
<p>Controlabilidade <i>Você pôde / pode parar de pensar em se matar ou de querer morrer se você quisesse / quiser?</i></p> <p>(1) É capaz de controlar os pensamentos facilmente (4) Pode controlar os pensamentos com muita dificuldade (2) Pode controlar os pensamentos com pouca dificuldade (5) É incapaz de controlar os pensamentos (3) Pode controlar os pensamentos com alguma dificuldade (0) Não tenta controlar os pensamentos</p>		_____	_____
<p>Razões para não cometer suicídio <i>Há coisas - algo ou alguém (p. ex., família, religião, dor da morte) - que o/a impediram de querer morrer ou de colocar em ação sua ideia de cometer suicídio?</i></p> <p>(1) Essas razões, com certeza, o/a impediram de cometer suicídio (4) Essas razões, provavelmente, não o/a impediram (2) Essas razões, provavelmente, o/a impediram (5) Essas razões, com certeza, não o/a impediram (3) Não tem certeza de que essas razões o/a impediram (0) Não se aplica ao seu caso</p>		_____	_____
<p>Razões para ideação <i>Que tipos de razão você teve para pensar em querer morrer ou se matar? Foi para acabar com o sofrimento ou pôr fim à maneira como você estava se sentindo (em outras palavras, você não conseguia continuar a viver com esse sofrimento ou como você estava se sentindo) ou foi para chamar a atenção, se vingar ou provocar a reação de outras pessoas? Ou ambos?</i></p> <p>(1) Com certeza para chamar a atenção, se vingar ou provocar a reação de outras pessoas (4) Sobretudo para acabar com o sofrimento (você não conseguia continuar a viver com esse sofrimento ou como você estava se sentindo) (2) Sobretudo para chamar a atenção, se vingar ou provocar a reação de outras pessoas (5) Com certeza para acabar com o sofrimento (você não conseguia continuar a viver com esse sofrimento ou como você estava se sentindo) (3) Tanto para chamar a atenção, se vingar ou provocar a reação de outras pessoas como para acabar com o sofrimento. (0) Não se aplica ao seu caso</p>		_____	_____

COMPORTAMENTO SUICIDA (Marque um "X" em todos os itens que se aplicam, caso sejam eventos distintos. É necessário perguntar sobre todos os tipos de comportamento suicida)		Durante a vida	Últimos anos
Tentativa efetiva: Um ato potencialmente autolesivo cometido com ao menos algum desejo de morrer, <i>como resultado da ação</i> . O comportamento foi, em parte, pensado como um método para se matar. A intenção não precisa ser de 100%. Se existe qualquer intenção / desejo de morrer associado ao ato, este pode ser considerado como uma tentativa de suicídio efetiva. Não é necessário haver qualquer lesão ou ferimento , apenas um potencial para lesionar ou ferir. Se a pessoa puxa o gatilho com a arma na boca, mas a arma está quebrada, e então não resulta em lesões, este ato é considerado como uma tentativa. Inferindo intenção: Mesmo que a pessoa negue a intenção / o desejo de morrer, esta deve ser inferida clinicamente a partir do comportamento ou das circunstâncias. Por exemplo, a única intenção que se pode inferir de um ato altamente letal que, obviamente, não é um acidente, é a intenção de suicídio (p.ex., tiro na cabeça, pular da janela de um andar alto). Também se deve inferir intenção de morrer, se alguém nega esta intenção, mas pensa que o que fez poderia ser letal. Você cometeu uma tentativa de suicídio? Você fez alguma coisa para se ferir? Você fez alguma coisa perigosa que poderia ter matado você? O que você fez? Você ___ como uma maneira de pôr fim à sua vida? Você queria morrer (nem que fosse só um pouquinho) quando você ___? Você estava tentando pôr um fim à sua vida quando você ___? Ou Você pensou que era possível ter morrido com ___? Ou você fez isso unicamente por outras razões / sem QUALQUER intenção de se matar (como para aliviar o estresse, sentir-se melhor, ganhar simpatia ou para fazer qualquer outra coisa acontecer)? (Comportamento autolesivo sem intenção suicida) Caso sim, descreva:		Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> N° total de tentativas efetivas _____	Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> N° total de tentativas efetivas _____
O/A paciente se engajou em um comportamento autolesivo não suicida?		Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Tentativa interrompida: Quando a pessoa é impedida (por uma circunstância externa) de iniciar o ato potencialmente autolesivo (<i>se não fosse por isso, uma tentativa efetiva teria ocorrido</i>). Overdose: A pessoa tem pílulas na mão, mas é impedida de ingeri-las. Uma vez que ela tenha ingerido qualquer quantidade de pílulas, o ato se torna uma tentativa e não uma tentativa interrompida. Tiro: a pessoa tem uma arma apontada para si, a arma é retirada por outra pessoa ou de alguma forma ela é impedida de puxar o gatilho. Uma vez que ela puxar o gatilho, mesmo que a arma não dispare é considerado como uma tentativa. Pular: A pessoa está pronta para pular, é agarrada e retirada da beirada. Enforcamento: A pessoa tem um laço em torno do pescoço, mas ainda não começou a se enforcar - é impedida de fazer isso. Houve alguma vez em que começou a fazer alguma coisa para pôr fim à sua vida, mas alguém ou alguma coisa o/a impediu antes que você realmente fizesse algo? Caso sim, descreva:		Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> N° total de tentativas interrompidas _____	Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> N° total de tentativas interrompidas _____
Tentativa abortada: Quando a pessoa começa a dar os primeiros passos em direção a uma tentativa de suicídio, mas para antes de realmente se engajar em qualquer comportamento autodestrutivo. Os exemplos são parecidos com os de tentativas interrompidas, exceto pelo fato da pessoa parar sozinha, em vez de ser parada por alguma outra coisa. Houve alguma vez em que você começou a fazer alguma coisa para tentar pôr fim à sua vida, mas você mesmo/a parou antes de efetuar a ação? Caso sim, descreva:		Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> N° total de tentativas abortadas _____	Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> N° total de tentativas abortadas _____
Atos ou comportamentos preparatórios: Atos ou preparação tendo em vista uma tentativa de suicídio iminente. Isso pode incluir qualquer coisa além de uma verbalização ou pensamento, tal como planejar um método específico (p. ex., comprar pílulas, adquirir uma arma) ou preparar-se para a morte por suicídio (p. ex., desfazer-se de coisas, escrever um bilhete suicida). Você deu algum passo em direção a cometer uma tentativa de suicídio ou a preparar-se para se matar (tal como reunir pílulas, adquirir uma arma, dar pertences de valor ou escrever um bilhete suicida)? Caso sim, descreva:		Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Comportamento suicida: Presença de comportamento suicida durante o período de avaliação.		Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	Sim Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Responder somente para tentativas efetivas		Data da tentativa mais recente:	Data da tentativa mais letal:
Letalidade efetiva / Danos físicos: 0. Ausência de danos físicos ou danos físicos muito leves (escoriações superficiais). 1. Danos físicos leves (p. ex., letargia da fala, queimaduras de primeiro grau, sangramentos leves, entorses). 2. Danos físicos moderados; necessidade de cuidados médicos (p. ex., consciente, porém sonolento/a, um tanto responsivo/a, queimaduras de segundo grau, sangramento de vasos importantes). 3. Danos físicos relativamente graves; necessidade de hospitalização e provavelmente de cuidados intensivos (p. ex., coma com reflexos intactos, queimaduras de terceiro grau em menos de 20% do corpo, perda excessiva de sangue, porém recuperável, fraturas extensas). 4. Danos físicos graves; necessidade de hospitalização com cuidados intensivos (p. ex., coma sem reflexos, queimaduras de terceiro grau em mais de 20% do corpo, perda excessiva de sangue com sinais vitais instáveis, dano maior a regiões vitais). 5. Morte		Inserir código _____	Inserir código _____
Letalidade potencial: Responder somente se letalidade efetiva = 0 Letalidade provável da tentativa efetiva mesmo se não houve nenhum dano físico (os exemplos a seguir, apesar de não apresentarem dano físico efetivo, têm um potencial de letalidade muito elevado: colocou a arma na boca e puxou o gatilho, mas a arma não disparou e por isso não houve dano físico; deitou no trilho do trem com este se aproximando, mas saiu do trilho antes do trem passar). 0 = Comportamento sem probabilidade de acarretar lesão 1 = Comportamento com probabilidade de acarretar lesão, mas não de causar morte 2 = Comportamento com probabilidade de acarretar morte apesar da existência de assistência médica		Inserir código _____	Inserir código _____

ANEXO E

Tabela 7 - Variáveis selecionadas para análise e os respectivos significados e interpretações

Variável	Significado / Interpretação
R	Número total de respostas no protocolo. R alto pode indicar que o respondente é (a) cumpridor ou obediente, (b) é verbal e perceptivamente inteligente e fluente, (c) é obsessivo ou vigilante, (d) é enérgico ou maníaco, (e) gosta de ser o centro da atenção ou (f) acredita que produzir mais é um sinal de sucesso. R baixo sugere inflexibilidade em ver as coisas de múltiplas perspectivas, e também outras razões semelhantes a baixa Complexity.
Pr	Pedir. Ocorre quando é necessário solicitar outra resposta em uma prancha. Alto Pr pode estar relacionado com qualquer dos aspectos: competência cognitiva limitada, rigidez, percepção inflexível, depressão, falta de confiança e engajamento, evasão, defesa, resistência ou um estilo de resposta não cooperativo, opositor ou passivo-agressivo.
Pu	Puxar. Ocorre quando o respondente dá quatro respostas em uma prancha e é necessário solicitar a prancha de volta para prosseguir com o teste. Alto Pu pode ser devido a esforços de realização, ambição, esforço por agradas ou produtividade para amenizar a insegurança. De forma mais problemática, pode estar relacionado a desinibição, qualidades maníacas ou hipomaniacas afetivamente guiadas, limites psicológicos pobres ou problemas em seguir ou interiorizar regras. Pode também refletir um desafio interpessoal ou um teste do examinador.
CT	Rotação de cartão. Ocorre em todas as respostas em que um cartão é girado ou quando a resposta é dada em uma orientação diferente da original. Relaciona-se com curiosidade intelectual, flexibilidade, compulsão, hostilidade ou desafio, ansiedade, autoritarismo e suspeitas. Pode refletir também o nível de interesse pela tarefa ou uma evitação de perceptos perturbadores.
SR	Reversão do espaço branco. Trata-se de uma resposta definida pelo contorno do espaço branco da mancha. Indica esforços de oposição e independência. Pode ser causadas por criatividade, individualidade, oposição e esforços saudáveis de afirmação pessoal.
An	Conteúdo anatomia. Escores altos sugerem que a pessoa tem preocupações com o corpo, físicas ou médicas; pode representar vulnerabilidade ou fragilidade em termos de imagem do corpo ou da psique. Comum aumento em profissionais da saúde que lidam com aspectos anatômicos.
SumH	Todo conteúdo humano. Escores altos sugerem que a pessoa tem interesse pelas pessoas e é atenta a elas, o que pode estar associado a cautela e a vigilância paranoides. Escores baixos sugerem limitado interesse pelas pessoas ou interesses fortes e preocupantes que competem com pensamentos sobre as pessoas.
M-	Movimento humano de qualidade formal menos. É uma medida brusca de compreensão atípica ou distorcida das pessoas que sugere relações interpessoais perturbadas.
Popular	Resposta popular. P elevado está associado com banalidade, ser manifestamente convencional e com visão estereotipada de mundo. P baixado pode se relacionar com problemas no teste de realidade, idiosincrasia ou desejo de ser diferente.
FQo%	Porcentagem de Qualidade Formal ordinária. Valores médio e altos estão associados a saúde psicológica e bom teste de realidade. Precisa ser interpretado junto às outras porcentagens de qualidade formal.
FQu%	Porcentagem de Qualidade Formal incomum. Associado com modos não convencionais e individualistas de interpretar o mundo.
FQ-%	Porcentagem de Qualidade Formal menos. Elevações estão associadas a alteração da realidade e a psicopatologia.

Variável	Significado / Interpretação
WD-%	Porcentagem de Respostas de Qualidade Formal menos em áreas W e D. Aumento associado a perturbação da realidade e psicopatologia.
M	Determinante movimento humano. Ao imaginar a ação e a experiência humana, é interpretada como um tipo de mentalização que contribui para a capacidade de identificação com os outros e a empatia. Inclui competência para imaginar ação ou emoção, capacidade para refletir sobre a experiência da vida e certo grau de maturidade desenvolvimental.
FM	Determinante movimento animal. Pode refletir ideação estimulada por necessidade ou instinto, mas aguarda maiores investigações.
m	Determinante movimento inanimado. Relacionado a um tipo ansioso de ideação que está fora do controle da pessoa ou possivelmente afetando a pessoa a partir de forças externas.
C'	Determinante cor acromática. Pode indicar atração por estímulos lúgubres, negativos, angustiantes, sobretudo quando associados a explicações para aspectos negros ou cinzentos da mancha.
Y	Determinante sombreado difuso. Indica sentimento de desamparo diante dos estressores.
V	Determinante vista. Tem associação com medidas de aptidão como o QI e em um contexto de depressão pode estar associada à autoavaliação negativa e avaliação negativa do mundo em geral e pode contribuir para ruminatórias.
F	Determinante forma sem ocorrência de outros determinantes.
CBlend	Cor misturada com sombreado e cor acromática. Mistura em que um determinante de cor (FC, CF ou C) se combina com um determinante de sombreado (Y, V, T) ou de cor acromática (C'). Sugere que a pessoa tem inclinação para experiências vulneráveis de afetos mistos, ou seja, sentimentos negativos destroem as reações positivas de satisfação.
WSumC	Soma ponderada de cor. É calculada pela fórmula $(FC \times 0,5) + CF + (C \times 1,5)$. Pode ser vista como uma medida bruta de reatividade, vitalidade e vivacidade e talvez uma disposição em processar e reagir à emoção. Globalmente associada a força psicológica.
MC	Soma de respostas de movimento humano e WSumC. É interpretada como um índice de recursos psicológicos e de capacidade adaptativa. Baseia-se na competência e na propensão para povoar, animar e dar cor ao mundo de experiências da pessoa. Escores altos acompanhados de respostas saudáveis indica competência para engajar no mundo com vitalidade, pensamento refletido, emoção e atividade psicológica, geralmente associado a melhor adaptação. Escores baixos sugerem recursos psicológicos limitados, ausência de pensamento e emoção estimulante, problema crônico com a capacidade de enfrentamento (<i>coping</i>).
YTVC'	Soma do sombreado e da cor acromática. Em indivíduos saudáveis, pode estar associado a sensibilidade adaptativa às tonalidades e sutilezas da vida interior ou emocional, e também das vivências interpessoais. Para indivíduos menos saudáveis, essas experiências interferem no enfrentamento e na adaptação; a pessoa experimenta angústia relacionada a ansiedade, irritação, tristeza, disforia, solidão ou desamparo.
mY	Soma de respostas de determinante movimento inanimado e sombreado difuso. Ambos têm relação com estressores de nível moderado a grave.
F%	Porcentagem de determinante forma. Escores altos indicam que a pessoa não dá atenção ou não foca nos aspectos sutis do seu ambiente externo e interno. Pode compreender a si, aos outros e ao ambiente de maneira simplista e irrefletida. Escores baixos indicam que a pessoa é capaz de dar atenção e articular nuances e aspectos sutis do seu mundo interno e externo. Poderia ser uma desvantagem por ser difícil focar em aspectos importantes do ambiente.
PPD	Determinantes potencialmente problemáticos. É a soma de FM, m, Y, T, V, C'. Relacionado a aptidão cognitiva que pode também se tornar um fardo, sendo indicadora de experiências fora do controle da pessoa em termos de

Variável	Significado / Interpretação
	necessidade, sentimento ou perturbações estimulantes, irritantes, aflitivas ou urgentes.
MC-PPD	Soma das respostas de determinante movimento humano e cor menos PPD.
WSumCog	Soma Ponderada dos 6 Códigos Cognitivos. É uma medida do pensamento perturbado e desorganizado. Elevações médias podem estar associada com pensamento e raciocínio imaturos e ineficientes.
SevCog	Códigos Cognitivos Severos. Capta as alterações mais graves dos processos de pensamento, indicativos de lapsos de nível psicótico na conceitualização, no raciocínio, na comunicação e na organização do pensamento.
MOR	Conteúdo mórbido. Associado a temas ideacionais mórbidos, pessimistas e de ruína. Também pode sugerir visão disfórica e negativa do mundo e presença implícita de angústia.
ODL	Linguagem de Dependência Oral. Altos escores de ODL são indicadores de fortes necessidades implícitas de dependência que podem ter implicações importantes no funcionamento interpessoal.
ODL%	Porcentagem de ODL.
CritCont%	Porcentagem de Conteúdos Críticos. Engloba respostas com MOR, AGM, An, Bl, Ex, Fi e Sx. Há três aspectos interpretativos: experiências traumáticas, pensamentos primitivos e fingimento.
EII-3	Índice de Enfraquecimento de Ego-3. É uma variável composta de várias outras (FQ-, M-, WSumCog, Conteúdos Críticos, PHR, GHR, R), considerada como medida de banda larga de perturbação do pensamento e da gravidade da psicopatologia.
TP-Comp	Composto Pensamento e Percepção. Avalia o teste de realidade e a desorganização do pensamento.
V-Comp	Composto Vigilância. Pontuações altas indicam estilo cognitivo de processamento da informação focalizado, esforçado, detalhista, cauteloso e vigilante; pode estar associado a distanciamento e cautela interpessoais.
SC-Comp	Composto Preocupação com o Suicídio. Escores altos estão relacionados a risco implícito de suicídio, que pode não estar evidente no comportamento manifesto e no discurso do avaliando.
Complexity	Complexidade. Uma variável composta que qualifica a quantidade de diferenciação e de integração implicadas num protocolo com base na localização, espaço branco, qualidade do objeto, conteúdos e determinantes. Escores altos podem refletir uma força psicológica, com processamento elevado, produtividade, recursos psicológicos superiores e compromisso com o mundo, ou presença de perturbação, com perda de controle ou do foco como resultado de ansiedade, agitação, mania, trauma, psicose emergente ou de ruminação autodestrutiva ou obsessões. Em indivíduos mais perturbados, pode se relacionar com confusão, limites psicológicos pobres e sentimentos de estar tomado por ideias e emoções perturbadoras e fracamente controladas.

Nota: Para evitar aspas e referências excessivas nesta tabela, todo o conteúdo é retirado do manual do R-PAS (Meyer et al., 2011/2017).